

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 3 - Número 16 - Fevereiro de 1998

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo
Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 3 - número 16 - Fevereiro de 1998

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jônatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

CEP 01028-907

EDITORIAL

Freqüentemente somos informados que alguém, algum grupo, entidade ou produtor está montando uma das peças publicadas na TEATRO DA JUVENTUDE. Seja em São Paulo ou outros estados. As notícias chegam até nós das formas mais diversas. E, embora a revista tenha sido criada para isto mesmo, sempre é uma agradável surpresa. Um outro fato que nos surpreendeu foi saber que o exemplar número 14, de outubro do ano passado, no qual foi publicado o texto *O evangelho segundo Zebedeu*, de César Vieira, fez enorme sucesso e está exposto na Biblioteca Casa das Américas de Madrid, uma das maiores bibliotecas da Europa. Esses são alguns dos frutos colhidos das sementes que nós todos, inclusive você, temos lançado. Contando com o efeito multiplicador, pouco a pouco, estamos alcançando nosso objetivo – o de estimular o fazer teatral, a cultura, a criatividade, a reflexão e, desse modo, contribuir para uma geração de adultos aptos e conscientes.

Nesta edição, a TEATRO DA JUVENTUDE apresenta uma mudança: em continuidade à seção “Como Fazer”, introduzimos a série “Depoimentos”, na qual pretendemos apresentar os mais relevantes profissionais das artes cênicas contando sua trajetória neste mundo fascinante. Nada como seguir os passos de um vencedor. Inauguramos a série com o depoimento de Lauro Cesar Muniz, autor teatral, roteirista de televisão e cinema. Entre seus trabalhos, as memoráveis peças: *O santo milagroso*, *Luar em preto e branco*; as telenovelas *O casarão*, *O salvador da pátria* e outras mais. Quanto aos textos, estamos publicando a inédita *Miss Canil - um besteirol infantil*, de Ewa Procter; a *Aleijadinho, aqui e agora* ou *Aleijadinho, sua pedra sabão finalmente com enzimas*, uma comédia musical em dois atos, de Lafayete Galvão que, de uma forma lúdica, resgata um pouco de nossa história e, finalmente, a deliciosa farsa de costumes, *O macaco da vizinha*, de Joaquim Manuel de Macedo, cuja história situa-se no Rio de Janeiro em 1885.

Finalmente, na seção “Livros”, temos o recém lançado *Teatro vivo na escola*, de Ana Lúcia F. Cavaliere, um prazeroso estímulo ao fazer teatral, recomendado a alunos da 6ª. série em diante, alunos de cursos de teatro, educadores e orientadores educacionais e a todos que se interessam pelo fazer teatral. Trazendo um visual bem cuidado e uma linguagem simples e acessível, é um fazer no aspecto literal da palavra.

Boa TEATRO DA JUVENTUDE para você.

Erné Vaz Fregni

CARTAS

S.O.S. AOS GRUPOS

 *Por gentileza, gostaríamos de informações sobre Teatro de Fantoches, uma vez que estamos iniciando o trabalho. Todo o material que for possível, tratando-se de teatro, será bem-vindo.*

*Pedro Sene - Equipe "Apostolos"
Av. Boiadeira, 475 - CEP 14.900-000
Itápolis - SP*

 *Venho solicitar material sobre teatro. Sou professor e diretor de teatro e trabalho com um grupo de crianças, o "Grupo Corujinhas", que completou quatro anos de existência. Sentimos muitas dificuldades em montar peças por falta de textos.*

*Luciano Lopes
Rua Edilson Sucupira, 231 - Sossego
CEP 63100-000 - Crato - Ceará*

Resp.: Os pedidos estão aí. Esperamos que os profissionais das respectivas áreas atendam.

AGRADECIMENTOS

 *Agradecemos o envio dos números 10,11 e 12 da Teatro da Juventude.*

*Ir. Maria Aparecida Marin
Lins - São Paulo*

 *Recebemos os exemplares 8, 9 e 10 da TEATRO DA JUVENTUDE e gostaríamos de receber os demais números*

*Lilian Mazzer B. - diretor esc. designado
E.E.P.G. "Profa. Maria Paula R.
Paes" Piedade - SP*

 *Recebemos e agradecemos o envio dos exemplares 2, 9 e 10 da TEATRO DA JUVENTUDE.*

*Maria Cecília Soubhia - Bibliotecária
Chefe - Museu Lasar Segall - Biblioteca
Jenny K. Segall - São Paulo - SP*

SOLICITAÇÕES DA TEATRO DA JUVENTUDE

 *Sou professora de Sociologia e atriz e estou formando um grupo de teatro e também uma escolinha de interpretação para crianças aqui na minha cidade - Campinas - SP, e gostaria de receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE para poder trabalhar com essas crianças os textos publicados e também usufruir com elas as dicas e os textos de história do teatro que vocês trazem em cada edição. Se possível, gostaria de receber desde o primeiro número. Conheci a publicação através de um amigo de São Paulo, em outubro, e parabéns esta iniciativa que, com certeza, trará o teatro para mais perto das pessoas que*

carecem de cultura e informação. Só acho que esta publicação poderia ser mais divulgada, pois quanto maior o número de pessoas que a conhecerem, maior também será o retorno para vocês, que se preocuparam em editar obra tão pertinente, oportuna e bem vinda!!!!!!

*Silvana Di Blásio
Campinas - SP*

 *Solicitamos doação da revista TEATRO DA JUVENTUDE para incorporar ao acervo das bibliotecas do SESI. Atualmente o SESI possui uma rede de 47 Bibliotecas Circulantes em todo estado de São Paulo que atendem aos seus alunos e à comunidade local.*

*Celio Jorge Deffendi
Chefe Interino da Subdivisão de
Projetos Culturais - SESI
São Paulo - SP*

 *Trabalho há 20 anos como professora de teatro na Sociedade de Cultura Artística do Crato, Entidade Filantrópica conveniada com a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. O curso de teatro é composto de alunos da periferia a partir de 7 anos. Temos três grupos: Grupo "Fantasia"(infantil), Grupo "Máscaras" (juvenil) e Grupo "Cênico"(adulto). Por não ter recursos de textos teatrais, gostaria que nos enviasse a revista TEATRO DA JUVENTUDE para maior rendimento do nosso curso*

*Maria Orleyna Moura Bezerra
Teatro Rachel de Queiroz
Crato - CE*

 *Venho solicitar a doação de um jogo de revista TEATRO DA JUVENTUDE*

para a Biblioteca do Teatro Municipal Fausto Bellini Degani.

*Geraldo D. Carvalho - diretor do teatro
Batatais - SP*

 (...) *Gostaria de saber como proceder para receber os exemplares que já foram publicados e os futuros. Sou professora de Iniciação às Artes Plásticas da Casa da Cultura do Município de Valinhos e desenvolvo um trabalho junto ao Curso de Iniciação Teatral da mesma, trabalhando na montagem e confecção de cenários, figurinos e adereços, através da técnica de reciclagem.*

*Alessandra Buffa
Valinhos - SP*

 *Sou coordenadora pedagógica e tomei conhecimento da TEATRO DA JUVENTUDE por minha diretora. Achamos muito interessante e nos será de grande importância. Gostaríamos de saber se poderiam nos enviar os números já publicados e os próximos exemplares. Temos em mãos o exemplar 11, de abril de 1997. É uma pena já estar no ano 2 e só agora termos tido a oportunidade de conhecer este belo trabalho. Sugerimos à Secretaria do Estado da Cultura que divulguem mais trabalhos nesse sentido, pois acreditamos que podemos usar o teatro como estratégia pedagógica para despertar em nossos alunos o prazer do estudar.*

*Maria Helena Ferraroni S. de Oliveira
E.E.P.G. Profa. Maria Rosa Cardine
dos Santos - Sumaré - SP*

 *Solicitamos a V.Sa. a doação da TEATRO DA JUVENTUDE, para compor o acervo de nossa biblioteca.*

*Norma Sueli Gomes - resp. p/
Hemeroteca - Biblioteca Cerqueira
Cesar - Faculdades Integradas de
Guarulhos - Guarulhos - SP*

 *Vimos solicitar a doação da coleção
TEATRO DA JUVENTUDE, pois a
mesma será de grande utilidade aos
usuários da Biblioteca do Colégio São Luis.*

*Ivone Simões - bibliotecária
Colégio e Faculdade São Luís
São Paulo - SP*

 *Solicito a coleção TEATRO DA
JUVENTUDE, inclusive os números
atrasados, a fim de divulgá-la entre os
adolescentes com os quais trabalho.*

*Cintia Regina Alves Pereira - diretora
de teatro
São Paulo - SP*

 *Tive contato com a TEATRO DA
JUVENTUDE pelos meus amigos autores
Zeno Wilde e Ricardo Leite. Achei de
altíssimo nível e muito bem organizada e
editada. Quero pedir um imenso favor:
receber os números atrasados e fazer parte
da mala direta das novas edições. Faço
parte de um grupo de atores e auto-
produzimos nossos espetáculos. Será
excelente ter contato com novos textos
para que possamos selecioná-los e, se
possível, encená-los. Um grande abraço e
parabéns pela grande iniciativa.*

*Roberto Rocha - ator
São Paulo - SP*

 *Numa pesquisa para adquirir novos
textos para teatro, encontrei na
Biblioteca Municipal de Patrocínio
Paulista, uma nova revista TEATRO*

*DA JUVENTUDE; fiquei muito
emocionado quando vi a última página
- a ficha de cadastro para receber a
revista. Gostaria, portanto, de fazer
parte do cadastro e receber as revistas, se
possível também os números já
publicados. Sou instrutor de teatro e
estas revistas serão de supra importância
para mim e para o Grupo GECA -
Grupo Estudantil de Comunicação
Artística. Agradeço e parablenizo pelos
serviços prestados.*

*Geraldo José Borges - instrutor de teatro
Patrocínio Paulista - SP*

 *Há mais de oito anos nosso colégio vem
trabalhando com o teatro como
atividade extra-classe. Tivemos
conhecimento da TEATRO DA
JUVENTUDE e será um recurso muito
útil para os nossos grupos de teatro.
Estamos enviando as informações
solicitadas na própria revista, para que
possamos recebê-la.*

*Ir. Valentina Augusto - diretora
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora
Ribeirão Preto - SP*

 *Estamos enviando o formulário contendo
informações da nossa entidade e, assim,
passarmos a ser correspondidos no
recebimento da revista TEATRO DA
JUVENTUDE, um belíssimo profejo
que vai ser de grande valia para nossa
comunidade teatral.*

*Claudio Soares da Silva - Assessor de
Comunicação - Associação dos Artistas
de Caruaru - Caruaru - PE*

 *Sou aluna do 3º. ano do Curso
"Aprendizes do Evangelho" da*

Instituição Beneficente “A Luz Divina”. Neste curso faço parte de uma comissão artística, a qual destina-se na maioria das vezes em apresentar algum tipo de quadro ou peça teatral em creches, hospitais ou escolas carentes, em visitas periódicas no decorrer do ano. Ao procurar uma peça infantil e tomar conhecimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE, fiquei fascinada, pois é exatamente o tipo de trabalho que gostaríamos de realizar, principalmente voltada às crianças. Assim sendo, gostaria de solicitar à vocês, se possível, os exemplares existentes da revista para que possamos continuar realizando nosso trabalho. Esperando contar com sua colaboração, agradeço em nome de toda nossa comissão artística da escola.

*Elizabeth Maceron
Instituição Beneficente ‘A Luz Divina’
São Paulo - SP*

 (...) Mantenho um grupo de teatro infante-juvenil, o Grupo Chaplin e um grupo adulto, o Grupo Essência, com muita dificuldade e carência de textos. Vi na revista TEATRO DA JUVENTUDE um importante veículo para que possamos nos aprimorar e trabalhar textos que venham de encontro ao público. Tenho a revista número 12 e gostaria que me enviassem as anteriores e as próximas edições.

*João da Silva Machado
Matão - SP*

 Por indicação de nossos professores, a direção desta Escola vem solicitar a V.Sa. exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Salientamos que este material subsidiará as aulas de

Teatro, proporcionando aos nossos alunos uma visão mais ampla sobre o tema.

*Rosemeire P. Carminholli Visconti
Escola de Educação Infantil Viva
VidaSão Bernardo do Campo - SP*

 (...) Sou apaixonada por teatro e estou fazendo um trabalho voluntário com adolescentes. (...) O que me levou a escrever é a dificuldade em conseguir material de estudo e trabalho e sou fã desta revista. Nela encontro conteúdo para tirar muitas dúvidas, minhas e dos adolescentes. Parabéns! Gostaria muito de receber as revistas pois costumo pegá-las na Biblioteca Municipal e lá o prazo é muito curto para se estudar. (...) Parabéns pelo trabalho de vocês! Ficamos felizes em saber que existem pessoas como vocês que se preocupam com pessoas como nós! Felicidades e sucesso a todos da revista TEATRO DA JUVENTUDE.

*Renata Maria Soares Ferreira - Grupo
“Arco-íris” - Piraju - SP*

 Venho parabenizar o trabalho realizado por essa equipe com a revista TEATRO DA JUVENTUDE, que tem se mostrado um excelente material dramaturgico. Gostaria de receber a revista porque, no meu trabalho como artista-educadora, seria fundamental para diversificação, aprendizado, debates, prática e futuros exercícios cênicos para o público. (...)

*Vilma Campos dos Santos - artista-
educadora - Santo André - SP*

 Gostaria de adquirir todos os exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Sou professora de Educação Artística na

rede estadual (...). Tenho intenção de ministrar aulas de teatro para os jovens que ensino. A escola possui apenas uma coleção que é utilizada por vários professores e, por isso, os alunos não têm acesso. Agradeço a colaboração.

*Eliana Zanella Luiz - professora
E.E.P.S.G. Prof. Carlos Pezzolo
São Bernardo do Campo - SP*

 Tomamos conhecimento da revista (...) e solicitamos que nos conceda uma assinatura, caso haja possibilidade de atendimento às Escolas Públicas de outro Estado.

*José Rezende Vilela
Escola Estadual Técnico Industrial
"Tancredo Neves"
Brasópolis - MG*

 Como professor e ator e integrante do Movimento Cultural e Estudantil de São Vicente - SP, gostaria de receber bimestralmente a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, incluindo os números atrasados. Acredito na eficiência do teatro na educação. Agradeço a atenção, cumprimentando-os pela riqueza deste belo trabalho.

*Edmilson Sabino - professor de artes
cênicas - São Vicente - SP*

 Tenho em mãos o volume 12 da *TEATRO DA JUVENTUDE* e gostaria de receber do volume 1 até ao atual. Eu e meu grupo fazemos curso de teatro no SESI de Santa Terezinha, apresentamos várias peças teatrais e gostaríamos de aproveitar as peças da revista.

*Fernando - Grupo Lafec
Santo André - SP*

 Leciono português e estou trabalhando com peças teatrais durante as aulas. Por interesse dos próprios alunos, resolvemos formar um grupo teatral amador e precisamos dos exemplares *TEATRO DA JUVENTUDE* porque estamos usando o material que pertence a escola (...).

*Prof. Cleonice Vieira da Solva
E.E.P.S.G. Prof. Ary Jorge Zeitune
Guarulhos - SP*

Resp.: Sentimos informar que muitos números anteriores da coleção estão esgotados, principalmente os mais antigos. No entanto, na medida do possível, estamos atendendo as solicitações e, gradativamente, providenciando o envio das revistas. Quem quiser retirá-la na própria secretaria, atente para o novo endereço: rua Mauá, 51 - Praça Júlio Prestes.

 Solicitamos a revista *TEATRO DA JUVENTUDE* para uso nas aulas de Educação Artística e Música. (...) Não temos nenhum exemplar e ficamos sabendo do material por um professor.

*Inês Conceição Ap. dos Santos
Colégio Cosmos de 1o. e 2o. Graus
Campo Limpo Paulista - SP*

SOLICITAÇÃO DA REVISTA *TEATRO DA JUVENTUDE* PELO PREENCHIMENTO DA FICHA NO FINAL DA REVISTA

*Colégio Objetivo (Grupo "Corujinhas")
Luciano Alves Lopes
Crato - Ceará*

*E.P.S.G. "Natureza Viva"
Neuceli Pereira Siqueira
Itaporanga - SP*

*Grupo “Ratos do Palco”
Ronaldo Gil Pisanesta
São Paulo - SP*

*E.E.P.G. Dr. Carlos Guimarães
Maria Emília Lepri Pieri
Sta. Cruz das Palmeiras - SP*

*Grupo “Cia. Experimental de Teatro
Ívan Pablo Quinalia
Tupã - SP*

*Grupo Lafec
Caio Evangelista
Santo André - SP*

*Escola Cooperativa de Piracicaba
Vera Maria Alves Mendes
Piracicaba - SP*

*E.E.P.S.G. Conj. Habitacional “Roberto
Romano” - Roseli Maria Dal Bello
Fagnoli - Santa Bárbara D ‘Oeste - SP*

*Cia. Teatral Paulino Santiago de
Itapira - Rodolfo Adorni Pereira
Itapira - SP*

*Grupo de Theatro Corpo e Expressão
Junior Mosko
Tatui - SP*

*E.E.P.G. “Recanto São Manoel”
Sandra Cristina M. Rosa Castanho
Salto de Pirapora - SP*

*Cia. Teatral Papo Cabeça
Robson Belchior O. Chaves
Suzano - SP*

*Colégio Módulo
José Eduardo, Celso Rocha e Enoch
Flori - São Paulo - SP*

*Grupo “Anjos de Cordel”
Fernando Peixoto
Bauru - SP*

*E.E.P.G. “Prof. Luiza Helena de
Barros” - Maria das Dores Ranieri
São Sebastião - SP*

*Comunidade Santa Helena
Sandra Marques Fernandes
Suzano - SP*

*Prefeitura Municipal de Cajati
Paulo Odilon Rodrigues - Seção
Cultura - Cajati - SP*

*Igreja Católica Santa Helena
Madalena de Camargo Cabral
Suzano - SP*

*E.E.P.S.G. dona “Vitu Giorgi”
Domingos Galindo Mendes Neto
Oriente - SP*

*E.E.P.S.G. “Prof. Leonor Fernandes da
Silva” - Dorcas Rodrigues de Campos
Reis - Salto - SP*

*E.E.P.G. “Prof. Vicencina Aparecida
Vaccaro Morsoleto”
Domingos Corsi Filho - diretor
Guaira - SP*

*Grupo Teatral Kriaturas
Cleber Rodrigo Centurion
Américo Brasiliense - SP*

*E.E.P.S.G. “Prof. Nathanael Silva”
Andrea Cristina Muraro
Várzea Alta - SP*

*E.E.P.G. “Prefeito Joaquim
Pires Sobrinho”
Prof. Maria Regina Carneiro
Jaguariuna - SP*

Sesc Pompéia / Curumim
Sérgio José Batistelli e Dóris Sather de
Souza Larizzatti - São Paulo - SP

Fundação Síndrome de Down
Angelina Garcia - Campinas - SP

E.E.P.S.G. Voluntário Carmo Turano
Diógenes José Vieira - Cedral - SP

E.E.P.G. "Elizete Oliveira Bertini"
Prof. Vilson Gonzada da Silva
Embu - SP

Escola de Educação Infantil Ser
Criança - Zenaide Aparecida
Figueiredo - Pres. Prudente - SP

Centro de Divulgação e Valorização da
Leitura - Eduardo Francisco
São Paulo - SP

Espaço Oficina Cultural Ltda.
Camilo de Oliveira Tostes
São Caetano do Sul - SP

Grupo Teatral BECA (Bebedouro
espetáculos Culturais e Artísticos
Marcos Antônio Gonçalves Jr.
Bebedouro - SP

E.E.P.S.G. "Prof. Maria Aparecida
Coimbra" - Luiz Emilio Castro Berbel
Presidente Alves - SP

E.E.P.S.G. "Padre Mário Briatore"
Mário Cesar de Moraes - coordenador
Salto Grande - SP

Grupo Teatral "Palhaços de Rua"
Whisley Fagliore
Dracena - SP

ESCREVA PARA **CARTAS**

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**.
Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões,
críticas e informações.

MUDOU O ENDEREÇO, AGORA É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

SUMÁRIO

Depoimento

O nascimento de um ator teatral	14
Lauro César Muniz	

Livros

Teatro vivo na escola	19
Ana Lúcia F. Cavallieri	

Textos

Infantil

Miss Canil, um Besteiro Infantil	21
Ewa Procter	

Adolescente

Aleijadinho aqui e agora	39
Lafayette Galvão	

Amador Adulto

O macaco da vizinha	89
J. Manuel Macedo	

DEPOIMENTO

O NASCIMENTO DE UM AUTOR TEATRAL

de Lauro César Muniz

O que dizer à moçada que quer fazer teatro? De imediato me vêm à lembrança as palavras do Alfredo Mesquita, lema da Escola de Arte Dramática:
– Teatro é duro!
Simples e verdadeiro. A opção pelo teatro não é, como muitos pensam, uma forma de levar a vida como quem brinca de faz-de-conta... Pode até ser, para quem quer fazer do teatro um passatempo, um entretenimento ou até uma terapia. Mas para quem quer pensar o teatro como profissão deve estar muito atento para as dificuldades tremendas sintetizadas na frase do diretor da E.A.D. Teatro é duro, é muito duro, exige dedicação total, estudo profundo, aprendizado persistente de técnicas de comunicação.

Tanto para os que desejam ser atores como para os que desejam ser dramaturgos, escritores de textos teatrais. Para os que querem pisar nos palcos ou arenas como atores e atrizes há que estudar com muito afincamento técnicas de emissão de voz, dicção,

expressão corporal, concentração e o que é mais importante: como transformar vivências interiores em contribuição para a criação de personagens. É preciso conhecer a história do teatro para abrir o leque às amplas manifestações de personagens clássicas e tomar contato com as várias formas de expressões artísticas, pois não é só o realismo e o naturalismo que fazem parte da dramaturgia universal. Há o teatro clássico, o teatro medieval, o expressionista, o teatro épico, o teatro simbolista e as muitas formas de comédia e humor. Sem uma boa postura de corpo, sem uma dicção adequada, tudo se perde na distância que existe entre o palco (ou arena) e a platéia...

Antes de ir estudar dramaturgia na Escola de Arte Dramática eu tive algumas experiências no teatro amador onde pude testar a eficiência e conhecer as deficiências das primeiras peças teatrais que escrevi. Minha primeira peça que estimulava e alentava um caminho para o futuro foi

Este Ovo é um Galo, encenada num Festival de Teatro Amador, em 1959. Nada melhor para um dramaturgo novato do que ver e acompanhar a montagem de seu texto por um grupo teatral. Na prática é possível sentir melhor o efeito das frases escritas

(falas) tornadas sons nas bocas dos atores. Nem tudo que tinha um bom efeito enquanto texto escrito ressoava no palco com a mesma força. O tempo de apreensão de uma idéia colocada no

papel é diferente do tempo de apreensão de uma frase emitida pelo ator. Pode-se sentir os tempos mortos da ação dramática e os excessos verborrágicos que provocam na platéia tédio e desinteresse. O sentido de síntese, tão importante no teatro, é apreendido com mais clareza ao se ver personagens se movimentando e criando vida diante dos nossos olhos.

A experiência da encenação de *Este Ovo é um Galo*, embora bem sucedida e premiada no Festival, suscitou em mim, jovem autor, muitas dúvidas quanto à técnica de dramaturgia. Embora assistisse muitas peças e lesse os clássicos ou os grandes autores modernos, eu sentia necessidade de aprofundar meus conhecimentos. Começava a perceber que a "brincadeira" do teatro amador era insuficiente para minha formação e minhas ambições

de desenvolver uma carreira no teatro. Cheguei a compor, na época, um decálogo a partir das críticas e análises de algumas peças que estavam em cartaz, feitas por Sábato Magaldi no suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. No meu

método autodidata, eu lia a peça, assistia ao espetáculo mais de uma vez e destrinchava as análises do Sábato. Consegui estabelecer assim os dez "mandamentos"

"O fenômeno que gera a comunicação, tanto no teatro, como na televisão, é o mesmo: a ação dramática."

que me ajudaram muito a escrever novas peças, entre elas a primeira versão em um ato de *O Santo Milagroso*. A peça, também encenada por amadores, no teatro das segundas-feiras do Arena, abriu-me um diálogo com Augusto Boal, que dirigia o Seminário de Dramaturgia daquela companhia. Como o seminário já estava em andamento há um bom tempo, o Boal me sugeriu que fizesse o curso de dramaturgia que seria aberto na Escola de Arte Dramática, o primeiro curso para autores teatrais organizado em São Paulo. Foi lá que entrei em contato mais profundo com teorias da arte, do teatro e de dramaturgia, sistematizando tudo aquilo que eu intuía como autor dileitante. Fui aluno de Sábato Magaldi, Décio de Almeida Prado, Alfredo Mesquita, Anatol Rosenfeld, Alberto D'Aversa, Pedro Balasz, além do próprio Augusto Boal. Durante o curso escrevi

a versão definitiva de *O Santo Milagroso*, que me abriu a porta, em 1963, para o teatro profissional, numa encenação deliciosa da companhia de Cacilda Becker, com direção de Walmor Chagas. A partir dessa encenação não parei mais: escrevi várias peças, roteiros para cinema e novelas para televisão.

Em alguns encontros com jovens interessados em dramaturgia para teatro e televisão sempre me colocam a questão: qual a diferença entre escrever para o teatro e para a televisão, mais especificamente uma telenovela?

Além da óbvia extensão da telenovela, com muito mais personagens e várias tramas paralelas, é preciso estar atento também para a linguagem: no teatro predomina a palavra como veículo básico de comunicação; na televisão - um híbrido do cinema e do rádio - a imagem é um fator importante. Muitas vezes o big-close de um ator substitui com vantagem uma frase que, no teatro, seria necessária. São gêneros diferentes, mas é importante que se diga que, em essência, o fenômeno que gera a comunicação, tanto no teatro, como na televisão, é o mesmo: a ação dramática. Por isso, para o estudante de dramaturgia de televisão é fundamental o conhecimento da dramaturgia do teatro. Ao assimilar a

estrutura dramática que norteia uma peça teatral, o aspirante a roteirista de televisão estará adquirindo ferramentas básicas, essenciais, para dominar a comunicação dramática. O resto são detalhes, particularidades de cada meio de comunicação.

O que é válido para o aprendiz de roteirista é válido também para os que pretendem ser atores ou atrizes de televisão. Uma base teatral, o conhecimento das várias técnicas do palco facilitam a vida diante das câmeras. O resto, como se disse acima sobre os dramaturgos, são detalhes. O ator na televisão acaba aprendendo

a dosar seu meios de expressão: se no teatro os gestos e a voz têm de ter certa projeção, na televisão, pela própria intimidade que a câmera propicia, sempre se procura uma economia de gestos e volume de

voz. Não é por acaso que os melhores atores da televisão são os que têm experiência do palco.

Pessoalmente eu não consigo estabelecer critérios de valor ao escrever para o teatro ou para a televisão. Não considero o teatro uma arte-maior ou a televisão uma arte-menor, com se pensa vulgarmente por aí. Tenho posturas diferentes num gênero e no outro. No teatro expresso minhas ansiedades pessoais: um texto teatral é para mim o desabafo de um

“Um texto teatral é para mim o desabafo de um sentimento. Escrevo por uma compulsão forte e incontrolável.”

sentimento. Escrevo por uma compulsão forte e incontrolável. Algum tema que me incomoda e insiste em meu íntimo e que me obriga a enfrentá-lo em forma de expressão dramática. Na televisão, com raras exceções, minha postura é menos pessoal. Tenho que comunicar uma idéia que está latente no imaginário popular e devo para isso usar a melhor técnica. Na televisão estou mais atento à comunidade. No teatro estou mais voltado para meu próprio interior. A

televisão tem uma massa de espectadores fantástica e eclética. É preciso estar atento ao denominador comum que essa massa nos transmite e devolver a ela em termos de uma história forte. É preciso que eu me identifique com ela. No teatro, ao contrário, a platéia restrita e pequena poderá ou não se identificar com minhas ansiedades. Posso correr o risco que não corro na televisão.

Eu nasci para o teatro e para a TV num tempo em que tudo estava se formando. Descobri caminhos e fiz meus próprios experimentos na TV. Hoje as boas escolas de comunicação estão aparelhadas para preparar os

futuros profissionais. Para os que querem se aprofundar na arte do teatro e da televisão há vários caminhos, ótimas escolas. Para os atores eu indicaria a Escola de Arte Dramática. Para os que desejam conhecer dramaturgia, a Escola de

Comunicações e Artes da USP. Para os que têm urgência em escrever para a televisão há uma ótima oficina de formação de autores, da Rede Globo. Para aqueles que já têm textos teatrais e alguma experiência,

vale a pena procurar o pessoal da Sociedade Lítero-Dramática Gastão Tojeiro e sentir os resultados de uma leitura - ou até eventual encenação - feita por profissionais.

Para os muito talentosos basta desejar sorte...

“Na televisão estou mais atento a comunidade. No teatro estou mais voltado para meu próprio interior.”

Lauro César Muniz é autor teatral, roteirista de televisão e cinema. Entre suas peças destacam-se: *O Santo Milagroso*, *A Infidelidade ao Alcance de Todos*, *Sinal de Vida*, *Direita*, *Volver!*, *Luar em Preto e Branco*. Para a televisão escreveu algumas novelas, entre as quais: *Escalada*, *O Casarão*, *Espelho Mágico*, *Roda de Fogo*, *O Salvador da Pátria*, *Zazá*.

LIVROS

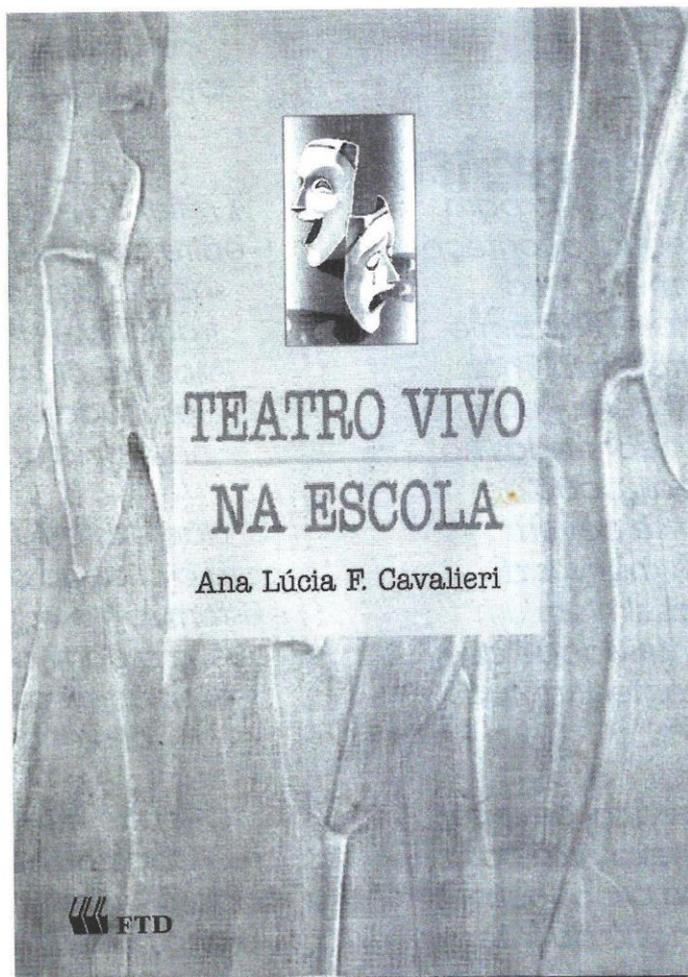
NO FAZER TEATRAL O ESTÍMULO À REFLEXÃO

Reflexo da realidade ou recriação de sonhos, o teatro faz rir, chorar e refletir. Na escola, pensar a realidade pelo teatro enriquece a percepção e produz indivíduos mais sensíveis e conscientes.

Teatro vivo na escola, de **Ana Lúcia F. Cavaliéri**. Editora FTD, 79 págs. Leve e prazeroso, o livro instiga o leitor desavisado que apenas consegue parar a leitura do último parágrafo. E lamenta que terminou. Recomendado a alunos da 6ª série em diante, alunos de cursos de teatro, educadores e orientadores educacionais e a todos que se interessam pelo fazer teatral. Não se trata de um livro teórico nem tem a pretensão de formar um ator, avisa a autora. “É um estímulo à arte de fazer teatro. Fazer teatro nas escolas, em igrejas, nas associações de bairro etc.” Ana Lúcia é atriz e arte-educadora especializada em psicologia da arte. Foi integrante e uma das fundadoras

do *Grupo de Arte Ponkã* que, na década de 80, destacou-se no cenário teatral pela moderna linguagem gestual e plástica. Didática, ela mantém uma sistemática e coerência nas informações ao mesmo tempo que, com incrível precisão de quem conhece a arte, apresenta

cenas dramáticas com diálogos simples e corriqueiros mas de conteúdo contundente. Essas cenas, à primeira vista despreziosas, além de possibilitarem que sejam trabalhados elementos cênicos, como figurinos, sonoplastia, iluminação e todas as demais técnicas necessárias, são ponto de partida para uma proposta maior –



o estímulo à reflexão. Ou seja, a partir de uma cena aparentemente simples, a autora propõe a criação de outras versões para aquele mesmo assunto, assim como estudos e discussões. Com isso pretende interagir com a realidade de cada um. Como apoio, indica filmes, textos teatrais, livros e músicas sobre a temática discutida. Nessas cenas, nada é por acaso. Ana Lúcia consegue trazer à tona os conflitos mais freqüentes de nossa sociedade como os familiares, amorosos, sexuais etc., e aborda problemas atuais como drogas, Aids etc. Na última parte do livro, o "Vocabulário teatral" elucida as possíveis dúvidas da terminologia cênica, e a "Bibliografia recomendada" traz 34 indicações de obras sobre o fazer teatral.

Trechos do livro:

"Basicamente é preciso apenas um texto, atores e platéia para que o fenômeno teatral aconteça.

Os outros elementos da montagem teatral valorizam e enriquecem o trabalho, mas podemos prescindir deles. Portanto, as dificuldades encontradas no processo de realização do trabalho não se devem transformar em motivos de desistência, mas sim em um desafio à nossa criatividade que, na magia do fazer teatral, tudo pode."

"A improvisação teatral deve ser encarada de maneira prazerosa, como um jogo ou brincadeira, sem a preocupação do fazer 'certo' ou 'errado'."

"A sonoplastia será o ponto forte dessa cena. Valorize a trilha sonora pesquisando os sons, ruídos, músicas etc. de um recreio de colégio. Crie ruídos incidentais, efeitos especiais... Arrisque!"

"Personagem é uma pessoa imaginária, criada à imagem e semelhança de seres humanos."

"Para construir uma personagem, além do uso da imaginação, é fundamental desenvolver a capacidade de observação. Por exemplo, observar no dia-a-dia e registrar as características humanas, como comportamentos, gestos, tiques nervosos, modos de vestir, falar, olhar e andar. É importante também a observação de filmes, vídeos, quadros, fotografias, leituras de jornais, revistas e livros."

"A reflexão e a troca de opiniões entre diretor, elenco e técnicos sobre o desenvolvimento do trabalho é de fundamental importância para obter bons resultados e uma perfeita harmonia do espetáculo."

"Não existem fórmulas prontas para a criação de cenários. O que existem são propostas e tendências que, a partir de linhas filosóficas e/ou artísticas, seguem estilos diferenciados (...)."

"O teatro mostra uma fatia da realidade ou do sonho. Às vezes ácido, às vezes doce. Faz pensar, rir e chorar. Reflete, recria, revive o exercício da Vida."

Infantil

Miss Canil, um Besteiro Infantil
Ewa Procter

“MISS CANIL” UM BESTEIROL INFANTIL

Ewa Procter

PERSONAGENS

Cachorro (Roberto Carlos)

Perua

Fofinha

CENÁRIO

(O cenário é neutro. Pode ser muito simples, feito com rotunda preta ao fundo. Duas saídas, uma para cada lado, que podem ou não ser portas. Pendurada na rotunda, uma moldura de madeira vazada imitando janela, e enfeitada por uma cortina; uma mesa coberta por uma toalha, e banquinhos, representando uma sala de almoço ou copa não realista. Em cima da mesa, um imenso telefone cenográfico; pendurado na parede, um interfone. Existe também em cena, no fundo, uma geladeira pequena, que pode ser cenográfica. Uma vassora encostada no canto, atrás da geladeira. O mais importante são os figurinos, que devem ser bonitos e vistosos; o cenário deverá conter adereços, mas nada muito pesado. A luz e a sonoplastia são elementos importantes para situar as diversas cenas.)

ATO ÚNICO

(O público já está sentado, quando as luzes se acendem sobre o palco. Toca a música da entrada do Cachorro. Ele entra, pela esquerda, com um andar pesado e deita no meio do palco. Ajeita-se. Num instante, parece estar cochilando. O ator está com um figurino que o caracteriza como Cachorro. Além disso, tem por cima do figurino uma espécie de colete estilizado, como as roupas que alguns Cachorros usam. E se for viável, também botas, imitando botinhas

caninas. Roberto Carlos é um Cachorro/ator grande e pesado, daqueles que parecem estar de bem com o mundo, embora se sinta meio inconformado com a própria vida. Música de fundo. O Cachorro se espreguiça, num gestual exagerado, retomando depois a sua posição anterior. Entra a “Perua”, também pela esquerda. A “Perua” é a dona do Cachorro. O seu figurino é muito esquisito, saltos altíssimos, peruca vermelha, roupa justa e muito colorida, maquiagem bem carregada. Parece

um espantalho. Sempre que o Cachorro se dirigir à "Perua", fará um "Grrrr" antes.)

"PERUA" (entra meio dançando, bem descontraída): Oi, meu lindão! (Abaixa-se com a maior dificuldade, devido à roupa justa e faz um cafuné na orelha do Cachorro.)

CACHORRO (acordando, meio assustado): Grrrr! (Avança ligeiramente para ela. Ela se desequilibra.) Grrrr !

"PERUA" (respirando fundo): Ah, que susto! Como é que você faz isso com a mamãe?

CACHORRO (num aparte, para o público): Mas olha só pra isso! E essa "perua" aí que vocês estão vendo lá tem cara de ser mãe de alguém? Só se for de um espantalho.

(Obviamente, a "Perua" entende o que o Cachorro fala: de qualquer forma não ouviu nada do que o Cachorro disse. Ela desfila diante da platéia, arrumando alguma coisa no cenário, os banquinhos ou a cortina, tudo de uma forma ridícula.)

"PERUA" (dirigindo-se à toalha da mesa. Passando carão): Oh, sua toalha levada. Como é que você se amassou desse jeito ?

(Endireita a toalha, e tenta esticá-la com a mão.)

CACHORRO (dirigindo-se à platéia): Vocês estão vendo ? Ela conversa com a toalha. E ainda dizem que os seres humanos são mais inteligentes que os animais. E eu, que sou um Cachorro sério e respeitável, sou obrigado a conviver com essa maluquice. Vocês já imaginaram um Cachorro fazendo um papel

ridículo desses?

(O ator deverá contar com as reações da platéia, e responder a elas ad lib. Se houver reação, ele continuará dentro do texto.)

CACHORRO: Mas vamos ao que interessa. Essa minha "mãe" aí me fez perder o fio da meada. (Aproxima-se da platéia.) Olha aqui, pessoal, antes de mais nada, eu quero me apresentar. Meu nome é Roberto Carlos. É. Roberto Carlos. Sabe, aquele (Canta meio desafinado a música de Roberto Carlos.) "Os botões da blusa... que você usava..." A minha versão é meio diferente. (Tenta arrancar o colete canino.) Escutem só: (Usando a mesma música.) "O velcro desse colete... que eu só arrancava..."

"PERUA": Não fica puxando a roupa, Roberto Carlos. Que horror !

CACHORRO (olhando para a "Perua"): Olha só que saco que é essa "perua". (Para a platéia.) Vocês estão acompanhando, não estão?

"PERUA": Gastei uma nota com a sua roupa, e você já transformou ela num trapo.

CACHORRO (para a "Perua"): Grrrr ! E é daqui pra pior. (Para a platéia) Desculpem a interrupção. Vamos voltar ao que interessa. Bom. A minha família... Todos os meus quatro irmãos também têm nome de cantor. Tem o Carlinhos Brown... a Daniela Mercury... a Maria Betânia... e o Ney Matogrosso. Nenhum deles canta. Mas todos latem... desafinado! Assim, ó! (Ele late, meio fora de tom.) A minha mãe de verdade se chamava Fafá de Belém. Como já deu pra

ver, uma família bem musical mesmo.

(Coça o pescoço, num gesto exagerado, e depois se deixa cair de novo no chão.)

“PERUA” *(meio preocupada)*: Eu não sei o que é que esse Cachorro tem. Comprei o Roberto Carlos pra me fazer companhia. Mas ele dorme quase que o tempo todo, mal se mexe.

CACHORRO *(exagerado)*: Eu estou é me sentindo muito fraco.

(Esparrama-se no chão.)

“PERUA” *(continuando)*: O Roberto Carlos não me dá a mínima... Quando eu chego perto, ele fica irritado. *(O Cachorro late, um latido aumentado pela sonoplastia. A “Perua” vai para junto dele.)* Será que ele está com fome? Vai ver que é por isso que fica aí caído, sem fazer nada.

(Ela examina o Cachorro, apalpando-o. O Cachorro rola de barriga para cima, como os Cachorros costumam fazer. Endireita-se e olha para os lados. A “Perua” vai para a geladeira e olha alguma coisa ali dentro.)

CACHORRO *(para a platéia, sentado)*: Eu sou um Cachorro respeitável. Vira-lata, tudo bem, mas o meu bisavô era de raça. Agora, por mais vira-lata que eu seja, não dá pra ter uma mãe “perua” que nem essa aí, dá? *(Ele puxa o colete.)* E ter que usar essa coisa ridícula. Onde é que já se viu Cachorro de roupa? *(A “Perua” continua a mexer na geladeira.)* E o pior é que eu ainda tenho que ficar fazendo essas gracinhas sem pé nem cabeça só pra agradar.

(O Cachorro se levanta.)

“PERUA” *(para o Cachorro)*: Meu

lindão, eu vou trazer a sua comidinha. Uma delícia!

(A “Perua” sai pela esquerda.)

CACHORRO *(para a platéia)*: Ela compra cada coisa... Que é uma coisa. Não tem nada que preste... Nem pra Cachorro. Querem apostar? *(Senta.)*

(A “Perua” entra pela esquerda com uma vasilha cenográfica cheia de uma ração com aspecto horrível. Oferece ao Cachorro.)

“PERUA”: Olha que coisinha gostosa que a mamãe trouxe pra você. *(A “Perua” senta-se no chão.)*

CACHORRO *(torcendo o focinho, fazendo uma cara de nojo e virando-se para a platéia. Com jeito de quem vai vomitar)*: Grrr! Eu não falei? É um horror!

“PERUA” *(ajoelhando-se no chão, com a vasilha ao lado do Cachorro)*: Vamos comer, Roberto Carlos. *(Ele não reage.)* Roberto Carlos, sua mãe está falando com você. *(Ele não reage.)* Roberto Carlos, a mamãe está começando a se aborrecer.

(Ela pega um pouco da ração e esfrega no focinho dele. Ele dá um forte espirro. Ela se assusta, e fica de pé, dando um pulo para trás.)

CACHORRO: Grrr! Não quero!

“PERUA”: Come, meu amor, come! É bom pra saúde, não tem colesterol, pra você ficar bem magrinho. *(Ele não reage. Mal se mexe.)* Ah, já sei! Você quer comer, brincando. *(Apanha um pouco da ração. Fazendo gesto largo com a mão, como se faz com criança que não quer comer.)* Olha o aviãozinho!

(O Cachorro dá outro espirro, desta vez aumentado pela sonoplastia.)

“PERUA” (*exageradíssima, ajoelhada de novo ao lado dele*): Vamos comer, Roberto Carlos! É uma delícia!

CACHORRO (*enfasiado*): Grrrr! Já que é tão bom, come você!

“PERUA”: A mamãe comprou uma ração “light”. Pra ver se você perde peso, se fica magro.

CACHORRO: Grrrr!

“PERUA” (*rindo*): Senão, você não vai arranjar namorada.

CACHORRO (*com raiva*): Eu já tenho namorada. (*Apontando para a “Perua”*.) Ela acha que tudo na minha vida é problema sentimental. Mas a minha preocupação agora não é namorar, não. É comer. Mas não quero saber dessas porcarias, não. O que eu quero é comer direito, que nem Cachorro comum. Por que é que ela não compra... um osso ?

“PERUA”: A mamãe... (*O Cachorro a olha com desprezo e solta um grunhido. Ela se exhibe para o público.*) ...só come saladinhas deliciosas, pra ficar bem bonita.

CACHORRO (*crítico*): Grrrr! Bonita? Brincadeira! (*Para a platéia.*) O pior é que ela não consegue ficar nem assim – como direi? – mais ou menos. Gente, ela é um horror. E só pensa em regime. O melhor era fazer greve de fome, de uma vez.

“PERUA” (*exibida*): Só no Dia das Mães é que eu abusei um pouquinho.

CACHORRO (*espantado*): Dia das Mães? É. (*Contando nos dedos.*) Tem Dia das Mães, Dia do Papai, Dia da Criança, Dia do Idoso, Dia do Comerciante, Dia do Funcionário Público, Dia da Secretária. Só não tem Dia do Cachorro. Eu não tenho nem um

dia no ano pra considerar só meu pra poder comer que nem gente, ir pra churrascaria, encher a barriga ...

“PERUA”: ... e agora que eu entrei na dieta, você vai ficar de dieta também.

CACHORRO: Grrrr!

“PERUA”: E nem adianta discutir.

CACHORRO (*injurioso*): Grrrr! Que mal eu fiz? Não quero fazer dieta, não. Ah, eu vou me queixar pra Sociedade Protetora dos Animais. Que vou, vou (*Com uma das patas, ele chuta para longe a vasilha com a ração. Está enfurecido e pula pelo palco.*)

“PERUA” (*olhando para ele, meio preocupada, corre para o telefone cenográfico. Disca um número. Ele fica perto da porta da direita*): Alô ? É da Au-au Mil? Oi! Aqui é a mãe do Roberto Carlos. Ele está esquisito. (*Sonoplastia de ruídos do outro lado da linha.*) É, está cheio de pulgas. (*O Cachorro se coça.*) A tal da coleira contra pulga só dá alergia. Mas o pior é que ele não está querendo comer. Quando vai comer, começa a espirrar. (*Sonoplastia. Ruídos do outro lado da linha, agora mais intensos.*) Não sei se ele está com a garganta inflamada. Não, senhor, o Roberto Carlos ainda não cantou hoje, não, só rosnou. Tudo bem, eu vou olhar a garganta dele. (*Ela desliga e vai para junto do Cachorro. Ele foge dela. Cena de perseguição. Finalmente, ela o domina e ele fica deitado no chão. Ela se ajoelha ao lado dele.*) Abre a boca, Roberto Carlos.

CACHORRO: Grrrr!

“PERUA” (*enérgica*): Abre a boca que a mamãe está mandando !

CACHORRO: Grrrr !

(*Morde a mão dela de leve.*)

“PERUA” (*dando um grito*): Isso lá é modo de tratar a sua mãe, Roberto Carlos ?

CACHORRO (*sentando-se, rindo*): Bem feito! Grrrr! Que isto lhe sirva de lição!

“PERUA”: Eu não sei o que deu em você. (*Anda pelo palco, segurando a mão. Vai até o fundo, abre a geladeira e tira um cubo de gelo. Esfrega na mão. Fala com o cubo.*) Ai, meu querido gelinho, como você é gostosinho pra tirar a dor. (*Ameaçadora, vai até onde está o Cachorro. Dirige-se a ele.*) Vou passar esse gelo na sua cabecinha, Roberto Carlos, pra ver se você esfria.

CACHORRO: Grrrr!

“PERUA” (*espantada*): Você anda tão agressivo! Não sei o que está acontecendo com você! Parece até que está com raiva. Mas eu já te vacinei...

CACHORRO: Grrrr! O que está acontecendo é que eu estou com fome. Fome de comida. Fome de carne. Fome de uma ração decente. (*Levanta.*) Do jeito que eu estou esfomeado, comia até resto da lata de lixo... O problema é que aqui em casa o que vai pro lixo também é comida de dieta...

“PERUA” (*chorosa, continua segurando a mão e esfregando o gelo*): Eu faço tudo por você...

CACHORRO (*com raiva*): Até parece... Grrrr!

“PERUA”: Você vive nesse mau humor

porque deve estar precisando casar. (*Rindo.*) Vou ver se arranjo uma namorada para você...

CACHORRO: Grrrr! Namorada até que eu já tenho. (*Num aparte para a platéia.*) Não adianta ela tentar arranjar casamento pra mim. Eu já me decidi. Sou um Cachorro comprometido.

“PERUA”: Mas vai ser meio difícil, porque você é um vira-lata, não é mesmo, Roberto Carlos? (*Apalpando o “pneu” do Cachorro.*) E ainda mais gordo desse jeito! (*Continua apalpando o Cachorro.*) Nossa, como você engordou desde que veio aqui pra casa.

CACHORRO (*para ela, com ironia*): Grrrr! É da comida “deliciosa” que você serve pra mim.

“PERUA”: Você nem parece um Cachorro novinho com essa banha toda! Está mais pra homem que entope a barriga de cerveja.

CACHORRO: Grrrr!

“PERUA”: Nossa, a gente não pode falar nada com você ...

CACHORRO (*para ela*): Grrrr! Olha aqui, se me chamar de bebereão de novo, eu vou comer essa sua peruca. Onde é que já se viu – só mesmo na sua cabeça – Cachorro cachaceiro. Grrrr!

“PERUA” (*sentimental*): Mas eu adoro você assim mesmo. E mãe é mãe, e vou fazer tudo pra arranjar um bom casamento pra você.

CACHORRO (*perdido em seus próprios pensamentos. Anda pelo palco*): Ninguém é igual à Fofinha. Mas como é que eu posso namorar? Eu adoro a Fofinha, mas com a fome que eu estou, agora o que

eu queria mesmo era um bom bife. Nem que fosse de carne dura. Ou, então, um osso. Ou até umas pelancas. Qualquer coisa... menos essa porcaria aí...

(Aponta com a pata para a vasilha com a ração horrível, que está caída no palco.)

“PERUA”: Bem, agora você fique aí bem quietinho, que a mamãe tem que sair.

(Pega uma sacola que estava em cima de um dos bancos.)

CACHORRO: Ainda bem. De repente, ela esquece uma carne qualquer em cima do fogão, e eu posso fazer a festa.

(A “Perua” faz um carinho na cabeça do Cachorro. Ele a olha, triste. Ela interpreta errado.)

“PERUA” *(vozinha tatibitate)*: Mas não precisa ficar com essa carinha triste. A mamãe não demora não, viu? Só vai fazer umas comprinhas.

(Sai dançando e rebolando.)

CACHORRO: Grrrr! Vê se compra coisa que preste.

(A “Perua” sai pela porta à direita. O Cachorro se acomoda de novo no chão, onde estava antes. Olhar triste. A luz se modifica, criando, se possível, um clima de sonho. Entra música suave. O Cachorro fecha os olhos.)

FOFINHA *(em off)*: Au, au, au. Tem alguém aí?

CACHORRO *(abrindo os olhos, fora de si)*: Eu estou sonhando. Ou então morri de fome, e fui pro céu.

FOFINHA *(em off)*: Você está aí, Roberto Carlos?

CACHORRO *(levantando)*: É a voz da Fofinha.

(O Cachorro vai até a porta à direita. Mas antes que possa chegar ali,

Fofinha entra. É uma cadelinha peluda, linda, agil, charmosíssima, usando uma bonita coleira.)

FOFINHA: Roberto Carlos !

CACHORRO *(deslumbrado)*: Fofinha !

FOFINHA: A porta estava aberta... aí eu fui entrando...

CACHORRO: É aquela maluca que vive esquecendo de fechar. Com certeza, me acha com cara de cão de guarda pronto para espantar o ladrão.

FOFINHA *(fazendo uma pirueta e estendendo os braços)*: Oi, Roberto Carlos, meu amor.

CACHORRO *(impactado. Tem as pernas trêmulas quando corre em direção dela. Encontram-se no meio do palco.)*: Oi, Fofinha.

FOFINHA *(sedutora, abraçando-o)*: E cadê o meu beijinho?

(Os dois dão beijinhos na cara um do outro, e depois esfregam focinho com focinho.)

CACHORRO: Que bom ver você.

(Bancando o anfitrião.) Eu gostaria de lhe oferecer um osso, mas infelizmente não tem.

FOFINHA: Não se preocupe; eu estou de dieta. *(Afasta-se um pouco e movimenta-se pelo palco.)* Só estou comendo ração “light”.

CACHORRO *(surpreso)*: Aquela porcaria...

FOFINHA: É. A gente custa mesmo um pouco pra se habituar, né?... Mas depois é igual à outra. É que eu tenho que estar em forma, viu?

CACHORRO *(examinando-a de alto a baixo)*: Mas você está em forma. Está uma gata.

FOFINHA *(zangada)*: Au! Au!

(Fofinha faz um muxôxo, e vira-se de costas para ele. O Cachorro percebe que falou bobagem.)

CACHORRO: Desculpe, foi sem querer.
Gata não. *(Rosna e corre pelo palco, como se estivesse espantando um gato qualquer.)*
Xô, xô. Au, au, au. Já pra fora, seu gato atrevido. Esta casa é de Cachorro. Gato aqui não entra. *(Correndo para junto dela.)* Miau tá fora. *(Abraçando-a, carinhoso.)*
Você me perdoa por ter chamado você de gata? Não tive intenção de ofender.

FOFINHA *(apaziguada, sorrindo):* Au!
Au! Dei uma fugida lá de casa, só pra lhe contar uma novidade.

CACHORRO: Então conte.

FOFINHA: Vou participar do Concurso de Miss Canil.

CACHORRO *(sem entender):* Miss Canil?

FOFINHA: É. A cachorrinha que ganhar vai representar o Brasil lá nos Estados Unidos.

CACHORRO: Mas é claro que só vai dar você, Fofinha.

(Fofinha corre para a saída à esquerda. Entra música de concurso de Miss. Na coxia, ela põe rapidamente uma saínia e um adereço na cabeça, por cima do figurino de cachorrinha, fazendo um traje estilizado de baiana ou outro qualquer. Quando o locutor diz: "Fo-fi-nha", ela entra pela esquerda e já começa a desfilhar. O Cachorro, animadíssimo, bate palmas, enquanto ela desfila ao som da música e da voz do locutor em off.)

LOCUTOR *(voz off):* Concurso Miss Canil, com patrocínio de: *(Outra voz.)* "Coleiras? Só da marca Au-au". *(Locutor novamente.)* E agora, na parte destinada a trajes típicos, vai desfilhar a representante do... *(Suspense.)* Brasil. Fo-fi-nha. *(Entra Fofinha.*

Sonoplastia de aplausos.) É isso mesmo, meus amigos. Fofinha é uma linda "bichon frisée", com todo o ar de francesa, mas na realidade ela é mesmo carioca. Linda *(Fofinha faz pose.)*, simpática *(Outra pose.)*, charmosa *(Outra pose.)*, medidas perfeitas *(Mais pose.)* e um "pedigree" pra ninguém botar defeito... É uma das sérias candidatas ao título de Miss Canil neste nosso concurso milionário. *(Sonoplastia de gritos e aplausos.)* E aí está ela: a linda, a divina, a belíssima, a incomparável... Ah, que emoção... Au, au, au... Fofinha!!!

CACHORRO *(no mesmo tom do locutor):* Já ganhou... Já ganhou.. *(Sonoplastia de aplausos.)* Ah, Fofinha você é o máximo.

FOFINHA *(encabulada, retirando o tra, típico e pendurando-o onde for possível dentro do cenário, ou então jogando-o para a coxia):*
São seus olhos, Roberto Carlos.

(Sonoplastia de telefone. Nenhum dos dois dá a menor atenção.)

CACHORRO *(agora desanimado):* O problema é que se você vencer, nós dois...

FOFINHA: Não vai me dizer que você está com ciúme...

CACHORRO *(disfarçando):* Não, é que.

FOFINHA *(alegríssima):* Eu ganhando, gente consegue um dinheiro legal. Ai vai dar pra casar logo e ter os nossos cachorrinhos.

(Sonoplastia de telefone. Agora os dois já ouviram.)

CACHORRO *(virando-se em direção ao telefone cenográfico):* Nem adianta insistir. A gente não sabe atender.

FOFINHA: Deve ser pra sua mãe.
(*O telefone continua tocando.*)

CACHORRO: Ou então, pra você. Um dos seus au-au admiradores.
(*O telefone continua tocando.*)

FOFINHA (*rindo*): Você é mesmo um bobão. Só porque eu vou pros Estados Unidos...

CACHORRO: É. Mas é que... Você viajar não vai ser legal.

FOFINHA (*aborrecida*): Não sei por quê. Eu acho que vai ser ótimo.

CACHORRO (*meio agressivo*): Então, a senhorita já esqueceu...

FOFINHA (*sem entender*): Esqueci o quê?

CACHORRO: Que quem viaja pra ficar se exibindo por aí, não ganha presente do Au-au Noel.

(*Entra música natalina.*)

FOFINHA (*passando-lhe a mão na cara*): Ora, meu amor, você tá mesmo é com ciúme. Mas o Natal ainda está longe ...

CACHORRO (*sonhador*): Uma pena. É uma época tão legal. Até que ser humano inventa umas coisas bem boas. Natal, Páscoa...

FOFINHA (*animada*): Eu descobri que o Au-au Noel vai me dar uma roupa linda.

CACHORRO (*aborrecido, descartando a idéia da roupa*): Eu também já comprei o seu presente. Mas não é roupa de Cachorro, não. Essa coisa ridícula... besteira de ser humano...

FOFINHA (*rindo*): O seu presente também já está guardado. E também não é roupa, porque eu sei que você detesta.

CACHORRO: Ainda bem...

FOFINHA (*ela vai para o outro lado dele*): Mas não se preocupe, eu só vou viajar depois do Ano Novo...

(*Corta música natalina.*)

CACHORRO (*sem se dar por achado*): Então, piorou...

(*Ele senta.*)

FOFINHA (*sem entender*): Não tô entendendo nada, Roberto Carlos... Achei que você ia ficar contente de eu estar concorrendo ao Miss Canil...

CACHORRO (*zangado*): Contente, como? Vai ser péssimo!

FOFINHA: Péssimo, por quê?

CACHORRO: Então, você já esqueceu que a gente vai desfilar na Unidos do Cãobuçu?

FOFINHA (*descartando*): Mas o Carnaval é depois do Concurso. E eu já sei o samba todo. (*Ela vai até onde está a vassoura e usa-a como se fosse um estandarte de escola de samba.*)

(*Entra sonoplastia do samba-enredo. Os dois dançam e cantam, e chamam o público para dançar também, se isto for viável.*)

LETRA DO SAMBA-ENREDO: Já na Antiguidade

Cachorro de qualquer idade

Era amigão do ser humano

Não, senhor não tem engano!

Refrão

Do reclame à TV

É só ver pra crer

(*Bis.*)

Cachorro nunca faz o menor dano

Senão o dono entra pelo cano.

(*Depois de bisar as duas últimas estrofes, e já terminando o samba, com o público já volta às suas cadeiras, ouve-se a voz da "Perua".*)

"PERUA" (*em off*): Mamãe chegou, Roberto Carlos.

(*Fofinha vai para o lado da geladeira.*)

CACHORRO (*para Fofinha*): Prepare-se pra ageüntar essa sogra, Fofinha...

Ela não é fácil.

“PERUA” (*entrando pela porta da direita, cheia de embrulhos. Deixa a bolsa junto ou em cima da geladeira. A “Perua” agora trocou de peruca, usa uma azul. Para o Cachorro.*): Ai que bagunça! (Se houver crianças no palco ela as faz voltar aos seus lugares. Quando está todo mundo acomodado, ela se dirige de novo ao Cachorro.) Oi, meu amor. Como vai o meu lindão?

CACHORRO (*espantado pelo que está vendo*): Eu não acredito! (*Para a platéia.*) Gente, essa foi demais! Ela caiu dentro de um balde de anil...

“PERUA” (*dando uma volta, exibida, passando a mão na cabeça*): Gostou do meu cabelo, Roberto Carlos? Resolvi dar uma mudança no meu visual.

CACHORRO (*filosófico*): E eu que pensava que loucura tinha limite!

“PERUA” (*ajeitando o cabelo*): Você não acha que eu fiquei mais jovem, Roberto Carlos?

FOFINHA (*saindo de onde estava e cutucando o Cachorro*): Diz alguma coisa... Dá uma força...

CACHORRO: Eu estou sem ação, não sei nem o que fazer...

FOFINHA (*aproximando-se da “Perua”, e esfregando o focinho no joelho dela*): Au! Au! Você ficou um barato, sogrinha... Au, au!

“PERUA”: Ah, não tinha visto você aí, Fofinha. Veio visitar o meu filho? (*Ansiosa.*) Cuidado pra não pegar pulga, hein...

CACHORRO (*coçando-se*): Grrrr!

“PERUA”: E como é que ele está?

CACHORRO: Grrrr! Estava melhor até você chegar. Você veio pra

atrapalhar o nosso namoro. A gente estava aqui num papo legal...

FOFINHA (*enérgica*): A sua mãe não está atrapalhando nada. (*Aproxima-se de novo da “Perua”, faz carinho.*) Au! Au!

“PERUA”: Oi, Fofinha. É tão legal quando você vem aqui. Você é tão carinhozinha. (*Faz um carinho em Fofinha.*) E o Roberto Carlos... Ele tratou bem de você?

(*Antes que Fofinha possa reagir, toca o telefone. Sonoplastia bem alta.*)

“PERUA” (*indo atender*): Nossa! Quem será?

CACHORRO (*para Fofinha, rindo*): A minha bola de cristal quebrou. Não tenho a mínima.

FOFINHA: Psiu! (*Um tempo.*) Você é muito malcriado. Vive dando palpite em tudo. Que coisa mais insuportável.

(*Ele fica aborrecido e vai para junto da janela.*)

“PERUA” (*atendendo*): Alô!

(*Ruídos de sonoplastia do outro lado da linha.*)

“PERUA”: Alô! Oi, querida. Tudo bem? (*Pausa. Mais ruídos.*) É que eu cheguei agora mesmo. (*Espantada.*) Não!!!!

CACHORRO (*rindo*): Deve ser coisa bem ruim, aposto.

(*Continua na janela.*)

FOFINHA: Mas você é mesmo muito malvado, hein? (*Um tempo.*) (*Enérgica.*) Ou você toma jeito, ou eu não caso mais com você.

“PERUA” (*no telefone*): Não, não se preocupe, querida. A Fofinha não fugiu, não. Está aqui em casa.

FOFINHA: Os meus cachorrinhos não vão ter um pai que nem você, que não respeita nem a própria mãe.

(Senta-se no chão ao lado da "Perua".)

"PERUA": A Fofinha parece estar com fome.

CACHORRO: É a sua mãe, Fofinha.

"PERUA" *(no telefone)*: O Concurso Miss Canil? Nossa, que maravilha!

CACHORRO *(com raiva)*: Está todo mundo encantado com essa história de Miss Canil.

FOFINHA: É porque é uma grande oportunidade.

(Ele volta.)

CACHORRO *(com raiva)*: Sei.

FOFINHA: E ninguém vai me impedir de participar, ouviu bem? *(Frizando.)* Ninguém.

CACHORRO *(triste)*: Já entendi. *(Vira de frente, cabisbaixo.)*

(A "Perua" continua no telefone.)

"PERUA": Sei. Pode deixar que eu não vou dar nenhuma comida gordurosa pra ela.

CACHORRO *(grandiloquente)*: Entre para o Clube dos Esfomeados do Reino Canino. Agora, você está entendendo o meu drama.

"PERUA": Claro que estou entendendo, ela tem que ficar magrinha, senão o Miss Canil ó, dança.

(Ela dá uns passos de dança bem exagerados, ainda segurando o telefone.)

CACHORRO *(filosófico)*: Mulher faz qualquer sacrifício pra manter a linha.

"PERUA": É que eu comprei uma ração "light" pro Roberto Carlos. Ele jogou a vasilha longe. *(Um tempo.)* Mas de repente, quem sabe, a Fofinha come, sei lá.

CACHORRO *(com voz de pena)*: Coitada de você, Fofinha!

"PERUA": Ah, mas com o Roberto Carlos não adianta, querida. Ele é muito rebelde. Bem que eu tentei, mas...

FOFINHA *(penalizada)*: Coitada! Ela se esforça tanto por você...

CACHORRO: Coitada?! Coitado de mim, isso sim. Estou até tonto. Não comi nada até agora. Ontem, ela me deu salada. Já viu Cachorro comer capim? *(Ele cai no chão.)* Acho que vou desmaiar.

FOFINHA *(Com raiva)*: Mas que palhaçada. Você é mesmo bem ridículo. *(Ameaçadora.)* Olha aqui, o nosso noivado está por um fio... Ou por um pelo, sei lá. Agora, só depende de você!

"PERUA" *(no telefone)*: Ah, que inveja que eu sinto de você. A Fofinha sempre tão bem-arrumada, tão limpinha, tão cheirozinha... Eu comprei um colete pro Roberto Carlos. Uma grana, minha filha. Importado, veio dos Estados Unidos. E ele lá quer saber de ficar elegante? Que nada!

CACHORRO *(para Fofinha)*: Fofinha, você está tentando me dizer que quer acabar comigo? *(Triste.)* Tudo por causa desse tal concurso...

FOFINHA: Não é nada disso. Mas é que você anda insuportável, Roberto Carlos.

CACHORRO *(aproximando-se)*: Eu é que ando insuportável? E você, hein? Toda metida só porque vai concorrer ao Miss Canil...

FOFINHA *(interrompendo)*: Você tem tudo pra virar um velho rabugento. Já está até ficando grisalho.

(Senta no chão com as mãos no queixo.)

CACHORRO: Rabugento? Grisalho? Eu? Você deve estar falando de outro.

FOFINHA: Estou falando de você

mesmo. Além do mais, você tá gordo... Tá desleixado... É mal-humorado... Tá cheio de pulgas... Não sei por que é que eu ainda estou com você...

CACHORRO (*implorando, enquanto se coça*): Me maltrata, mas não me deixa...

FOFINHA (*severa*): Vamos ver. (*O Cachorro se coça, desesperado.*) E pára de se coçar.

“PERUA”: Tchau, queridinha! (*Desliga o telefone, levanta e vai até a vasilha.*) Ainda não comeu, Roberto Carlos? (*Não espera resposta.*) Também, se não quiser a ração “light” vai entrar em regime de fome...

CACHORRO: Grrrr! Vou ficar mais azul do que esse seu cabelo... Mas essa porcaria eu não como... Nem morto.

“PERUA” (*olhando para Fofinha*): Acho que só tem um jeito pra você formar um bonito par com a Miss Canil.

(*Fofinha vai para um canto, e se distrai com a bolinha que está num canto do cenário.*)

CACHORRO (*para a platéia, apavorado*): Qual é a loucura que ela veio inventar agora? Porque vai ser loucura, disso eu não tenho a menor dúvida.

“PERUA” (*apanha o telefone e liga*): Alô! É da Au-au Mil? Eu sou a mãe do Roberto Carlos. Quero saber se o plano de saúde dele cobre lipo... É, lipo... Lipo-aspiração para tirar as banhas...

CACHORRO (*todo encolhido, apavorado*): Meu São Francisco, protetor dos animais, me ajuda. Me salva, meu santinho. (*Quase chorando.*) Ela quer é me matar.

“PERUA” (*desligando*): Agradecida. Tchau! (*Falando com o telefone.*) Ah, “seu” telefone. Que boa notícia que você me deu. O Roberto Carlos vai fazer uma lipo e ficar magérrimo. (*Pega o telefone e dá-lhe um beijo.*) Obrigadíssima. (*Descansa o telefone e dá uns gritos meio selvagens.*) Que alegria! Que maravilha! Aaaaaaahhhh...

(*Começa a dançar uma espécie de “ballet”, com um grande gestual das mãos. Corre para a saída, à esquerda.*)

CACHORRO (*observando enquanto ela sai, e dirigindo-se à Fofinha. Mais conformado.*): Imagine, a minha mãe quer que eu faça lipo! Você já pensou? Essa perua pensa que eu sou gente: é roupa importada, é regime pra emagrecer, agora essa mania de fazer cirurgia pra tirar banha. Ser humano é muito doido.

FOFINHA: A minha mãe não fica muito atrás não, Roberto Carlos. Essa já tem fixação em salão de beleza. Me levou no cãobeleireiro, mandou me tosar, e o resto do pelo que sobrou... Ela mandou fazer permanente... Olha só... Estou parecendo um carneirinho.

(*A “Perua” volta, vinda da esquerda. Traz uma cestinha de vime, com um grande laço em cima. A cestinha é muito pequena, cabe no máximo um filhote de Cachorro. Fofinha chega a tentar ir para junto do Cachorro, ensaia até alguns passos, mas volta para onde estava.*)

“PERUA” (*ainda dançando, mas agora mais calma, e sacudindo a cestinha*): quando eu comprei você, Roberto Carlos, eu trouxe

você aqui dentro desta cestinha.
(*Faz caras e bocas.*) Tão lindo, tão engraçadinho. Tão pequenininho.

CACHORRO (*em geral*): E agora eu fiquei tão feinho, tão bobinho, tão enormezinho...

“PERUA”: Mas pra tudo tem jeito, não é, Roberto Carlos?

CACHORRO (*para a platéia*): Eu acho que não quero ouvir o que ela vai dizer.

“PERUA”: Com a lipo, você vai ficar de novo do jeito que era. Tão pequenininho que vai caber nesta cesta...

CACHORRO (*desesperado*): Socorro! Socorro!

FOFINHA (*aproximando-se*): Que escândalo é esse agora, Roberto Carlos? Francamente!...

CACHORRO: Ela quer me matar, Fofinha. Juro que quer.

FOFINHA: Mas quer te matar, como?

CACHORRO: Não tem lipo que me faça caber dentro dessa cestinha. Nem tirando toda a minha gordura... Com o meu tamanho de hoje, até os meus ossos vão sobrar pros lados. Ai, ai, ai!

FOFINHA (*rindo*): Ora, não vai acontecer nada disso. Foi só uma maneira de falar...

CACHORRO (*tomando uma decisão*): Perdão, Fofinha, mas eu vou fugir. Quero lhe dizer adeus. Não vou agüentar mais essa, não.

FOFINHA (*rindo*): Não fogue não, seu bobo. Com a lipo e um banho contra pulgas, você vai ficar um cachorrão e tanto! Aí, quem vai ter ciúme sou eu.

(*Sonoplastia – interfone. A Perua corre para atender.*)

“PERUA”: Alô! É, a Fofinha está aqui. Ela já está indo para casa. (*Desliga.*)

Fofinha, parece que tem uma porção de gente lá na portaria querendo falar com você.

CACHORRO (*triste*): Comigo, ninguém quer falar. Nem você quer saber mais de mim, Fofinha.

FOFINHA: Eu quero sim. Claro que quero. (*Tímida.*) Porque, mesmo você sendo insuportável, eu... Eu te amo.

(*Sonoplastia – telefone. A “Perua” corre para atender.*)

“PERUA”: Alô! (*Gritando*) O quê???? Repórteres? Pra entrevistar a Fofinha? Mas o que é que você está me dizendo? Uma coletiva de imprensa? Tem gente do JC. (*Pausa.*) Eu sei o que é o JC: é o “Jornal do Cachorro”, claro... Da revista “Mundo Cão”... (*Frizando.*) Não, “Mundo Cão” não acho legal. Da “Tribuna do Cachorro”... Da “Rádio Canina”, da Rádio “Auvorada”... Nossa, até da “TV Lobo”!

CACHORRO (*desanimado*): E eu, como é que fico nessa?

FOFINHA: Você fica... comigo!

“PERUA”: Já estou indo. Pode deixar que eu levo.

(*A “Perua” desliga o telefone. Olha para o Cachorro.*)

“PERUA”: Pensando bem, a sua lipo vai ter que esperar um pouco, Roberto Carlos. De repente, você nem faz, sei lá. Acho que no fundo, no fundo, você gosta de ser gordo.

CACHORRO: Eu só quero mesmo é ser feliz.

(*Vai para junto de Fofinha.*)

“PERUA”: E se a Fofinha gosta de você assim...

CACHORRO: Ela gosta de mim assim ou de qualquer jeito. (*Romântico*)

para Fofinha.) Ela é a cachorrinha da minha vida.

“PERUA”: Bem, eu agora tenho que ir dar um “help” lá pra sua sogra. Depois, a gente resolve o negócio da lipo. Tem tempo.

CACHORRO (*aliviado*): Ainda bem. Parece que afinal ela caiu na real.

“PERUA” (*dirigindo-se à geladeira*): Ah, minha amiga geladeirinha. Será que você tem alguma coisinha gostosinha para eu poder levar lá pro pessoal da imprensa? (*Encontra uma coisa qualquer.*) Olha o que eu achei! Vou te dar um ossinho, Roberto. (*Entrega-lhe um grande osso cenográfico. O Cachorro a olha pela primeira vez com um certo carinho. Levanta-se e vai para junto dela. Esfrega o focinho nela. Ela também o olha com carinho. Fofinha se aproxima e fica junto deles. A “Perua” tira da geladeira uma bandeja qualquer, coberta*) Ah! Tem esses bolinhos. Pode ser que o pessoal goste. (*O Cachorro a olha fixamente. Ela fala com ele, no maior carinho.*) Olha, eu só vou levar esses salgadinhos. Não demoro nada. Mas eu tenho que dar uma ajuda pra mãe da Fofinha. (*Vai para junto da Fofinha.*) E pra Fofinha também, né? Porque ela é um pouco minha filha. Afinal, vai ser a mãe dos meus netos...

CACHORRO (*senta-se e começa a roer o osso*): Eu não vou sair daqui.

“PERUA” (*puxando a Fofinha pela coleira*): Vamos embora Fofinha. Não é bom deixar a imprensa esperando.

CACHORRO (*para Fofinha*): Você volta?

FOFINHA: Logo, logo. (*Quer ir para*

junto dele, mas a “Perua” a puxa para fora, pela porta da direita.)

(*Elas saem e ele se acomoda tranquilamente no chão. Mal se acomodou, ouve-se um tremendo barulho em “off”, seguido de um grito de “Perua”.*)

FOFINHA (*gritando também*): Socorro! Socorro! Não me toca!

“PERUA” (*em “off”*): Larga ela! Larga ela!

FOFINHA (*em off*): Au! Au! Socorro! Socorro! Estão me seqüestrando! Au! Au!

(*Ouve-se barulho de coisas caindo, latidos, gritos.*)

“PERUA” (*entrando e esbarrando nele*): Corre, Roberto Carlos! Estão seqüestrando a sua namorada.

(*O Cachorro se levanta, pesadamente. Está espantadíssimo. Tenta correr para fora. A “Perua” volta e esbarra nele. Os dois se desequilibram.*)

“PERUA” (*nervosíssima*): Seqüestraram a Fofinha!

(*O Cachorro se posiciona como um lutador de karatê, segurando o osso como se fosse uma arma.*)

CACHORRO: Eu vou salvá-la. Ninguém pode com Roberto Carlos. Nem o Mike Tyson.

(*Tenta correr para a porta da direita, mas pára quando a “Perua” fala.*)

“PERUA” (*chorando*): Não adianta, Roberto Carlos. Eles já estão longe.

CACHORRO (*indignado*): Grrr! Mas como é que você não tomou conta dela?

“PERUA” (*arrasada, chorando*): Foi a gangue do Mundo Cão.

CACHORRO (*tentando conter as lágrimas*): E por que é que eles iriam seqüestrar a minha Fofinha?

“PERUA”: Ai, Roberto Carlos. Ainda bem que você não entende. A

candidata deles é a Marron Glacê.

(Ela se abraça com o Cachorro.)

CACHORRO *(sem entender)*: Mas Marron Glacê é coisa de comer.

“PERUA” *(continuando)*: E eles seqüestraram a Fofinha porque ela é a mais bonita e merecia ganhar o Concurso Miss Canil. É tudo um jogo, Roberto Carlos. Um jogo de patas marcadas... É... patas marcadas.

(O Cachorro olha para as próprias patas, sem entender. Faz uma cara de dúvida.)

“PERUA”: Mas seja o que for, eu vou pagar o resgate.

CACHORRO: O que será que eles vão pedir?

“PERUA”: Faço qualquer sacrifício. Não posso deixar a minha norinha nas mãos desses marginais. Senão, eles são capazes de soltar ela na rua, que nem um Cachorro qualquer. E ela é tão mimadinha, sempre teve tudo. Ia morrer de fome.

(Toca o telefone, a “Perua” corre para atender.)

“PERUA” *(no telefone, nervosa)*: Alô! *(Ruídos de sonoplastia do outro lado da linha. Ela escuta atentamente.)* Sei. Não, é claro que a gente entrega. Seja o que for. Deixa eu anotar. *(Pega o bloco e vai escrevendo enquanto fala em voz alta)* Cinco quilos de costeletas de porco – cheias de gordura e ossos. Dez quilos de torresmo. Miúdos de jacaré caramelados. Dez quilos de lingüiça gorda mergulhada na banha de baleia. Cinco quilos de toucinho defumado. Sebo de carneiro. Pelanca de galinha. Miolos de macaco no molho.

Molho de quê?... Sei. Molho de óleo de fígado de bacalhau. Vísceras de javali. Língua de porco-espinho. *(O Cachorro lambe os beiços a cada coisa que é dita, parece deliciado. A “Perua” faz cara de nojo, mas se controla.)* Está bem... Eu vou comprar. Quer que deixe aonde? Tá, vocês avisam. Tudo bem. *(Sonoplastia de ruídos do outro lado da linha.)* Não, o telefone não está grampeado. Deve estar meio engordurado, até meio enjoado, só de ouvir tanta baixaria. *(Num aparte.)* Uhhh! Que nojeira! *(Ela esfrega o telefone com a mão.)* Tudo bem. Eu mando essa gordurada toda, assim que vocês fizerem cãotato. Trato é trato. *(Ela desliga. Está alegre.)* Acertamos tudo. Ótimo.

(Vai até a geladeira pegar a sua bolsa.)

CACHORRO *(mais animado)*: A minha Fofinha vai voltar.

“PERUA”: Eu estou saindo agora, Roberto Carlos. Fique aí comendo o seu osso. Vou comprar essa gordurada toda para o resgate. Só de pensar me dá nojo.

CACHORRO: Mas a Fofinha vale o sacrifício.

“PERUA”: Tomara que eles todos explodam de tanto colesterol. *(Ela sai pela direita. O Cachorro anda em diagonal. A luz entra novamente na iluminação de sonho. Fofinha volta, ainda mais charmosa do que antes. Ela dança uma coreografia simples, porém de efeito. O Cachorro se levanta e a abraça.)*

FOFINHA: Voltei, meu amor! Voltei!

CACHORRO *(pasmado)*: Eu nem acredito!

FOFINHA (*sonhadora*): A “Perua” foi tão legal! Isto é que é sogra, o resto é conversa. (*Animada.*) Roberto Carlos, ela pagou o meu resgate!

CACHORRO: Quer dizer que ela levou todas aquelas comidas deliciosas lá pra gangue do Mundo Cão?

FOFINHA (*meio enjoada*): Levou, sim! Mas eles também foram legais comigo, porque me trouxeram de volta.

CACHORRO (*apalpando-a ligeiramente*): Acho que você engordou um pouco, hein, Fofinha?

FOFINHA (*descartando*): Claro. Ou você acha que lá tinha ração “diet” pra mim?

(*Entra música romântica. Os dois dançam juntos agora, apaixonados.*)

FOFINHA: Ah, mas eu prefiro uma música mais animada.

(*A música se transforma num rock, e eles continuam dançando um pouco. Isto dá oportunidade à atriz, desempenhando o papel de Fofinha, de sair rapidamente. O Cachorro continua dançando sozinho. As luzes vão aumentando de intensidade, até que a “Perua” entra pela esquerda – agora usando uma peruca roxa – com um prato de biscoitinhos. Ela fica beliscando um ou outro biscoitinho, quando então a luz volta ao normal. O Cachorro não a vê e continua dançando rock.*)

“PERUA”: Este sequestro da Fofinha me deixou nervosa. (*Come um biscoitinho.*) Estou comendo uma porção de coisas que não devia. (*Come outro biscoitinho.*) Ansiedade é isso aí. (*Come mais um biscoitinho. Para o Cachorro.*) Ah, Estou gostando de ver. Fazendo exerciciozinho. Legal.

CACHORRO (*para a platéia*): Estou meio sem fôlego, mas tudo bem. Valeu.

“PERUA”: Estou abusando um pouco, eu sei. Mas é que eu estou em crise.

(*Come outro biscoito, e dá um para o Cachorro.*)

CACHORRO (*comendo*): Esta crise é melhor do que aquela de ficar querendo emagrecer todo mundo. (*Ele também tenta se esticar.*) Aquele Rock me arreventou.

“PERUA” (*fazendo carinho nele*): A gente tem que manter a forma, Roberto Carlos. Já estrou vendo que daqui em diante, a nossa vida vai ser uma verdadeira loucura. A Fofinha tem tudo para ganhar o Miss Canil... E eu tenho fé que ela vai ganhar...

CACHORRO: É uma pena! (*Faz uma cara aborrecida.*)

“PERUA” (*percebendo que ele está triste*): Mas que ciúmeira mais boba, Roberto Carlos!

CACHORRO (*para platéia, cantando uma música de Roberto Carlos*): “Eu sou aquele amante à moda antiga... Do tipo que ainda manda flores...” (*Falando.*) Eu quero ela só prá mim, não quero dividir com ninguém...

“PERUA”: Vai ter Cachorro assim... (*Faz gesto com a mão.*) Atrás dela. Você vai ter que malhar muito para ficar em forma, meu filho.

CACHORRO (*segurando-a pela mão*): Então, vamos lá... Mamãe! (*Entra música de academia de ginástica. A “Perua” e o Cachorro fazem alguns exercícios de alongamento. Ela faz muito bem; ele é bastante desajeitado. Em certo*

momento cai, depois levanta, segurando as costas, deu um mal jeito. A "Perua" o ajuda a sair do centro do palco. Ele fica na lateral. A música corta de repente. Depois de alguns segundos, a música recomeça, mas já, é outra. É a música do desfile das misses. A "Perua" e o Cachorro já se afastaram do centro do palco, deixando o lugar para a entrada de Fofinha.)

LOCUTOR (em "off"): E agora, a grande vencedora do concurso Miss Canil 1996: Fofinha. (Sonoplastia de palmas e assobios.)

(Fofinha entra, triunfante. Usa uma faixa em cima do figurino, e também uma coroa, um cetro e uma capa. A faixa tem escrito: "Miss Canil 1996". Fofinha desfila devagar, sorrindo, dá voltas pelo palco. Manda um beijo para o Cachorro e o outro para a "Perua". Finalmente, vai se aproximando da platéia, mandando beijos para todos. Seus gestos são largos, seu sorriso muito feliz. Efeitos de flashes de fotografos. A "Perua" enxuga uma lágrima; o Cachorro sorri, embevecido. Fofinha desfila, até chegar em frente à platéia. A música do desfile continua mais baixo.)

FOFINHA: Eu sei que discurso é uma coisa chata, que ninguém agüenta. Mas eu só queria dizer a vocês que estou muito feliz por ter vencido. Pretendo cumprir todos os meus compromissos como Miss Canil só para não desapontar os meus au-au-admiradores, que me deram tanta força. Em primeira mão... Ou melhor, em primeira

pata... Quero dizer a vocês que daqui a um ano, vou encerrar esta carreita curta e maravilhosa, porque estou noiva. Vou me casar e ter meu próprio canil, e muitos cachorrinhos. Vocês foram todos maravilhosos, e me deram aquela pata quando eu mais precisei... Agora, eu quero mandar um beijão pra minha mãe que sempre me incentivou. Au, au, mãezinha. E também um beijo muito grande para a minha futura sogrinha "Perua", au, auzinho, minha sogra. (A "Perua" entra enxugando uma lágrima.) Mas o meu beijo maior é para o meu noivo que está ali me olhando. (Ela se vira em direção ao Cachorro.) ...Vem cá, meu amor, vem dividir este momento maravilhoso comigo. Nossa, pessoal, mas como ele é encabulado! Au, au! Vem cá, meu cachorrão! (Mais alto. Decidida.) Vem cá, Roberto Carlos!

(Entra de novo a música do desfile. Quando a Fofinha fala Roberto Carlos, o Cachorro vai para o fundo do palco e traz a "Perua" para junto de Fofinha. O Cachorro e a Fofinha se beijam, esfregando focinho com focinho. A luz fecha em foco em cima deles, quando falam.)

CACHORRO E FOFINHA (a uma só voz):

Enfim... Juntos!

(Os três esperam a música terminar – serão apenas alguns segundos – para se darem as mãos e cumprimentarem a platéia. Os três saem dançando, e acenando para o público.)

FIM

Adolescente

Aleijadinho aqui e agora

ou

**Aleijadinho, sua pedra sabão
finalmente com enzimas**

Lafayette Galvão

ALEIJADINHO AQUI E AGORA

OU

ALEIJADINHO, SUA PEDRA SABÃO FINALMENTE COM ENZIMAS

LAFAYETE GALVÃO

Revista Musical em 2 atos

(Abertura musical. Pano fechado. No momento marcado pelo diretor os atores entram. Todos bem à vontade, vestindo suas próprias roupas de rua, e cantam.)

Boa noite, boa noite, boa noite
senhoras e senhores,
amigos que aqui estão.

Vai se abrir o nosso pano.

Começar nossa função.

Boa noite, quanta gente.

Salve, salve.

Mais luz! *(Acendem os refletores.)*

Mais luz! *(Acendem os refletores.)*

Nós vamos trabalhar

Atenção pra nossa história
que tem tudo pra agradar
agradar... Agradar...

(Daqui para frente os versos devem ser divididos por grupos.)

Brasil era Colônia

vivia pra agradar

suando no trabalho

e vivendo pra agrada

Agrada que agrada

Sem ter um só agrado

plantando e colhendo

pra Coroa agradar.

E mais eles queriam

e mais se agradava

Ninguém ia pra frente

Só pra trás e humilhação
Um bando de patifes
Açambarcou a importação
E então um monopólio,
nasce lá no Maranhão.

Se era um escravo?

É só lá no monopólio

Um pouco de salitre?

Era lá no monopólio.

... E tólio?

... E lólio?

... E óleo?

É lá com o "seu" monopólio.

que deu muito o que falar

Que deu muito o que chiar

E o povo aturdido,

oprimido, esperneou.

(Os atores correm e colocam uma coroa de rei na cabeça de um deles que canta sozinho.)

REI: Brasil é uma colônia

Só importa, não exporta

nem se importa

e se comporta.

TODOS: E o povo sufocado

revoltado, amotinado

foi então encabeçado

por um sujeito porreta

que aprontou uma retreta

Mas se danou o coitado

E assim no Maranhão
surge um tanto prematuro
um cachorro dedo duro
e com ele a traição!

(Todos param de cantar, mas a música continua no fundo fazendo um galope. Os atores gritam separadamente como que se avisassem alguém de um perigo, gritam em vários tons de voz, e depois de um tempinho começam a gritar uns em cima dos outros, até formarem um grande coro.)

TODOS: Bekman! Bekman! Bekman!

FALA *(narrando um telejornal):* No dia 2 de novembro de 1685, traído por seu afillhado e protegido, Lázaro de Melo, o grande batalhador Manuel Bekman, por ter protestado contra a Companhia do Comércio do Maranhão, subiu ao patíbulo para morrer dignamente exclamando:

BEKMAN: Pelo Maranhão dou satisfeito a minha vida.

(Todos cantam na música do galope.)

Trabalhar, agradar,
agradar, trabalhar,
trabalhar, agradar.

FALA: Agradar, boa rima pra inventar.

TODOS: Inventar, inventar, inventar.

(E ficam repetindo a palavra inventar dentro da música fazendo fundo para outro ator que diz a fala abaixo, também em ritmo de jornal falado.)

FALA: Quem praticamente inventou a Independência do Brasil foi o governador D. Antônio de Albuquerque.

FALA: Não, ele inventou o quinto.

FALA: E o quinto não foi um imposto? E os impostos não foram a causa da Inconfidência Mineira? E a Inconfidência Mineira não foi praticamente o começo da Independência do Brasil?

TODOS *(dentro do galope):* Trabalhar, agradar
agradar, trabalhar,
trabalhar, agradar.

FALA: Agradar, boa rima pra criar.

TODOS *(dentro do galope):* Pra criar,
pra criar.

(E novamente ficam no galope musical repetindo a frase em cima da fala do ator.)

FALA: No dia 11 de fevereiro de 1719, foram criadas as casas de fundição.

FALA: Os fiscadores eram obrigados a levar o seu ouro para essas casas e lá depois de pesado e retirada a quinta parte, que ficava para a Coroa, o precioso metal era fundido em barras e podia circular mediante um sinal que avisava:

FALA: Pago o quinto!!!

FALA: O ouro era fundido em barras porque eles não sabiam da existência das moedas?

FALA: Não. Era fundido em barras porque eles não sabiam que a roda já tinha sido inventada.

TODOS *(no galope):* Trabalhar,
agradar,

agradar, trabalhar,
trabalhar, agradar.

FALA: Agradar, boa rima pra Assumar.

TODOS *(no galope):* Assumar, Assumar.
(E como das outras vezes ficam no galope musical em cima da fala abaixo.)

FALA: Diante da cobrança do quinto, o povo chefiado por Pascoal da Silva Guimarães, Frei Vicente Mosqueira, Tomé Afonso e Felipe dos Santos se amotinou.

FALA: O Conde de Assumar, vendo que a barra estava pesada, e desejando ganhar tempo para

preparar o seu contra-ataque, enrolou, enrolou e os ânimos foram serenados, diante da conversa macia de Assumar, dizendo que tudo seria resolvido a contento.

FALA: Inclusive prometeu perdão aos amotinados. Tudo ficou tranqüilo.

FALA: E quando Filipe dos Santos pregava ao povo no adro de uma Igreja, foi preso.

(Sumariamente julgado.)

FALA: Morro sem me arrepender do que fiz e certo de que o canalha do rei será esmagada pelo patriotismo dos brasileiros.

FALA: Foi enforcado. Seu cadáver atado à cauda de dois cavalos bravios, esquartejado e arrastado pelas ruas da cidade.

FALA: Isto aconteceu no dia 16 de julho de 1720.

FALA: Depois desta pequena retrospectiva que fomos obrigados a fazer para que tudo ficasse mais ou menos esclarecido, queremos avisar que neste exato momento de história do Brasil, começa a nossa história de hoje.

FALA: Fizemos este retrospecto para mostrar aos nossos amigos que muita gente trabalhou para que D. Pedro pudesse dar o grito de Independência. Como viram muita gente, antes de D. Pedro, lutou para que pudéssemos respirar em liberdade. A nossa história de hoje começa aqui. E aqui para a música.

FALA: Vamos conduzir tudo sem uma ordem de datas e tempos.

FALA: Assim os senhores verão os fatos históricos acontecerem à medida que vamo-nos lembrando deles.

FALA: Vamos colocar aqui os traidores

diante dos traídos, porque, geralmente, isto não acontece, porque sempre depois da traição os traidores fazem como muito bem classifica o estatuto mineiro:

MATUTO: Fundou no meio do mato e nunca mais viu o tihoso.

FALA: E quem vai contar essa história pra vocês, é Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho. Ele viveu o período mais crucial do início real da Independência do Brasil. Viveu na época em que o ouro corria como água nas ruas de Minas Gerais, e o governador D. Antônio de Noronha escreveu ao Marquês de Pombal, no ano de 1775, uma carta que dizia o seguinte:

D. NORONHA: "Lembro-me que V. Exa. me falou a respeito das fábricas estabelecidas nesta Capitania as quais eu encontrei em um aumento considerável, que se continuassem nele, dentro de muito pouco tempo ficariam os habitantes desta capitania independentes das desse reino".

FALA: O Brasil crescia. O vento do trabalho e da prosperidade estufava as velas de nosso progresso.

FALA: Ninguém seguraria o Brasil.

FALA: Mas, seguraram.

FALA: Você viu o que fizeram no Rio de Janeiro?

FALA: Aquele negócio da tipografia?

FALA: É. Foi totalmente destruída e por ordem da coroa, os seus tipos foram todos remetidos para lá "por conta e risco dos donos, além das severas penas a que serão submetidos os seus donos".

FALA: Mas tipografia não é onde se faz

livros pra gente estudar e aprender?

FALA: É. E daí?

FALA: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, nasceu e cresceu dentro desse clima.

FALA: Passou a vida inteira amando o belo e procurando arrancar das pedras a beleza que a natureza lhe negou.

FALA: Terminou seus dias num estrado de três tábuas, completamente deformado por uma doença que o mutilou e torturou durante muitos anos.

FALA: Mas nós não vamos mostrá-lo assim. Vamos respeitar o seu gosto pela estética e talvez o seu maior desejo, o maior desejo de sua vida atormentada: ser perfeito como todos os homens.

FALA: Vamos mostrá-lo no esplendor de seu talento e seu gênio.

FALA: Vamos mostrá-lo como o testemunho ocular de um dos monumentos mais lindos da história do Brasil.

FALA: Esta é a homenagem que fazemos à figura de Antônio Francisco Lisboa. O Aleijadinho.

FALA: À guisa de elucidação eis a opinião de Germano Bazin, conservador do Museu do Louvre.

FALA: Portanto, entende mais de obras de arte que todos nós juntos.

GERMAINE: A obra do Aleijadinho é a obra mais importante de toda a história da cristandade.

FALA: Corta essa!!! Tá por fora, bicho!!! E a Capela Sistina? Sai gente do mundo inteiro pra vê ela e admira ela???

GERMAINE: A obra do Aleijadinho é a obra mais importante de toda a história da cristandade. Se os

turistas não a visitam, não é problema meu.

FALA: Antônio Francisco Lisboa, um poema rimado em pedra gritando para os céus e verso que a natureza não escreveu.

(Música gloriosa à luz modula e fica quase na penumbra.)

VOZ DE PADRE: Antônio Francisco Lisboa, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

OUTRA VOZ: Manoel Francisco Lisboa, português, residente na Capitania de Minas Gerais, na qualidade de pai do mulato: Antônio Francisco Lisboa, seu filho e de sua escrava Isabel, neste momento do batismo da criança, declara que ele está alforriado, sendo um cidadão brasileiro, livre de ser escravo.

CORO *(esta música é do folclore mineiro):* Bendito e louvado hoje

Menino Deus nascido
que no ventre da Virgem Maria
Nove meis andou escondido
Do varão nasceu a vara
e da vara nasceu a flô
De Deavid nasceu Maria
e de Maria o Sarvadô.

(Música tema. O pano vai se abrindo e mostra a cena. O cenário, em princípio, deverá ser cheio de praticáveis móveis que se mexerão de acordo com a vontade e marcação do diretor. Quando o pano abre, entra um tipo popular, um desses mendigo: do interior, e passa o tempo todo tentando fazer uma conta.)

TIPO: 65.000 arrobas, 40% de 60.000, não, de 65.000 é igual a?? Se em quarenta, não, não, não é nada disso. Se em cem tem quarenta em 65.000 vai ter x.

(Entra Lisboa, seu escravo Maurício, seu

escravo Januário, e mais um bando de farristas. Todos bêbados, menos Maurício. O tipo quando vê Lisboa, corre para ele.)

TIPO: Que bom que eu encontrei o senhor, mestre Lisboa. Estou aqui apurado com um raio de uma conta e não consigo fazê ela de jeito nenhum.

LISBOA: Viva o Zé Romão!!!
(Os outros riem.)

TIPO: O negócio é o seguinte, é muito sério.

JANUÁRIO: Então, benze a gente.

TIPO: Não, agora não. Agora eu não posso benzer ninguém. Estou muito ocupado com a minha conta.

JANUÁRIO: Benze a gente que nós te ajudamo.

TIPO: Eu quero que o mestre Lisboa me ajude, mais ninguém. Mestre. 40% de 65.000 é igual a... Não dá. Não dá... Eu não consigo.

LISBOA: Então, benze a gente.

TIPO: Aí o senhor me ajuda?

LISBOA: Ajudo.

TIPO (*põe o chapéu em baixo do braço. Persigna-se.*): Caisfráis
Ferrabráis
São Tomais
Satanais.
Pega o poder do irmãozinho e joga lá pra trás.
No fundo da areia do mar, onde o galo não canta e a galinha não choca.
Cúim, cúim, cúim, cuimzarruim.
Luim, luim, luim, luicifé
São, são, são, sãoobração.
Essas três pessoa que não é da Santíssima Trindade
Diminué, diminué, diminué,
Miseré, miseré, miseré.

(*Todos caem na risada.*)

LISBOA: Viva o Zé Romão.

TODOS: Viva!!!

LISBOA (*bebendo*): À saúde do Zé Romão. Coronel José Romão!!! Ele queria me matar de tanto ódio. Ficou uma fera. (*Ri.*) Pensou que eu fosse engolir em seco??? Pensou que eu fosse que nem ele que é um tonico, um carregador de pinico, que só vai lá pra fazer reverência pro governador? Não. Eu sou Antônio Francisco Lisboa, Mulato forro. Livre. Brasileiro. Sou mais brasileiro do que ele.

TIPO: Mestre Lisboa???

LISBOA (*Dá um berro enorme e o tipo sai correndo de medo.*)

JANUÁRIO: Chite, bicho marimbondo!!!!

LISBOA: O Zé Romão é um...

MAURÍCIO (*cortando*): Cuidado, Mestre. As paredes têm ouvidos.

LISBOA: Cala a boca, negro.

MAURÍCIO: O senhor está bêbado, mestre.

LISBOA: De alegria. Porque fiz o Zé Romão com toda aquela arrogância calar a bocona. Ficou num canto me fulminando com os olhos sem saber o que falar.

MAURÍCIO: As paredes têm ouvidos, mestre.

LISBOA: Vai lá carregar pinico pro Zé Romão, quem sabe ele te alforria, negro.

MAURÍCIO (*para os outros*): O mestre está com raiva porque o Coronel Zé Romão disse que ele é muito feio.

LISBOA: Cala a boca, negro. Eu vou contar a história. Você não viu. Você não entrou na sala do governador. (*Pausinha.*) O Governador D. Bernardo José de Lorena queria que eu esculpisse

uma imagem de São Jorge para a procissão. Então, mandou me chamar. Eu já fui de má-vontade, porque nunca vi ninguém fazer um trabalho de arte sob encomenda. Mas como esse governador não entende dessas coisas, eu fui lá, mas fui de má-vontade. Quando eu cheguei lá, esse tal de Zé Romão, que é ajudante de ordens do governador, quando me viu, fez uma de quem comeu e não gostou e falou que eu era muito feio. Na minha cara!!! Nem ao menos teve a delicadeza de falar longe de mim!!! Bateu os olhos em mim e disse: é muito feio!!! Eu fiquei louco de raiva, mas não disse nada. Calei a boca e fiquei esperando a minha vez de dar o troco a ele. Vai daí, o governador começou a me explicar como é que ele queria a tal imagem. Mas não sabia explicar direito, porque esse cara também não entende patavina da arte. E tenta daqui, e tenta dali, ficou naquele chove-não-molha, até que bateu os olhos em cima do Zé Romão, que estava ali do lado, como ele sempre faz, pra acender o charuto do governador, pra dar boa tarde às pessoas, enfim ele é o amarra cachorro do governador e tem de ficar sempre ali. Então o governador bateu os olhos em cima dele e disse: quero que a imagem seja assim, bonita como o Zé Romão. Aí eu peguei o peão na unha e disse: esse modelo eu quero pra quando eu for esculpir a cara de um rato.

(Todos caem na gargalhada.)

LISBOA (*continuando*): O Zé Romão ficou uma fera. Queria me matar de tanto ódio, mas como ele é branco e eu não sou, ele é superior a mim, teve que fazer de conta de que não era com ele e ficou ruminando o próprio gogó, de tanto ódio. Que ele morra. Eu sou feio! Eu vou fazer a imagem, mas não vai ser com a cara dele, não. São Jorge não é parecido com um merda qualquer. Eu sou feio. Pudesse ele parecer com as imagens que eu esculpo. Eu arranco da pedra aquilo que ele jamais vai arrancar na sua vida. Eu sou feio!!! Zé Romão!!!!

MAURÍCIO: Vamos embora mestre.

JANUÁRIO: Se o mestre acha que todas as coisas são como são, então as coisas são como são. Se ele quer ficar aqui, fica aqui. Se não quer ficar aqui, ele não fica aqui. É só não querer, não vamos fazer divagações, de evasivas e subterfúgios, para que tudo não seja um belo cocô.

MAURÍCIO: Cala a boca.

LISBOA: Deixa ele falar. Fala, negro sabido, eu gosto de te ouvir falar.

JANUÁRIO: A qualidade alcoólica que o mestre Lisboa intrujou, não deixa de ser uma boa quantidade para suficientemente derrubar um camelo morrendo de sede, mas como tudo na vida não é deserto e o único camelo que eu conheço é o ...

LISBOA (*corta*): Zé Romão.

JANUÁRIO: Zé Romão, concomitantemente o aferimento do álcool é duro de se acreditar.

MAURÍCIO: Já está tarde, mestre. Vamos embora.

LISBOA: Outra vez??? (*Ameaça de dar*

um soco na cara de Maurício e cai. Maurício com toda a paciência, levanta Lisboa.)

JANUÁRIO: Se o mestre houve por bem permanecer deitado, por que erguê-lo?

MAURÍCIO: Cala a boca, Januário. Vamos embora, mestre, amanhã temos um longo dia pela frente.

LISBOA: Vamos, vamos. Eu vou embora, porque aqui ninguém é meu amigo. Viram que eu cai.

JANUÁRIO: Horizontalmente, horizontal.

LISBOA: E ninguém veio me ajudar. *(Para os outros.)* E vocês seus bunda suja. Viram que eu caí e ninguém veio em meu socorro.

UM: Mestre...

LISBOA: Não sou teu mestre, nem teu, nem de ninguém. Vamos embora gente. Vamos embora que aqui está cheio de Zé Romão...

MAURÍCIO: Tá bem, mestre. Vamos embora.

LISBOA: Vamos. Isto aqui já esteve bom. Agora está cheio de Zé Romão. *(Esta música que se segue é autêntica da época.)*

LISBOA: O São Jorge que ali vai Com ares de Santarrão, Não é São Jorge nem nada é o Alferes Zé Romão

JANUÁRIO: Se queres rezar pra Deus São Jorge é o indicado Mas se o caso é o diabo Zé Romão leva o recado *(Luz modula e já ilumina um grande andaime onde Lisboa está entalhando ajudado por Maurício. Januário e outros. Outro dia.)*

LISBOA: Não corte a madeira nesta direção. Corte a favor do veio da madeira que é pra ficar mais fácil. Quantas vezes eu preciso te ensinar, negro teimoso.

MAURÍCIO: Mestre, eu pensei que fosse mais fácil lavrar nesta direção...

LISBOA: Maurício, você tem que fazer o que eu te ensino. Não quer ser entalhador? Então tem que aprender a fazer direito. Corte daqui para lá que é muito mais fácil.

(Maurício começa a trabalhar juntamente com todos os outros. Num determinado momento Maurício pára e pergunta.)

MAURÍCIO: Mestre, eu tive conferindo este risco. Já medi ele várias vezes e não bate aqui. Olha só.

LISBOA: Deixa eu ver. *(Examina.)* O que é que não bate?

MAURÍCIO: Este florão não cabe aqui.

LISBOA: Então você não mediu direito. Porque eu estudei o risco mais de dois meses, medi, remedi. Não tinha nenhum erro de cálculo. Como é que agora não bate. Mede de novo. Tem que bater.

(Desculpe, mas estamos em 1750 e o sistema métrico decimal "metro" foi oficializado em 1791. Vamos falar em "palmos" que é mais seguro.)

MAURÍCIO: Aqui no risco tem três palmos de altura.

LISBOA: Tá brincando comigo, negro? Tá querendo zombar de minha mão?

MAURÍCIO: Não, mestre, eu nunca faria isto.

LISBOA: Então por que fica falando em merda de palmo. Sabe que o meu palmo não regula, que minha mão está ficando torta, tá querendo me obrigar a mostrar na frente de todos? O teu palmo é maior que o meu, negro burro!!!

MAURÍCIO: Desculpe, mestre.

JANUÁRIO: Começamos através de um belo percurso de madeira. *(E*

vai buscar um sarrafo.)

LISBOA: Agora vamos medir. Deixa eu ver o risco. *(Mede e vem medir o encaixe.)* É. Tá um pouquinho maior, mas faz o seguinte: desbasta a madeira assim do chanfro que ela encaixa. Depois, bota aqui um pino e faz um furo na peça nesta mesma altura. Um pouco de cola e pronto. Pouquinha cola. Não vai me "bruzuntar" tudo aí de cola.

JANUÁRIO: Mestre.

LISBOA: Quê?

JANUÁRIO: Isto que nós estamos fazendo é que é barroco?

(Maurício prevendo a tempestade sai de fininho.)

LISBOA: Em primeiro lugar. Isto não é isto. São obras de arte. Quando se referir ao que faço diga sempre: obra de arte. Peça. Escultura. Talha. Isto pode ser o que você faz, eu não faço "isto". Em segundo lugar, não é. Não é barroco.

JANUÁRIO: É que seu irmão, padre Félix, disse que o seu "barroco" não é muito bom.

LISBOA: Falou isto porque ele é um ignorante, um analfabeto, que em vez de dizer missa, que é a única coisa que ele sabe fazer, fica se metendo onde não é chamado.

JANUÁRIO: Quer dizer que suas peças, escultura, talhas e obras de arte, não são barroco?

LISBOA *(depois de pensar um pouco e segurar sua irritação):* São. Mas é o meu barroco. *(Chamando.)* Maurício! Onde é que você está, negro à toa?

MAURÍCIO: Pronto, mestre.

LISBOA: Não some não. Fica por aqui que temos que terminar isto o

mais rápido possível.

JANUÁRIO: Perdão, Mestre, não diga isto. Diga obras de arte, talhas, escul...

LISBOA *(berra):* Cala a boca negro. Eu vou te explicar direitinho, pra quando o meu irmão vier aqui meter o bedelho no seu serviço, você saber o que responder pra ele. Isto serve pra todo mundo aqui. Existe, realmente a arte barroca. É um *(Isto vira canção.)* estilo de arte criado no velho mundo. É claro que a minha obra tem muita coisa parecida com o que eles fazem, mas eu tenho o meu próprio estilo. Eu não obedeço as normas deles, porque o artista que seguir uma regra, está perdido. A arte de cada um, tem que ser a arte de cada um; senão, vamos ser eternos copiadores deles e já chega a opressão em que vivemos no campo do ouro, do poder e tudo mais; e ainda vamos ter que fazer as nossas criações de acordo com o que eles determinam. Lá se vai a nossa criação, pelo menos como gente, devemos procurar ser independentes. É preciso romper com as criações do velho mundo e criarmos o nosso estilo. É por isso que muita gente torce o nariz, quando vê que eu deformedo as coisas, quando eu faço imagens narigudas. Precisamos romper com as regras ditas pelos nossos senhores, para que possamos ter as nossas próprias regras. Se eles nos impõem as regras, nós lhes mostramos as exceções. Se eles tem os caminhos nós temos desvios, que chegam mais depressa. O meu

estilo é meu. Quem não gostar não gosta, mas o que é meu, é muito meu. De modo que "seu padre Félix" (*Gozador*), meu irmão por parte de pai, disser que o que eu faço não é barroco, ou o barroco que ele esperava, digam que eu acho isto muito bom. Enquanto ele achar ruim é porque é tudo muito bom, que continue não gostando, que eu fico muito agradecido. (*Maurício esteve até agora trabalhando.*) Deixa eu ver como é que você está fazendo o encaixe. (*Vai lá.*) Ô negro teimoso, eu já não te expliquei que assim não dá certo? Tem que ser assim.

JANUÁRIO: Tem que prestá a devida atenção, negrinho.

(Lisboa furioso dá umas macetadas no formão e depois perde a paciência e dá umas bordoadas no Maurício que é salvo pela chegada do Governador D. Bernardo José de Lorena.)

BERNARDO: Lisboa?

LISBOA (furioso): Que é?

BERNARDO: Sou eu. D. Bernardo José de Lorena.

LISBOA (sem ser amável): Como vai o senhor, Governador?

BERNARDO: Graças a Deus, bem. Vim ver como andam as obras.

LISBOA: Vão indo, Excelência. Vão indo. Tem que ser tudo mais devagar.

BERNARDO: Eu fiz questão de vir ver tudo mais de perto. Afinal, eu sou o protetor de sua arte. Se não fosse eu, você estaria perdido no meio desta confusão de Vila Rica, onde são todos uns mazombos e nada entendem de arte, principalmente de uma arte como a sua. Quis vir ver de perto.

LISBOA: Depois de tudo pronto o

senhor verá, governador.

BERNARDO: A minha curiosidade é grande. E como estão falando muito por aí, e chegou até aos meus ouvidos que haviam umas deformaçõezinhas em suas imagens, eu quis ver com os meus próprios olhos o que vai pelas mãos de grande artista.

LISBOA: Isto me deixa muito lisonjeado, mas o que está deformado é o nariz de quem falou. E se V. Exa. também pudesse ficar só no palácio e não aparecer aqui antes de tudo terminado, eu ficaria muito agradecido, e tudo andaria mais depressa.

BERNARDO: Ah, como são temperamentais esses artistas. Que que há de mal em eu vir aqui?

LISBOA: De mal... De mal não há nada Exa. É que é perigoso. Se eu fosse V. Exa., ia pra sua sala despachar e me deixava aqui em paz com o meu trabalho. Quando chegar a hora de ver tudo, eu mando o Maurício ou o Januário chamar V. Exa. Prometo que será o primeiro a ver tudo.

BERNARDO: Depois de tudo pronto?

LISBOA: É.

BERNARDO: Mas depois da madeira talhada e trabalhada eu não posso dar minha opinião, para... Para... Como dizer... Para melhorá-la se não estiver a contento.

LISBOA: É. Vai ser mais desagradável. Mas V. Exa. só poderá dar opinião depois de tudo pronto.

(Lisboa volta a trabalhar e o Governador fica um pouco examinando o que já está pronto. Um tempinho e o Governador fala.)

BERNARDO: Lisboa?

LISBOA (impaciente): Que é?

BERNARDO: Desculpe estar interrompendo...

LISBOA: Realmente o senhor está interrompendo e perturbando muito, desta maneira eu nunca chegarei ao fim.

BERNARDO: Eu sei. Eu sei. Mas é que esta imagem está tão deformada que eu não posso deixar de falar.

LISBOA: Não está deformada nada. Isto é má-vontade de V. Exa.

BERNARDO: Como, má vontade? Não precisa ser nenhum grande artista para ver que estas figuras têm as mãos completamente deformadas. Você não vai consertar isto?

LISBOA (*chamando*): Maurício.

MAURÍCIO: Sim, Mestre?

LISBOA: Estas imagens têm as mãos deformadas?

MAURÍCIO: Não, mestre.

LISBOA: Januário.

JANUÁRIO: Sim, Mestre.

LISBOA: Estas imagens têm as mãos deformadas?

JANUÁRIO: Não, o barroco que tem Mestre Lisboa, cumpre fazer neste momento, tem a sua função e o seu estilo próprio, não dependendo da arte que vem do velho mundo. É preciso renová para criar. E o Mestre Lisboa, que vem renovando e criando o seu estilo próprio, para a glória da Capitania de Minas Gerais, foge do convencional, como diria o Padre Félix, para implantar uma renovação na arte do grande artista. A diferença entre o barroco do Mestre Lisboa e o barroco do resto aí...

(Januário pára por falta do fôlego e fica tendo uma crise de falta de ar, quando Lisboa de lá de cima começa

a jogar para baixo pedaços de madeira, lascas etc. E o Governador se protege como pode com as mãos, e as coisas não param de cair lá de cima.)

BERNARDO: Cuidado Lisboa!

LISBOA: Quem tem que ter cuidado é o senhor que está aí em baixo. Eu estou aqui em cima e na minha cabeça não cai nada.

BERNARDO: Estou dizendo para você ter cuidado, que estão caindo coisas na minha cabeça. Cuidado com minha cabeça!!!

LISBOA: Eu não disse pro senhor não ficar perto do andaime que era muito perigoso? Cuidado.

BERNARDO: Eu sei... Eu sei... Já vou indo. (*Bernardo sai correndo debaixo de uma chuva de lascas de madeira etc.*)

LISBOA: Vai para o seu palácio, que lá a única coisa que pode cair na sua cabeça é um raio. Vai dar palpites nas suas coisas, que aqui eu sei muito bem o que estou fazendo.

JANUÁRIO: O Mestre está criando um estilo novo que substancialmente...

LISBOA: Cala a boca negro. Você hoje já falou muita besteira. (*Entra o tipo que faz contas.*)

TIPO: Mestre Lisboa?

LISBOA (*furioso*): Que é? Será que hoje é o meu dia?

TIPO: 71.000 vezes 15... Não, não, não é nada disso. 65.000 arrobas, multiplicando por 15 dá... Não dá pra fazer... O Senhor quer me ajudar a fazer uma conta? Ontem à noite o senhor estava meio nervoso.

LISBOA: E hoje estou pior ainda. Cai fora. Some da minha frente.

TIPO: Uma continha só.

LISBOA: Cai fora!!!! Cai fora!!!
(*O tipo sai de cena. Voltam a trabalhar. E Lisboa fala.*)

LISBOA: Pode retirar os andaimes. A igreja já está pronta.
(*Os escravos retiram os andaimes, quando retiram surge em back projection uma das igrejas de Aleijadinho. A igreja fica a critério do diretor, Lisboa fica "dentro" da igreja um bom tempo. Contemplativo. Tema musical, a luz modulando e se apagando o slide da igreja, e Lisboa canta.*)

LISBOA: Cada cabeça, cada sentença
Se o tirano manda que eu mate,
Isso eu não faço, não mato não.
Veja o exemplo de D. Rodrigo
Coração grande, homem leal,
Veio pra cá, não foi do céu.
Veio das terras de Portugal.
(*A luz já modulou e temos agora uma cena de cadeia. D. Rodrigo entrando com toda a sua comitiva. A cadeia está cheia de presos. No momento em que D. Rodrigo entra, um preso se atira a seus pés.*)

PRESO: Piedade, senhor. Piedade. Não me mate.

RODRIGO: Levante-se, homem. Encare o seu governador.

PRESO: Piedade, senhor. Piedade.

RODRIGO: Vamos, homem. Levante-se. O homem foi criado por Deus para viver de pé. De pé! Vamos, de pé.

PRESO (*levanta-se*): Piedade, senhor.

RODRIGO: Não vejo por que ter piedade dos homens. O homem que é digno de piedade, não merece viver. Peça justiça. Justiça, sim. Piedade, nunca. Por que que você está preso?

(Preso não responde.)

AJUDANTE DE ORDENS: Foi encontrado minerando em lugar proibido.

RODRIGO: Estava trabalhando?

AJUDANTE: Sim, Exa. Totalmente fora da lei. Minerava em lugar proibido. Não satisfeito rasgou uma estrada que dava acesso ao lugar de mineração. Como é do seu conhecimento, isto é fora da lei. É proibido.

RODRIGO: Pagava impostos?

AJUDANTE: Nem cogitei de saber. Está tão irregular que nem que estivesse pagando os impostos teria de ser preso.

RODRIGO (*para o preso*): Você. Venha cá. (*Preso chega-se a ele morrendo de medo.*) Providencie sua licença, pague os impostos e pode minerar à vontade.

AJUDANTE (*chamando D. Rodrigo de um lado*): Exa. É proibido minerar fora da rota São Paulo-Goiás.

RODRIGO: A coroa não quer a normalização dos quintos atrasados? Não quer que a colônia renda aquilo que eles tanto esperam? Pra que tanta proibição? Tanta burocracia? A colônia só pode render se trabalhar, e aqui nessa terra só se trabalha em ouro. As usinas da Baía e Pernambuco foram fechadas porque o imposto sobre o escravo era muito alto e só consegue pagá-lo a peso de ouro. O ouro é o forte desta terra, portanto vamos deixar a colônia trabalhar. (*Para o preso.*) Você está livre, meu filho. Vá trabalhar. (*Preso sai. E Rodrigo fala para outro preso.*) Um índio. E este? Por que está preso?

ÍNDIO: Turuçu, Turuçu.

RODRIGO: Que é Turuçu?

AJUDANTE: Significa: grande Capitão, dominador de todos.

RODRIGO (*para o índio*): Por que está preso?

AJUDANTE: Vadio. Sem profissão. Foi preso num arraial de índios, junto com todos estes outros. O resto do bando fugiu. Só conseguimos trazer estes.

RODRIGO: Quero saber a razão da prisão deles!

AJUDANTE: Vadios.

RODRIGO: Quem pode provar que são vadios. Mofando na cadeia, nunca poderão provar que não são vadios.

AJUDANTE: Essa gente é indolente por natureza, Exa. Não adianta ensinar-lhes nada.

RODRIGO: Vista estes índios. Ensine uma profissão a eles. Dê-lhes instrumentos, alimente-os e depois encaminhe-os para o trabalho, depois então você pode afirmar que são vadios. E os outros presos?

AJUDANTE: Estão aguardando julgamento.

RODRIGO: De quê?

AJUDANTE: É tanta gente, Exa. Eu nem sei.

RODRIGO: Solte-os. Solte todos os presos que ainda não foram julgados e condenados. Aqui na cadeia, eles não terão oportunidade de se defender. Em casa eles trabalharão e poderão se defender das acusações.

AJUDANTE: Exa. Isto é muito arriscado!!!

RODRIGO: Eu corro o risco. Quero saber agora a causa da prisão de um por um destes homens, e os que não tiverem um motivo para estar presos serão postos em liberdade imediatamente.

(E começa a examinar uma papelada fazendo uma cena muda, enquanto Lisboa vem ao proscênio e canta.)

Numa ninhada, nasce de tudo.

Galo de briga, galo capão.

Só quando cresce é que se sabe

Se é de briga ou fanfarrão.

Grande guerreiro, é D. Rodrigo

Pai da justiça, um Turuçu

Não sendo ele, digo e redigo

Viva o canalha do Belzebu.

(Rodrigo termina o exame.)

RODRIGO: Tanta lei, tanta lei, tanta burocracia. Isso atrapalha o trabalho.

AJUDANTE: Tem sido difícil manter a ordem aqui nestas paragens. São uma corja de vagabundos. Inúteis. O quinto está atrasado. Teremos que fazer em breve a derrama para cobrar os atrasados que esta gente deve à coroa. Tem que ser assim, D. Rodrigo. Tem que ser assim. Eles só entendem a linguagem do chicote e da cadeia. E é graças à violência que temos conseguido manter a colônia sob as nossas vistas. E a única linguagem que eles entendem é esta. A violência. Eu acho que a derrama tem que ser imediata, para que eles aprendam.

RODRIGO: Terminou, Capitão?

AJUDANTE: V. Exa. naturalmente está chegando agora, e não conhece bem as manhas deste povo. Mas eu sei. Eu os conheço muito bem e sei como lidar com eles.

RODRIGO: Capitão, infelizmente quem governa aqui sou eu. Eu sou governador e não penso como você. São seres humanos, perdidos nos confins deste mundo. Como você sabe que são bandidos?

AJUDANTE: Vossa Exa. vai viver aqui e verá como eu já vi.

RODRIGO: Sim, acredito que seja a pior

espécie de gente. Mas você já foi ao interior para ver de perto as condições de trabalho e alimentação desta gente?

AJUDANTE: Nem quero ir. Não quero ser devorado por este bando de antropófagos.

RODRIGO: Pois eu virei vê-los de perto.

AJUDANTE: Não faça isto, Exa.! Não vá se expor, são perigosíssimos. Uma escória.

RODRIGO: Eu não vou me expor, Capitão. Nós vamos nos expor, você vai comigo.

(Tema musical. Os praticáveis já estavam arrumados como se fosse uma montanha, e D. Rodrigo mais o ajudante de ordens e mais a comitiva, "escalam" o monte de praticáveis. D. Rodrigo na frente.)

RODRIGO: Veja, Capitão, que beleza de país. Alguma censura?

AJUDANTE: Só a fome, Exa. A fome e falta de conforto.

(Grande vozerio. Gritaria. A comitiva toda tem medo, gritando. Índios. Índios. D. Rodrigo fica sereno e fala para o ajudante de ordens que já está em posição de combate.)

RODRIGO: Guardem as armas! Não quero um só tiro. Não quero mortes.

(Suspensinho. Rodrigo desce os praticáveis e vai até o centro do palco. Tira suas armas inclusive sua espada.)

RODRIGO: Grande chefe da terra. Sou seu irmão branco e venho a missão de paz.

(Rodrigo coloca as armas no chão. Entra o chefe índio. Armado até os dentes. Também deposita as armas no chão.)

CHEFE: Pai branco, amigo de minha raça?

RODRIGO: Venho em nome do meu

povo e de minha terra ficar amigo desta tribo de guerreiros tão valentes.

CHEFE *(estende os braços para D. Rodrigo e vice-versa, os índios correm na direção de D. Rodrigo gritando: Turuçu, Turuçu. E o presenteiam com frutas silvestres, caças etc.)*

RODRIGO *(para o ajudante):* Não estava com fome? Teus irmãos antropófagos estão te alimentando.

(Rodrigo recebe, alegre, os presentes dos índios, que ficam satisfeitos ao ver que ele gostou, todos comem, principalmente o ajudante de ordens. Quando estão naqueles comes e bebes, se aproxima de D. Rodrigo uma índia.)

ÍNDIA: Eu quero pedir uma coisa ao Turuçu.

RODRIGO: Que é minha filha?

ÍNDIA: Turuçu, trouxe padres na sua comitiva. Eu freqüentei as aulas de catecismo, mas ainda não pude ser batizada, por falta de padrinhos. Aqui são todos pagãos. Tão pagãos quanto eu. Na tribo de Turuçu, onde todos são cristãos, não teria alguém...

RODRIGO *(chamando):* Padre.

(Padre se aproxima.)

RODRIGO: Vamos batizar nossa irmã. Eu vou ser o padrinho.

ÍNDIA *(emocionada):* Turuçu???

RODRIGO: Eu mesmo. *(Tom.)* Padre, proceda ao santo sacramento.

PADRE *(se paramenta e vai começar o batismo):* Como é seu nome?

ÍNDIA *(olha longamente para D. Rodrigo, beija-lhe as mãos e responde):* Maria.

PADRE: Maria, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

(Grande alegria por parte dos índios e todos. E começa um meio balé dos índios, enquanto eles dançam D. Rodrigo conversa com o chefe).

CHEFE: Outros brancos passaram por aqui, secaram o ouro da terra. Agora aqui só temos fome e frio. Os brancos só tiravam do fundo da terra e não plantavam nada em cima da terra. Foram embora e largaram os índios esquecidos.

RODRIGO: Por que o grande guerreiro não se muda com sua gente?

CHEFE: Aqui é o nosso lugar. Aqui é o lugar de minha gente. É aqui que temos que viver. Tivemos muito trabalho para espantar daqui os valentes Botocudos e tomarmos conta da terra. Muitos guerreiros meus morreram expulsando os Botocudos, e nós temos que ficar aqui para fazer companhia para os seus espíritos.

PADRE: Ele tem razão, Exa. Se saem voltam novamente os ferozes Botocudos.

RODRIGO: Capitão.

AJUDANTE: Sim, Exa.

RODRIGO: Destaque imediatamente gente que entenda de lavoura. Esta terra é boa. Destaque gente que possa ficar aqui e ajudar esta tribo. Gente que fique aqui trabalhando e ajudando estes irmãos a tirar comida de cima da terra. Fazendo nascer desta terra as riquezas que eles tanto precisam.

(Cresce o balé dos índios e quando termina já aparece D. Rodrigo na sala de governar tremendo de frio. Ambiente de tempestade.)

AJUDANTE: Eu disse a V. Exa. que esta terra é ingrata. Que que adiantou

querer ajudá-los e percorrer tudo a pé. Que que adiantou aumentar a produção do ouro? Abrir estradas? V. Exa., apanhou malária. Aí está o médico.

MÉDICO: Bom-dia, Exa.

RODRIGO: Bom-dia, doutor. Não sei por que o chamaram. Incomodá-lo sem necessidade.

MÉDICO: Vamos ver se foi realmente sem necessidade. *(Começa o exame.)* V. Exa. está ardendo em febre. Quando começou a sentir calafrios?

RODRIGO: Uma febrezinha sem a menor importância. Uma gripe como outra qualquer.

AJUDANTE: Apanhou esta febre há dias. Andando no meio das lagoas desta terra.

MÉDICO: Mas tem compensado o sacrifício de V. Exa. O povo desta Capitania nunca esteve tão alegre. O pagamento do quinto cresceu. As minas andam prósperas, não se fala mais em derrama. Nunca se viu Minas Gerais tão feliz. O povo está trabalhando como nunca trabalhou. As cadeias estão vazias e o povo voltou a cantar. Nunca se viu tanto progresso. Ainda agora fiquei sabendo que foi descoberta outra grande mina de ouro e diamante.

RODRIGO: Onde?

MÉDICO: Na serra de Santo Antônio, no Sertão deserto da Comarca do Serro.

(Rodrigo se levanta trêmulo e febril.)

MÉDICO: Calma Exa. É preciso repouso. Repouso absoluto e uma dietazinha que vou lhe dar.

RODRIGO: Esta terra precisa mais de mim que eu mesmo. Eu vou lá,

senão começam novamente a encher as cadeias e eu não quero isto.

MÉDICO: V. Excia não pode sair nesta chuva, com esta febre tão alta.

RODRIGO: Vou ajudar esta gente. Eles precisam de mim. *(Sai. A chuva aumenta.)*

(Luz modula, tema musical e Lisboa canta.)

LISBOA: Não há bem que dure pouco, nem há mal que não se acabe.

Às vezes vai a bonança

pra que a borrasca desabe

Por três anos governou

D. Rodrigo, o Turuçu,

Por três anos nossa terra

progrediu, cresceu, viveu,

D. Rodrigo foi-se embora

Foi-se embora pra Baía

Voltando a dor e a cadeia

na nossa Capitania

Veio do reino um pupilo

que se viu bem poucas vezes

nos dizer de "seu" critilo

um sujeito bem mendésio

Luiz da Cunha Menezes

Nosso fanfarrão Minésio

Que botou a minerada

pra correr discabriada

De tanto imposto e cadeia

Encheu seu bolso de ouro

embora não desse no couro

Fez seu belo pé de meia.

Foi se embora pra sua terra.

Deixou tudo em pé de guerra

tudo pronto para o drama

drama que foi escrito

com o valor infinito

de um povo contra a derrama.

(Quando Lisboa vai saindo, cruza com

João Fernandes, que passa por ele

com uma bala. Esbarra em Lisboa,

nem percebe. Vai se esgueirando,

fugindo de alguma coisa, sempre

espreitando e se escondendo. Olha para um lado, para o outro e entra correndo na casa da Chica da Silva. Quando ele entra, Lisboa fala.)

LISBOA: João Fernandes, o grande "amor" de Chica da Silva.

(Música alegre, e João esbaforido é o próprio português de Teatro de Revista. O clássico.)

JOÃO: Ai que quase fui visto, por um santo sacerdote que vinha vindo nesta direção. E por mal dos pecados cruzei cá na porta com Lisboa, este escultor que anda por aqui, e acho que ele me viu. Ai se este mulatinho me viu, logo logo a cidade inteira vai ficar sabendo.

(Corre para a janela.) Ainda está lá.

(Grita.) Que queres? Nunca

viste um homem entrar em uma

casa?

LISBOA *(do lado de fora):* Nunca, é a primeira vez.

JOÃO: Então, viste. E daí? Vistes e daí? *(Passa o Padre, João se esconde.*

Lisboa começa a falar com o Padre baixinho e ninguém ouve o que eles falam. João começa a aparecer devagarinho na janela quando ele bota a cabeça de fora, Lisboa grita.)

LISBOA: É o João Fernandes, Padre.

PADRE: Bem que eu desconfiava.

(E se percebe que o Padre é o negro Januário. Os dois morrem de rir e saem.)

JOÃO: Ele trouxe o Padre de propósito. De propósito!

CHICA: E por que este medo de ser visto entrando na minha casa?

JOÃO: Ah, Chiquinha. Não posso ser visto entrando aqui. Não fica bem para a minha reputação.

CHICA: Você está querendo insinuar que a minha casa é suspeita?

JOÃO: Não é isso meu amor. Mas é

que nós não somos casados, e afinal de contas estamos vivendo uma vida de pecado. Por que que este padre tinha que passar logo agora, justo na hora em que eu ia entrando aqui. Ai raios me partam. E aquele paineleiro daquele mulatinho, aquele salta pocinhas, ainda ficou segurando o padre para que ele me visse. O que que este santo sacerdote não há de pensar de mim? Ainda ontem me atirei a seus pés e pedi-lhe que me absolvesse de meus pecados, e agora, logo no outro dia ele me vê voltando ao lugar do, pecado!!! A sabedoria é muito sábia quando diz: o criminoso volta sempre ao local do crime. E o padre deve conhecer tão bem quanto eu a sabedoria popular, e deve saber que o criminoso sempre volta ao local do crime. E se não souber, fica sabendo. *(Vai valente para a janela. Chegando lá olha para um lado, para o outro, certifica-se de que não tem ninguém na rua e depois grita.)* O criminoso volta sempre ao local do crime.

CHICA: Quer dizer que você tem medo de ser visto comigo. Que tipo de amor é este? Você tem medo de mim: acha que eu sou pecado.

JOÃO: Um pecado que compensa. Que vale a pena.

CHICA: Você anda muito esquisito ultimamente, que que está acontecendo?

JOÃO: Nada, meu amor, nada. Veja. *(Tira um colar de pedras preciosas.)* Veja. Mandei fazer especialmente para você.

CHICA: Pra mim?

JOÃO: É claro que guardei o devido

segredo. O ourives é um patricio meu, que veio pra cá tentar a fortuna e já vai indo muito bem. Não é um grande artista?

CHICA: É lindo. Mas não é tudo. Não sei. Eu acho que eu estou sofrendo de banzo. Ando muito triste ultimamente.

JOÃO: Sofrendo de quê?

CHICA: Banzo.

JOÃO: Que raio de doença, mais esquisita? Ainda se fosse um defluxo, constipação ou irizipela, vá lá, mas banzo quê?

CHICA: Banzo, uma espécie de saudade misturada não sei com o quê. Uma doença que só os negros têm. Banzo. Saudade.

JOÃO: Saudades de quem?

CHICA: Não sei. Saudades de alguém. De alguma coisa.

JOÃO: Não admito que tu tenhas saudades de alguém a não ser eu. Não admito.

CHICA: Tá bem, estou com saudades de você.

JOÃO: Ai meu amor, não digas isto. Eu não gosto de te ver sofrer. Não quero que tu tenhas um só pingo de tristeza, ainda mais por minha causa.

CHICA: Mas eu estou sofrendo de banzo! Que que eu posso fazer?

JOÃO: Então eu também quero sofrer de banzo junto com você. Quero sofrer de banzo.

CHICA: Só os pretos têm esta alegria, sofrer uma doença tão rara. Só eles têm banzo.

JOÃO: Por quê? Por quê? Eu tenho dinheiro. Eu compro o micróbio do banzo. Pago o que for preciso, mas quero sofrer de banzo. Eu pago. Posso pagar. Veja meu amor. *(Tira outra jóia.)* Mandei

fazer este também. Claro que guardei as devidas precauções de não saberem que era pra ti. É preciso manter...

CHICA: Manter o quê?

JOÃO: Não... Não... É... É... É... Que os ladrões ficam sabendo que tens uma fortuna em jóias e vêm aqui e te roubam.

CHICA: Nada. O que você tem é vergonha de mim. Você nem bem dá um presente e já estraga o prazer de quem o recebe. Como é que você diz que me ama se em tudo que se refere a mim, você quer guardar as devidas precauções. Você não me ama. Se me amasse, me tomava pelos braços e desfilava comigo pelas ruas da cidade. Você não me ama. Mas você quer é viver comigo, às escondidas para que ninguém perceba o meu amor por você, no fundo, no fundo, você tem é vergonha de mim. Isto é que é vergonha. Quer saber de uma coisa: eu vou voltar para a casa da mamãe.

JOÃO (*à parte*): Mas se nem mãe ela tem!!! (*Para Chica*.) Não vá. Não vá meu amor... Eu te dou tudo o que quiseres, mas não me abandone.

CHICA: Tu me dás tudo, desde que guardemos as devidas precauções. Isto é que é.

JOÃO: Meu amor, eu sou um homem conhecido nesta Capitania. Sou um conhecido contratador de diamantes. Muito bem relacionado. Não posso andar por aí com uma a ... A ... A ...

CHICA: Amante???

JOÃO (*benzendo-se*): Deus me perdoe e me livre do fogo do inferno, que

palavra mais horrível. Tu não és minha amante, tu és o meu amor.

CHICA: Sou tua amante. Amante!

JOÃO: Não grites, podem ouvir-te.

CHICA: Por que tu não queres que saibam. Porque tens medo de que saibam que tu vives comigo.

JOÃO: É a minha reputação.

CHICA: Está decidido, eu vou pra casa de mamãe.

JOÃO: Não, não, não. Tu vais ficar aqui. Eu vou morrer junto contigo. (*Se deita na cama*.) Vamos morrer juntos. De banzo. Tu morres de banzo e eu morro de amor.

CHICA: Não quero morrer de banzo. Eu quero ir embora. Porque tu tens vergonha de me amar.

JOÃO: Não meu amor. Não tenho. Veja. (*Tira outra jóia*.) Mandei fazer por outro patricio meu. Grande artista. Veio pra cá tentar a sorte e já vai indo muito bem.

CHICA: Ah, que lindo.

JOÃO: Gosta?

CHICA: É lindo.

JOÃO: É todo teu. Desde que fique quietinha e não fiques mais com esta história e falando nestas coisas horríveis de banzo, eu sei lá o quê.

CHICA: Mas eu estou triste. Tudo o que fazes por mim é guardando as devidas cautelas, para que ninguém saiba de nada entre nós.

JOÃO: Claro. Ninguém precisa saber, para não vir meter o bedelho na nossa vida. Nossa vida é só nossa, de mais ninguém. É até mais tranquilo. Muito melhor que um casamento cheio de padrinhos, e amigo que depois quando a gente está no melhor da festa: toc, toc, toc, na porta. (*Imita*.)

Vimos fazer uma visitinha. Quero ver o quarto da noiva. Ai que linda colcha de rendas! Rendas francesas? (*Voltando a si.*) E lá se vai o sossego dos noivos. E assim não. É muito melhor. Ninguém sabe de nossa vida. Guardamos as devidas cautelas e pronto.

CHICA: Eu queria tanto ir à igreja com você ao meu lado.

JOÃO: Seria um escândalo. Deus me livre do fogo do inferno e me perdoe este pecado.

CHICA: Ai, ai, ai, estou sofrendo de banzo.

JOÃO: Ai coitadinha, eu morro junto. Mas vamos providenciar um padre para confessar a gente antes, para não morrermos em pecado.

(*Ouve-se um barulho enorme.*)

CHICA: Que é isto?

JOÃO: Surpresa. Uma surpresa. Guardando as devidas cautelas é claro, eu contratei algumas dezenas de homens e estão aí no fundo para construir um açude imenso para alegrar os seus dias de tristeza quando eu estiver ausente.

CHICA: Açude?

JOÃO: É um lago enorme. E quando tu ficares com saudadinha de mim vais pra lá passear de navio.

CHICA: Navio?

JOÃO: É. Navio. Mandei fazer um por algumas centenas de operários, claro que todos guardarão segredo, um navio do tamanho natural, com todos os apetrechos necessários para uma viagem, que ficará aportado, no açude aqui no fundo da sua casa.

CHICA: Nossa casa.

JOÃO: É nossa casa. Nossa, minha e

sua, nossa. O navio ficará aportado aqui e quando tu sentires falta de teu Joãozinho, embarcarás no navio e viajarás por todo esse açude que começamos a construção agora.

CHICA: Ah, Joãozinho como você é bonzinho.

JOÃO: Promete que não vais morrer de banzo?

CHICA: Não sei. Depende.

(*Ouve-se a voz de Lisboa.*)

LISBOA: Claro, padre. Ele está aqui sim. Eu vi.

JOÃO: Ai, que raios partam este paneleiro. Pensa que amedronta a João Fernandes? Pensa que meu amor não resiste a tudo, inclusive a estes sustos? Está muito enganado. O meu amor por Chica da Silva é maior que tudo no mundo.

(*E vai à janela. Bem devagarinho e com muito medo. Quando ele aponta a cabeça do lado de fora, Lisboa grita.*)

LISBOA: Olha o João, padre.

JANUÁRIO: Dominorum, Fernandorum. (*João se esconde apavorado, Lisboa e Januário saem morrendo de rir. Música tema modula e entra na introdução de Chico Rei.*)

CORO: Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei, respeita o rei (*Bis.*)

CORO: Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei, respeita o rei. (*Bis.*)

Reinava na sombra da terra
Reinava nas águas do mar
Reinava na frente da guerra
Reinava até o mundo acabar
Mas veio o tumbeiro e o mundo do

Chico acabou.
Seu reino, seu mar, sua guerra e rainha acabou.
E hoje o seu Chico é um negro cativo
Não reina, mas chora seu choro de rei
Senzala é o reino do rei
O tronco é o trono do rei
Chicote é o centro do rei
Enxada é a espada do rei.
Mas quem é rei, tem cabeça de rei
E o Chico é rei, Chico é rei, Chico rei.
(Durante o canto acima, dependendo da vontade do diretor, o Chico Rei entrará chegando com os demais negros. Todos algemados etc. Lisboa está do lado vendo a chegada dos escravos.)

LISBOA: Está vendo, Januário. Mais braços para arrancar o ouro do fundo da terra. Quem garante que não sejam nossos parentes, que como nossos pais foram capturados longe daqui?

MAURÍCIO: É, quem garante?

LISBOA: Entre estes escravos que chegaram, tem um que é um grande rei em Luanda.

JANUÁRIO: Que que adianta ser rei lá.
Tem que ser aqui.

LISBOA: Você é o negro mais inteligente que eu já vi. Fala tudo certo e na hora em que deve falar.

(Música tema. Ambiente. Senzala. Os negros reunidos. Uns cantam tristemente. Outros conversam. Chico Rei e seu filho estão juntos num canto.)

CHICO: Você viu direito, filho?

FILHO: Vi, pai. De nossa tribo não chegou quase ninguém vivo.

CHICO: Conseguiu saber da sua mãe?

FILHO: Nossa rainha nem chegou aqui viva. Morreu em alto mar.

CHICO (chora): Precisamos achar uma saída para isto tudo.

FILHO: Não temos meios de nos

levantarmos contra eles pai. Eles têm armas, nós não temos nada. Querer derrubar os poderosos sem meios seria uma loucura.

CHICO: Não podemos viver o resto da vida oprimidos. Temos que achar uma saída.

FILHO: Tem uma lei que diz que o escravo que pagar ao senhor o preço de seu resgate poderá comprar a sua alforria.

CHICO: Disso eu já sabia, mas onde nós vamos arrumar dinheiro?

FILHO: Eu acredito no meu rei. Sempre achei que ele fosse um grande monarca, um governador invencível, e continuo acreditando nele.

CHICO: E pode acreditar em mim, meu filho. Nós vamos sair desta.

CORO: Ele é rei, ele é rei, ele é rei.
Ele é rei, ele é rei, ele é rei, respeita o rei.
(Bis.)

(Luz modula, marcando uma passagem de tempo. E Chico já está diante do senhor.)

SENHOR: Quem foi que te encheu a cabeça, negro?

CHICO: Eu soube disso, meu senhor, e quem me informou está certo disso.

SENHOR: Quer dizer que você quer comprar a sua alforria?

CHICO: Sim, senhor. Quero.

SENHOR: E onde você arrumou ouro?

CHICO: Arrumei, senhor.

SENHOR: E no que você pretende trabalhar, ao ser alforriado?

CHICO: Ainda não sei, senhor. Mas quero ser livre. Quero a minha liberdade.

SENHOR: Está muito bem. Já sabes o teu preço. Podes procurar a tua liberdade. Procure um escrivão que lavre a tua alforria, e desde

que me pagues, eu estou de acordo em alforriar-te!

CHICO: E depois senhor...

(E continua falando sem som.)

CORO: Negro livre, negro vivo

Negro é gente sim senhor

Negro livre é negro vivo

Negro é bom trabalhador

Hoje, Chico é negro forro

Inda é rei, rei de verdade

Sonha Chico com seu reino

Viva em Chico a liberdade.

(Chico: andando livremente, sem algemas. Já é um homem livre.)

Trabalhou como um danado

Trabalhou que trabalhou

Juntando vintém trocado

o seu filho libertou

Com seu filho alforriado

Quatro braço a trabalhá

Quatro braço trabalhando

Prum terceiro libertá.

Com o terceiro alforriado

São seis braço a trabalhá

São seis braço trabalhando

Para um quarto libertá

Mais de cem alforriado

Mais de cem a trabalhá

Mais de cem suando forte

Pra mais cem se libertá

Libertou toda a sua tribo

Libertou os seus irmãos

Desse jeito Chico acaba

acabando a escravidão.

Em vez de formar quilombo

Chico faz uma empreiteira

comprando mina de ouro

A mina da encardideira.

Prosperou o nosso Chico

Reerguendo o seu reinado

Fundando em Vila Rica

Seu Império e seu Estado.

Se casou com uma crioula

Deu-lhes honras de rainha

O seu filho era príncipe

Sua nora princezinha.

Um monarca soberano

Com muita naturalidade

Viva os negros libertando

trabalhando a liberdade.

CORO: Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, seu Chico é rei.

(Chico agora já é um rei. Se veste como tal. Vem seguido de seu séquito. Quando Chico entra. Se senta no seu trono, recebe a visita de Lisboa, Januário e Maurício.)

CHICO: Entra meu caro Lisboa. É sempre um prazer receber você.

LISBOA: Eu é que me sinto honrado e falar de perto com um grã-rei.

JANUÁRIO: Um verdadeiro rei. Porque esta portuguesada...

LISBOA: Januário, fecha a tramela.

JANUÁRIO: Tá fechada. Fechara para sempre. In eternum.

CHICO: Quero saber do grande artista se podemos contar com a sua colaboração para a construção de nossa igreja?

LISBOA: Claro, Majestade. Terei o maior prazer, tanto eu como meus auxiliares.

JANUÁRIO (corrigindo): Escravos.

LISBOA: Meus auxiliares teremos muito prazer em trabalhar na sua igreja. Aliás o projeto sendo de meu pai, é claro que eu sempre tenho que fazer alguma coisa.

CHICO: Lisboa, você que é um homem nascido nesta terra, e está mais informado do que eu, me diga uma coisa: eu tive uma informação, que está de certa forma me deixando preocupado.

LISBOA: O que preocupa o grande monarca?

CHICO: Eu soube que estão pagando

os negros já forros e vendendo novamente com escravos?

LISBOA: Não é nada difícil de acontecer. Deles pode-se esperar tudo. Não é nada difícil que isto aconteça. Temos que ter todo cuidado, não é bem meu caso porque eu feliz ou infelizmente sou um escultor famoso e comigo eles não se metem, mas todos os negros forros deviam trazer um documento que os identificasse com facilidade, porque no momento em que eles resolvem, prendem mesmo e ninguém mais solta.

CHICO: Você não acha que isto é desonesto?

LISBOA: Muito. Mas nós somos a minoria.

MAURÍCIO: Os nossos senhores ficaram muito revoltados com o aparecimento dos quilombos. Isto realmente está incomodando os senhores reinóis.

CHICO: Deviam deixar os negros viver em liberdade. Produziriam muito mais que no cativeiro.

LISBOA: Infelizmente eles não pensam desta forma.

CHICO: Eu sou contra toda e qualquer forma de violência, tanto de nós para eles como deles para nós. Tanto que podia eu, perfeitamente, formar um quilombo, mas eu preferi ficar aqui. Trabalhei, libertei muita gente e ainda estou libertando mais e vou libertar todos que eu puder. Mas quero ficar aqui. Na frente deles para vigiá-los de perto. Quero vigiar de perto todos os nossos senhores, eu estando perto deles fico mais tranqüilo.

MAURÍCIO: Estão prendendo os negros

que eles acham que possam ter qualquer ligação com o levante da quinta-feira santa.

CHICO: Como foi isso, que eu não fui bem informado? O meu serviço de informações ainda não está bem organizado e eu fiquei meio sem saber exatamente o que houve na quinta-feira santa.

MAURÍCIO: Os quilombos estavam armados para invadir as quatro principais cidades desta Capitania. Estava tudo pronto para ser na quinta-feira santa. Esperariam o momento em que o povo estivesse nas igrejas rezando, eles invadiriam as cidades e tomariam o poder, para uma libertação em massa dos negros. Tudo estava certo. Mas para variar, houve uma delação. Não se sabe quem traiu, mas houve uma traição, o bispo foi intimado pelo governador e as igrejas foram fechadas e o movimento ficou só na boa intenção dos negros.

CHICO: Ah, foi isso?

MAURÍCIO: Foi, Majestade.

CHICO: Meu filho, ficou inclusive muito preocupado, com medo de que fôssemos atingidos com suspeitas, mas não há o menor perigo. Todos sabem que o meu método de agir é outro. Detesto violência. Libertei meu povo com diplomacia e vou levar tudo até o fim neste mesmo ritmo. Diplomacia. E a minha tribo hoje é feliz, trabalha, tem seu rendimento, pode comprar tudo o que precisa nos armazéns de nosso reino, por um preço bem razoável, temos tudo no nosso reino, que é pequeno, mas é nosso, temos de

tudo, e o que é mais importante.
Temos liberdade.

MAURÍCIO: Mas está havendo uma reação muito grande por parte dos brancos. Querem acabar com os quilombos. Dizem que é uma necessidade acabar com todos os negros que vivem em quilombos. São considerados os maiores inimigos da coroa.

CHICO: Só porque estão livres?

MAURÍCIO: Não sei, majestade. Mas querem acabar com os quilombos, e para isto já destacaram Bartolomeu Bueno do Prado para comandar uma expedição de guerra aos quilombos.

CHICO: Bartolomeu Bueno do Prado??? Eu conheço de nome.

LISBOA: É um profundo conhecedor dos sertões, e é ele quem vai comandar a expedição.

JANUÁRIO: Ele prometeu trazer para o governador todas as orelhas de negros que ele matar.

CHICO: Mas isto é terrível.

LISBOA: Mas é a crua verdade. E a fama de Vossa Majestade já chegou no reino. Os reis estão preocupados com a sua libertação.

CHICO: Mas eu, enquanto puder, vou libertar mais gente. E agora não me pegam mais. Uma vez eu estava desavisado e me pegaram em minha terra, fui preso, feito escravo e consegui me libertar, mas agora não me pegam mais. Sou livre.
(Voz cantando sem acompanhamento. Som bem distante.)

Na igreja de Chico Rei
Tem um só particular,

Tudo que é santo é crioulo
pendurado no altar.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei, seu
Chico é rei.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei, seu
Chico é rei.

(Aqui o palco tem que ter vários planos. O primeiro vamos ver Lisboa assistindo a tudo. Num outro plano vamos ver a cerimônia das carapinhas empoadas. Num outro plano vemos a corte portuguesa preocupada com a liberdade de Chico Rei. No proscênio vamos ver Bartolomeu Bueno do Prado caçando negros. Depois de algum tempo começaram a chegar as pipas cheias de orelhas de negros, presente de Bartolomeu Bueno do Prado para o Governador de Minas. As orelhas serão depositadas num praticável entre a cerimônia das carapinhas empoadas e o rei de Portugal lavrando o decreto proibindo a libertação.)

REI: Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem que sendo presentes os insultos, que no Brasil cometem os escravos fugidos, a que vulgarmente chamam de calhambolas, passando a fazer o excesso de se juntarem em quilombos; e sendo preciso acudir com remédios que evitem esta desordem: hei por bem que todos os negros, que forem achados em quilombos, estando neles voluntariamente, se lhes ponha com fogo uma marca em uma espádua com a letra F – e que para este efeito haverá nas câmaras, e se quando for executar esta pena, for achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha, tudo por simples mando do juiz de fora, ou

ordinário da terra ou do ouvidor da comarca, sem processo algum e só pela notoriedade de fato, logo que do quilombo for trazido, antes de entrar para a cadeia. (Tom.) Onde está o ouro em pó? (Furioso.) Onde está o ouro em pó?

LACAIO: Está aqui, Majestade.

(Rei pega um vidro com purpurina dourada. Despeja em cima da sua assinatura e depois sopra na direção do público.)

REI: Pronto. Cumpra-se o decreto real. De hoje em diante chega de alforrias. Não tem mais negros alforriados no Brasil. Chega de Chico... Rei.

(Luz modula. Tema musical. Lisboa parado no proscênio, entra Januário correndo.)

JANUÁRIO: Mestre, mestre. Viemos assistir à cerimônia das carapinhas empoadas. Dizem que as negrinhas roubam o ouro em pó nas minas em que estão trabalhando e escondem o ouro dentro do pixaim. Assim *(Explica.)* dentro das carapinhas. Depois vão lá na Igreja do Chico Rei, e fingindo que estão se benzendo, lavam as carapinhas dentro da pia de água benta, deixam lá o ouro em pó, que o Chico Rei, depois que a cerimônia termina, retira o ouro em pó, funde em barras e liberta mais negros. Eta Chico Rei disgramado!!!

MAURÍCIO *(sem tom de censura)*: Isto não é pecado?

LISBOA: Deixa o Chico Rei. Ele é que está certo.

CORO: Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei, seu

Chico é Rei.

As negrinhas engomadas

Chico Rei é luxo só

Carapinhas empoadas

Cheinhas de ouro em pó.

(Começa o balé das carapinhas empoadas. Chico Rei e sua corte

ricamente vestidos, cobertos por um

pálio de linho branco. Os negros

tocando urucungos e caxambus,

dançam e cantam enquanto que as

negrinhas lavam as carapinhas na pia de água benta.)

Ouro em pó é ouro em pó

Cá na pia de água benta

Ouro em pó liberta o negro

desta vida lazarenta

Eu lavei a carapinha

Ouro em pó depositei

Ouro em pó que as negrinhas

Deixam aqui para o seu rei

Olhe aqui, São Benedito

Não conte isso a ninguém

Ouro em pó das carapinhas para libertar meu bem.

São Benedito, São Benedito

Preto retinto, retinto que reluz

São Benedito, São Benedito

esconde ouro e não mostre para Jesus.

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei,

Ele é rei, ele é rei, ele é rei, ele é rei,

Seu Chico é rei.

(Bartolomeu Bueno do Prado. Já fez a sua caça no proscênio, já houve o

balé das carapinhas empoadas,

durante o balé o El-Rei gritou sempre:

onde está o ouro em pó? E soprou na

platéia. Os 4.950 pares de orelhas de negros já foram depositados aos pés

de El-Rei, e de cima desta pirâmide de

orelhas surge zumbi dos palmares.

Quando Zumbi surge, todos ficam estáticos, ninguém mais se mexe. Um

quadro vivo.)

ZUMBI: Eu, Zumbi, rei do quilombo dos

Palmares, na hora de minha agonia, para que os meus netos contem a seus netos e os netos deles contem para a humanidade, para que não se possa esquecer esta história tão triste, eu a escrevo com sangue. Porque enquanto houver negro vivo, seu sangue estará lá para contar a história de minha raça. Que role o sangue do negro. Não importa que seja o sangue seco no tronco ou o sangue pisado na ponta dos chicotes, o importante é que o sangue role, porque assim será sempre um contar, gritando a história de dor, a história de tristeza, esta história horrível na vida de meu Brasil. Eu, Zumbi, rei do quilombo dos Palmares, te agradeço Brasil. E o dia em que o sol brilhar nos caminhos do meu povo, deixaremos aqui o começo de uma grande nação. O sangue do negro, Brasil, há de ficar aqui para te ver livre. E nós vamos ser livres, Brasil, num fica triste que nós vamos ser livres. O dia em que o ouro secá no bucho da terra eles vão te deixá em paz, e em paz nós vamo vivê. Ah, como seria bom se a gente pudesse meter o pé na bunda do infinito, derrubar ele de lá de cima pra ele se espatifar aqui em baixo, aí a gente pegava aquela caqueira toda, dava pra vida, e enquanto ela tentava consertar tudo aquilo, se distraía e se esquecia de quem só quer viver. *(Pausa.)* Eles tiraram os reis de seu reino e agora querem tirar a raça de uma raça. Estão tentando liquidar com a minha raça. Escravizam, prostituem, comerciam, vendem,

usam os nossos direitos. Mas a mim não vão pagar. As minhas orelhas não vão cair nos pés do governador. O que vai cair nos pés dele é o meu grito, é o meu desejo de viver. Morro assassinado pela escravidão, morro para que amanhã os meus netos possam respirar em liberdade. O meu sangue há de correr por esta terra semeando a liberdade, que os negros e o povo desta terra tanto precisa. Eu, Zumbi, rei do quilombo dos Palmares, morro com a dignidade de um rei. *(E se atira.)*

(Música tema. Entra o tipo que faz contas. Junto com um ator.)

TIPO: Ninguém quer me ajudar. Eu preciso fazer uma conta e ninguém me ajuda.

ATOR: Que conta?

TIPO: O negócio é o seguinte. Eu li num livro de um homem chamado Calógeras. O livro é "Formação Histórica do Brasil". Lá está escrito o seguinte: "De 1700 a 1801 saiu do Brasil só de Minas Gerais 47.000 arrobas de ouro. Do Mato Grosso e Goiás 13.000 arrobas de ouro, e de São Paulo, Baía e Ceará 5.000 arrobas de ouro, num total de 65.000 arrobas de ouro. Sem contar o contrabando que vai a mais ou menos 40%, que dá mais 26.000 arrobas de ouro". Logo 65.000 mais 26.000 é igual a 91.000 arrobas de ouro. Ora, uma arroba tem quinze quilos. 9.1000 vezes 15 é igual a 1.365.000, que quer dizer que... Não dá pra fazer... Não dá.

ATOR: Não, dá sim. Vamos ver. 91.000 vezes 15 é igual a 1.365.000.

TIPO: Agora, multiplica por mil.

ATOR: Pra quê?

TIPO: Pra saber quantas gramas.

ATOR: Isto é fácil. É só botar três zeros.

(Faz.) Um, dois e três. Dá um bilhão, trezentos e sessenta e cinco milhões.

TIPO: Ora, se um dólar tem uma grama e vive versa...

ATOR: Um bilhão trezentos e sessenta e cinco milhões de dólares...

(Tempo.) Socorro!!!

(Sai correndo.)

TIPO: E de 1740 a 1828 foram 2.985 quilates de diamantes. Dava pra fazer a catedral da Sé em ouro com o piso de diamantes, (Para o público se desculpendo.) olha gente, foi o Calógeras quem disse isso. Eu não tenho nada com isto. (Música, ye, ye, ye. Todo o elenco em cena.)

Mil toneladas trezentos e sessenta e cinco.

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco.

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco.

Esta história continua, fique aqui pra ver o fim

é contada com carinho, e de tim por tim tim tim

Fique aqui não vá se embora que agora é o intervalo

Vá fumar um cigarrinho, e o seu cabelo penteá-lo

Que agora vem a parte da derrama e da traição

que o alferes Tiradentes trabalhou com tanto afinco

Pra impedir que fosse embora as sessenta e cinco

Mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e

cinco

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Vá tomar um cafezinho, vá bater o seu papinho

Não demore que o outro ato já vai logo começar

Os atores estão com pressa para tudo lhe contar

Esta história "bacaninha" dos sessenta e cinco

com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Meu Brasil lindo e trigueiro, meu Brasil bem brasileiro

Teve gente o ano inteiro bagunçando o teu pandeiro

Só havia choro e sangue e c'isto eu não brinco

Tô cabreiro com a história dos sessenta e cinco

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Com mil toneladas trezentos e sessenta e cinco

Só mil toneladas trezentos e sessenta e cinco.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Abertura musical. Tema barroco. O pano vai se abrindo e todos estão em cena, assistindo ao final de uma missa. E cantam o tema barroco.)

Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os pastores:

“Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga exemplos, que nos deram estes”.

Graças, Marília Pera

Graças à minha Estrela.

(Todos vão saindo, persignando-se ajoelhados etc. As mulheres que estavam cobertas de véus se descobrem, enfim demonstrando que a cerimônia terminou. Gonzaga e Marília ficam só.)

MARÍLIA: Estou muito triste com o senhor.

GONZAGA: Por quê?

MARÍLIA: Quem é Laura?

GONZAGA: Ora, meu amor, não vamos ficar revivendo coisas que já se passaram. Só o presente interessa. Pra que ficar revivendo coisas que já se passaram.

MARÍLIA: Todos riem de mim e deboçam de meu amor por você. Dizem que a mesma lira que hoje você usa para cantar o nosso amor, você já a tangeu para Laura.

GONZAGA: Não toques, minha musa,
não, não toques na sonora lira.
Que as almas, como a minha
namorada,
Doces canções inspira,

Assopra no clarim que, apenas soa,
Enche de assombro a terra,
Naquele, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgílio a Guerra
Busquemos, ó Musa,
Empresa maior;
Deixemos as ternas
fadigas de amor.

MARÍLIA: Ah, Gonzaga, Gonzaga, eu te quero tanto bem. Não me deixe nunca mais, por que isto para mim seria a morte. A mais cruel das mortes, aquela em que a vida não se vai e se é obrigado a viver de desenganos juntando os frutos de um amor que não cresceu e floresceu. Fala mais. Fala mais do teu amor. Eu preciso acreditar nele. Eu preciso acreditar que as sombras do passado não vão apagar o sol de nossas vidas.

GONZAGA: Junto a uma clara fonte
A mãe de Amós se sentou,
Encostou na mão o rosto,
No leve sono pegou.
Cupido, que a viu de longe,
Contente ao lugar correu;
Cuidando que era Marília,
Na face um beijo lhe deu.
Acorda Vênus irada;
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede perdão;
Foi fácil, ó mãe formosa,
Foi fácil o engano meu
que o semblante de Marília
é todo o semblante teu.

MARÍLIA: Eu tenho medo, Gonzaga, eu tenho medo de que tudo isto seja um sonho. Tenho medo que ao acordar me veja sozinha. Sem Gonzaga, sem Dirceu. Eu sei que você me ama. Eu sei do teu amor. Sei que ele existe, mas queria saber se ele é eterno. Quero que

você me ame com a eternidade de fim. Quero que o nosso amor não se acabe, como nunca começou. O nosso amor não começou, nem acabou, ele sempre existiu. Jura que não é um sonho!!

GONZAGA: Mal vi teu rosto,

sangue gelou-se,
A língua prendeu-se
tremi e mudou-se
Das faces a dor.
Marília escuta
Um triste pastor.
A vista furtiva,
riso imperfeito
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.
Marília escuta
Um triste pastor.
Se alguém te louvava,
de gosto me enchia,
Mas sempre o ciúme
No rosto acendia
Um vivo calor.
Marília escuta
Um triste pastor
Se estavas alegre,
Dirceu se alegrava
Se estavas sentida
Dirceu suspirava
a força da dor.
Marília escuta
Um triste pastor.
Falando com Laura,
Marília dizia;
Sorria-se aquela,
E eu conhecia
erro do amor.
Marília escuta
Um triste pastor.

MARÍLIA: Eu sinto a necessidade da força de seu amor. Porque se ele um dia fraquejar, eu fraquejarei

junto com ele. Sinto dentro de mim uma vibração tão grande que tenho medo que o meu coração não suporte a força desta paixão. Por isso eu preciso que quando estivermos no auge desta força, o seu amor me sirva de apoio para guiar meus passos.

GONZAGA: Trás a divertir-se na floresta Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço;

Enquanto a luta jogam os pastores;
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
(Aqui antes do Gonzaga falar o último verso a música já ambientou com a abertura do segundo ato. De modo que quando Gonzaga disse o último verso a gravação do coro já entrou e Gonzaga canta junto com a fita.)

GONZAGA: Graças Marília bela
Graças a minha Estrela.
(A música já deve estar no ponto e Gonzaga canta junto com a fita.)

Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,
siga os exemplos, que nos deram estes".

Graças Marília Bela,
Graças a minha estrela. *(E beijam-se.)*
(Lisboa, Maurício e Januário vão saindo da igreja.)

LISBOA: Estão vendo? D. Maria Dorotéa Joaquina e Seixas, e Tomás Antônio Gonzaga, compõem Marília e Dirceu, o símbolo do amor na nossa capitania.

(Luz modula e quando abre mostra um quarto de pensão de estudantes. Lá está Vidal Barbosa. Maya entra correndo.)

MAYA: Viva! Viva. Thomaz Jefferson responder a minha última carta e concorda em se encontrar comigo. Veja aqui. *(Lendo.)* Prezado senhor Vendek. Eu pretendo a qualquer momento fazer uma viagem às províncias meridionais da França. Eu demorei a responder sua carta datada de 21 de setembro, justamente para que pudesse dizer-lhe a hora, o dia e o lugar onde eu poderia ter a honra de lhe encontrar... E aqui no final ele marca um encontro comigo em Montpellier ou nos seus arredores. Meu amigo Vidal Barbosa, eu vou me encontrar com Thomaz Jefferson.

(Outro plano onde encontra Jefferson. Maya aparece, está mal vestido e muito ressabiado.)

MAYA: Bom dia, excelência.

JEFFERSON: Bom dia, meu rapaz.

MAYA: Senhor Thomaz Jefferson?

JEFFERSON: Sim, meu rapaz.

MAYA: Eu sou Vendek.

JEFFERSON: Eu não julgava tão moço, senhor Vendek.

MAYA: Antes de mais nada, excelência, eu desejava esclarecer um ponto, para que V. Exa. entenda a minha boa intenção e não pense que houve má-fé de minha parte.

JEFFERSON: Diga, meu rapaz.

MAYA: Estas roupas são disfarces. São roupas de um estudante pobre, como pobre é o meu rico país. Sou filho de um pedreiro do Brasil e estudo medicina em Coimbra, o único lugar onde os filhos de meu

Brasil podem buscar um pouco de letras e cultura, uma vez que meu sacrificado país não tem nem tipografias, que dizer de uma universidade. Tentando impressionar V. Exa., usei, não sei por que, o pseudônimo de Vendek, mas meu verdadeiro nome é José Joaquim Maya.

JEFFERSON: Como o meu rapaz soube de minha existência?

MAYA: Ora Exa. O mundo inteiro está admirado com o feito de seu país que se libertou do jugo e da humilhação de ser colônia para se transformar numa florescente república. E eu sabia que V. Exa. estava ocupando o cargo de ministro de Estado do seu país, na França. E achei que seria a melhor maneira de pedir socorro era escrever-lhe uma carta, uma vez que somos vizinhos e não seria difícil um encontro entre nós e eu poderia ver o que deve ser feito pelo Brasil.

JEFFERSON: Curioso é que eu fui procurado por um cavalheiro mexicano, que como você, está lutando pela libertação de seu país... Como é mesmo o nome dele???? Não me lembro. Bom, não importa. Vamos ver o que vocês pretendem.

MAYA: Bom, Exa. Como deve ser do seu conhecimento, estamos sob o jugo da coroa portuguesa. E lá não temos direito nem de respirar, e nem um homem brasileiro poderá pensar na Independência do Brasil sem a ajuda de uma grande potência. E como o seu país está sendo o exemplo mais vivo de libertação nos últimos anos, eu pensei... Quem sabe V.

Exa... Ou mesmo um auxílio do Marquês de Lafayette.

JEFFERSON: Realmente está na hora de acabarmos com o direito divino dos reis.

MAYA: Anualmente saem milhões de dólares para a coroa. Não temos fábricas. Qualquer ameaça de progresso, imediatamente os lacaios do reino quebram tudo. Prendem os responsáveis pelo progresso de nossa terra. Temos no fundo da terra muito ouro. Temos no fundo pedras preciosas que brotam das montanhas de Minas Gerais. Brotam das montanhas diretamente para os cofres dos governadores, que cada dia ficam mais ricos, e o Brasil cada vez mais pobre. Nossas minas são escondidas em lugares perigosíssimos, e se houver luta ninguém terá acesso a elas. E se alguém nos ajudar poderemos fazer o monopólio do porto do Rio de Janeiro, que é impossível de se chegar a ele e é considerado como o mais forte do mundo, depois de Gibraltar. Nós pagaremos com ouro, com pedras preciosas, aqueles que nos ajudarem.

JEFFERSON: O seu entusiasmo me comove, meu rapaz. No entanto não podemos tomar nenhuma atitude contra Portugal em cujos portos os nossos navios tem uma boa acolhida. A Independência de cada país é como a maioridade de cada indivíduo, é preciso que seja conseguida cada um por si. É claro que uma vez iniciada a revolução no Brasil, acorrerão para lá inúmeros oficiais dispostos a lutar a seu lado. E

tenho certeza de que eles tudo farão para muito bem orientar seus patrícios.

MAYA: Isto não é tudo, Exa. Precisamos de cabeças, cabeças no exterior. Porque no Brasil se alguém se atreve a pensar, sua cabeça rola pelo chão. Precisamos de gente que pense por nós e não esteja lá, esteja fora do alcance das garras de nossos "senhores".

JEFFERSON: Embora eu tenha muita simpatia pelo seu movimento eu nada posso fazer. Eu sou uma pessoa. Não posso responder por uma nação. Se o seu país conseguir a independência eu garanto que os Estados Unidos comerciarão com vocês. Quanto a isto podem ficar tranquilos, que o seu povo não vai ficar privado de suprimentos necessários, como bacalhau, trigo e manufaturas. Mas dar uma resposta oficial a respeito de nossa ajuda, isso infelizmente é impossível.

MAYA: Nós pagamos em ouro. Os nossos senhores usam o nosso ouro para fazer almôndegas e servir nos seus banquetes. Vários deles usam o ouro em pó como mata-borrão para secar suas assinaturas. E essas assinaturas na maioria das vezes são contra nós. Contra nós secadas com o ouro extraído de nossas minas. Mas isto não importa para eles, porque é só enfiar a mão na algibeira e de lá sai mais ouro. E aqueles que reclamam alguma coisa ou falam um pouco mais alto, mais alto que a sua voz está a força. Estamos vivendo um clima de pavor, onde não podemos respirar o ar que a nossa terra nos dá!!!

JEFFERSON: Lamento profundamente, mas não posso fazer nada pelo seu país.

(Luz modula, Maya fica só e já acende com Vidal Barbosa em cena, novamente o quarto de pensão.)

MAYA: Lamenta profundamente, lamenta profundamente. Todos lamentam profundamente. Enquanto isso o nosso Brasil morre à míngua. Ele nos julgou pelas roupas. Achou porque eu estou mal vestido, fosse um borra botas qualquer. Sou brasileiro e quero ver o meu país cortado de estradas, quero ver fábricas no Brasil. Quero suprir os Estados unidos de bacalhau, trigo e manufaturas e não receber deles. Claro que ele manda suprir os nossos portos com o que ele tem para exportar, temos ouro para pagar. Não somos um país em cujas praias só existem areias lavadas. Ah, Brasil, Brasil morrendo a míngua com o bucho cheio de tanta riqueza. Um oceano se afogando em suas próprias águas.

(Música tema. A luz modula e já ilumina outro plano onde estão em reunião os inconfidentes.)

TIRADENTES: O levante tem que começar aqui em Minas. Aqui estaremos mais abrigados. No Rio de Janeiro tem gente influente que acha que o levante deve começar lá.

CLÁUDIO: Não é que tem gente que acha que o levante deve começar no Rio, Alferes. Não é assim. Você está torcendo as coisas. Nós achamos que o levante será mais forte se começar no Rio, depois será um

movimento unificado em todo o Brasil.

TIRADENTES: Naquele descampado? Sem termos cobertura para retaguarda? Aqui de cima de nossas montanhas teremos muito mais oportunidade de defesa.

CLÁUDIO: E se preparam um contra-ataque pelo mar? Quem garantirá os portos?

TIRADENTES: Cláudio, entenda de uma vez por todas, o movimento vai existir no Rio. Eles garantiram o fechamento dos portos no Rio. A função deles será justamente essa, guardar o porto do Rio. Mas o grosso do nosso movimento deve ser aqui. Aqui está o maior foco de rebelião. É o povo daqui que está sofrendo mais diretamente a opressão da coroa. É aqui que os quilombos estão armados e só esperando um sinal nosso para engrossarmos nossas fileiras com os negros dos quilombos...

ALVARENGA: E depois, tem uma coisa, Alferes. Quando derem pelo levante e quiserem pensar no mar, nós já dominamos a situação e aí então teremos tempo de cuidar deles em nossos portos. Temos que começar o levante aqui mesmo. Não tem por onde errar. De cima de nossas serras ninguém nos apagará.

CLÁUDIO: Pelo amor de Deus, eu não estou a favor do levante começar no rio, estou apenas ponderando...

SILVÉRIO: Estamos perdendo muito tempo. O levante começa aqui em Minas e pronto.

CLÁUDIO: Está bem, Silvério, está bem. Não se fala mais nisso.

SILVÉRIO: Temos que agir mais e falar

menos. Estamos perdendo muito tempo.

TIRADENTES: Não podemos fazer nada sem a derrama. Sem a derrama, sem a derrama não conseguiremos a adesão do povo. Que me diz coronel?

CORONEL (*pensa um pouco*): É. Eu acho que você tem razão, Alferes. Sejamos práticos. Não adianta esperarmos a derrama, não adianta querermos que o levante comece aqui ou lá, se não nos organizarmos. Se não temos um plano de defesa, ou de ataque, o que eu acho muito importante. Precisamos estar preparados para que o levante tenha sucesso, comece onde começar. Temos que nos organizar. Distribuir tarefas. Quer seja aqui, quer seja no Rio. Vamos distribuir as tarefas. Que cada um faça a sua parte, na hora em que for preciso. De repente, vem a derrama e nós estamos aqui conversando.

CLÁUDIO: Podemos exigir que Gonzaga faça a derrama no momento em que precisarmos.

TIRADENTES: Não. Deixe Gonzaga provocar a derrama na hora em que ele achar melhor. A hora deles será nossa hora.

CORONEL: O importante é estarmos preparados na hora em que ele vier.

CLÁUDIO: Não custa nada acertarmos os ponteiros com ele.

TIRADENTES: Não, vamos deixar ele quieto. Eu quero para mim o papel mais difícil. Vou prender o Visconde de Barbacena, na hora em que ele estiver jantando com a família, prendo toda a sua guarda, prendo o governador ou

mato ele.

ROLIM: Não vamos manchar com sangue uma república que ainda está começando. Simplesmente prendemos o governador.

DOMINGOS DE ABREU VIEIRA: Eu, como estou muito velho para lutar, entro com 600 barris de pólvora e me encarrego de levar o Visconde de Barbacena pela estrada da Baía e lá soltou-o para que ele volte para lá vivo e leve um recadinho nosso para eles.

TIRADENTES: Então está decidido. Padre Rolim!

ROLIM: Sim?

TIRADENTES: O senhor partirá para o Serro donde levantará seus agregados, seus escravos e seu povo. Enquanto que o Padre Carlo vai pelo rio das Mortes.

PE. CARLO: Certo.

TIRADENTES: Dando um sinal para o Coronel Francisco de Paula que marchará com os descendentes de lá. Certo, coronel?

CORONEL: Perfeito.

TIRADENTES: E você, Silvério dos Reis.

SILVÉRIO: Sim?

TIRADENTES: Você marchará com seus duzentos escravos, que estarão a postos na estrada do Rio, enquanto que Alvarenga Peixoto avança com seus duzentos "pés rapados". A esta altura eu já prendi o Governador.

ROLIM: Sem mortes, Alferes.

TIRADENTES: Sem mortes. É preciso que tenhamos tudo pensado de antemão. Temos que pensar em tudo porque na hora da ação não teremos tempo de pensar em nada. As leis já devem estar prontas. Leis que promoverão a criação de indústrias de pólvora e

ferro, sob a orientação de Álvares Maciel. A libertação completa do comércio de diamantes, o que vai dar um grande impulso econômico em todo o país. A instalação de uma universidade em Vila Rica. Construiremos e os padres nos ajudarão a cuidar de hospitais e escolas. Os portos serão abertos para se comerciar com todos os povos do mundo e a primeira nação estrangeira que ajudar o nosso governo libertador terá regalias alfandegárias sobre as demais nações. Os negros não sofrerão mais a vergonha da escravidão. O Brasil será livre, a nossa bandeira há de tremular no mastro da liberdade, soprando ao vento uma mensagem para a Coroa: somos mazombos, mas sabemos governar.

CLÁUDIO: E a nossa bandeira?

TIRADENTES: Eu acho que deve ter um triângulo, em homenagem à Santíssima Trindade.

CLÁUDIO: Eu proponho que ela tenha a figura de um gênio quebrando uma grande corrente com a inscrição: Libertas Aequi Spiritus.

ALVARENGA: Não, não. Vamos lembrar Vergílio: Libertas quae será tamem.

TIRADENTES: Perfeito. Vamos botar em votação. Eu acho que deve ser um triângulo com a inscrição: Libertas quae será tamem. Que me diz, Silvério dos Reis?

(Foco de luz em cima de Silvério, o resto do palco no Black-out, a luz modula rápido e quando volta ao normal Visconde de Barbacena e seu ajudante de ordens estão ao lado de Silvério.)

SILVÉRIO: Estão contando certos Exa. Já

está tudo pronto para se proclamar a Independência. E a nossa coroa perde a sua colônia. O Alferes Joaquim José da Silva Xavier está encarregado de matar V. Exa. e passear pelas ruas da cidade com a sua cabeça dentro de um saco como se fosse um grande troféu em homenagem à nova república. E isto será feito na hora do seu jantar. Na frente de sua mulher e seus filhos. Entre os conjurados está também o Padre Rolim, figura perigosíssima, capaz de tudo, como foi capaz de se ordenar sacerdote para fugir à punição de casar com a filha do Tenente Coronel Simão Pires Sardinha, que o padre desvirginou. Gente perigosa, senhor Visconde de Barbacena. Quando cortarem a cabeça de V. Exa., Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, é o seu amigo Tomás Antônio Gonzaga, ou Francisco de Paula, assumirão o poder e vão constituir o governo republicano. E para isto só estão esperando a derrama. Uma simples cobrança de impostos e eles farão esta monstruosidade.

BARBACENA: Quero tudo isso por escrito, Silvério. De nada adianta as palavras. Quero por escrito.

SILVÉRIO: Sim, Exa., providenciarei.

BARBACENA: Adeus, Silvério. Me escreva.

(Silvério sai. Barbacena para seu ajudante de ordens.)

BARBACENA: Quero todos os passos desse homem vigiados. Ele não merece a menor confiança. Eu já entendi onde ele quer chegar. Ele é altamente envolvido no

contrabando de diamantes, está devendo uma fortuna ao erário público e só existe uma maneira de saldar a sua dívida: uma grande dívida da coroa para com ele. Por outro lado ele está envolvido nesse movimento para cair, também, nas graças deles. E se por acaso o movimento for vitorioso ele estará bem com eles. Assim, Silvério dos Reis, contrabandista, defalcador dos cofres da coroa e grande devedor do reino, está dos dois lados: vença a conjuração, ele participou de todas as reuniões, é o grande libertador. Não vença a conjuração, ele veio ao Governador do Estado, onde se daria o levante, e avisou a tempo de provar a sua lealdade à Coroa e tem todos os motivos para ser perdoado de suas dívidas. Apure o mais rápido possível, e se preciso suspendemos a derrama. Mas antes de qualquer providência: olho no Silvério.

(Silvério vai saindo da casa de Barbacena e cruza com Lisboa e seus escravos.)

LISBOA: Silvério dos Reis, amigo de Tiradentes e amigo do Visconde de Barbacena. A qual dos dois ele é fiel? Vamos pra casa do Cônego Vieira. Vamos achar o Alferes.

(Música tema. Movimentação de cenários e eles chegando na casa do Cônego Vieira.)

CÔNEGO: Lisboa, que prazer em te ver.

LISBOA: Sua benção, senhor Cônego.

CÔNEGO: Que bons ventos o trazem?

LISBOA: Estamos de partida para o Rio da Espera e estamos nos

despedindo dos amigos.

TIRADENTES: Na hora em que seus amigos mais precisam de você, você vai embora?

LISBOA: Não entendi.

TIRADENTES: Entendeu, sim. Precisamos de todos os mineiros e patriotas dentro de Vila Rica. Ninguém pode sair daqui.

LISBOA: Nós vamos nos afastar para trabalhar, ninguém vai sair daqui para viagem de férias. Vamos trabalhar.

TIRADENTES: O trabalho mais importante no momento está em Vila Rica. E não em Rio da Espera.

LISBOA: Você se refere à derrama?

TIRADENTES: Não. Me refiro ao que acontecerá depois da derrama.

LISBOA: É, realmente eu ouvi falar a respeito de um levante.

TIRADENTES: Você não ouviu falar, você foi informado a respeito.

LISBOA: Sim, de um levante.

TIRADENTES: Não vamos nos levantar, Lisboa. Vamos restaurar. Restaurar a nossa pátria. Eu sei que você é um grande artista, mal pago e ninguém te dá o devido valor, e nisto também já pensamos, por isto vamos restaurar. Restaurar para que todos os brasileiros possam viver com dignidade dentro de sua própria terra.

LISBOA: Você está enganado, Alferes. Eu não fui informado de nada.

TIRADENTES: Pois então eu estou informando você. Vamos aproveitar a derrama, que o Barbacena vai provocar, e quando o povo estiver sufocado, vamos mandá-lo de volta para o reino, que é o lugar dele, vamos assumir o governo e o Brasil será dos brasileiros.

LISBOA: Eu acho que existe esta necessidade. É necessário acabar com o jogo da coroa.

TIRADENTES: Mas para isto precisamos lutar. Não adianta ficarmos aqui gritando e chorando como negros, sem tomarmos uma providência. É preciso gritar em vez de chorar.

LISBOA: Mas você, Alferes, devia ter mais cuidado, precisaria tomar mais cautela, inclusive com os seus amigos, Você fala na frente de todo mundo pra quem quiser te ouvir.

TIRADENTES: Falo pra quem quiser me ouvir, porque não tenho medo de lutar pela minha causa. Não sou covarde. Ainda ontem fui falar com um militar amigo meu, ele ficou morrendo de medo, eu disse a ele que tirasse as calças e se vestisse de mulher. Não tenho medo de falar, Lisboa. Os governadores chegam aqui sem um vintém e voltam com suas mulas carregadas de milhões, e seus criados levam outro tanto, e seus auxiliares levam outro tanto, e nós continuamos cada vez mais oprimidos e pobres. Não temos direito de ter uma tipografia, uma escola, uma fábrica. No mês passado, foi descoberto um tear aqui perto, e os vassalos do reino entraram lá pra quebrar tudo, não ficou um só peça inteira. Por que o Brasil só tem que importar, e não pode procurar um caminho para sua independência? Onde é que nós estamos? Temos que restaurar o país. Temos que lutar. Não podemos mais permitir um absurdo destes! Veja aqui. *(Tira um mapa do bolso.)* Isto aqui é um

levantamento que fiz de nossa capitania. São perto de quatrocentas mil almas. Quatrocentas mil almas moram nesta capitania, sem direito de respirar. Sem direito de pensar. Chegou a hora, Lisboa. Chegou a hora.

LISBOA: E que participação eu posso ter nisso tudo?

TIRADENTES: Participe. Como eu não sei, o importante é que você participe. Todo mundo tem de participar, e só assim conseguiremos a restauração do país.

LISBOA: E se você for preso?

TIRADENTES: Alguém me soltará. O que não posso é me calar.

JANUÁRIO: Mas o mestre, sempre teve mania de se libertar.

LISBOA: Cala a boca, Januário. Cala a boca.

JANUÁRIO: Não calo. O senhor passou a vida toda dizendo que precisava libertar a arte da influência do velho mundo. O senhor passou o tempo todo rompendo com as normas de arte que eles fazem. O senhor faz a sua revolução, da sua maneira. O senhor teve a sua participação. Pensa que eu sou burro? Não, burro, não. Eu estou aqui e estou prestando atenção em tudo. Nunca falei nada, porque quem fala demais, dá bom dia a cavalo. Mas eu estou vendo o sentido de sua arte. Quando o senhor brigou com o governador, porque ele disse que sua arte era deformada, que diziam para ele que o senhor estava fazendo tudo deformado, o senhor...

LISBOA (berra): Cala boca negro!

JANUÁRIO (*berra mais alto*): O senhor explicou que estava fazendo uma revolução. Que era preciso romper com as regras dele. Esta não seria uma forma de restaurar? Esta não seria uma forma de rebelião? O Alferes se rebela com as armas que ele tem, e o mestre Lisboa se rebela com as armas que ele tem. Cada macaco no seu galho. Não podemos pegar nos mosquetes, porque seria gastar munição à toa, temos que pegar nos formões e cortar as caras deformadas, para que eles saibam que não gostamos deles. As peças que mestre Lisboa faz, gritam contra eles, porque os Santos não são deformados, os deformados são os opressores dos Santos, os esmagadores dele. São os reinóis...

LISBOA (*berra*): Cala a boca, negro.

TIRADENTES: Deixa, Lisboa. Esse negro sabe onde tem o nariz.

JANUÁRIO (*mais calmo*): Sabe, "seu" Alferes, o mestre Lisboa é muito humilde em certas horas, mas agora, ele pode me enfiar o chicote, que eu não vou me calar. Ele gosta do senhor, ele acha que o senhor é um homem corajoso, e agora por uma questão de amizade, sabe como é? Por uma questão de amizade ele não está se defendendo, mas eu vou falar por ele, mesmo que depois ele me enfie o chicote, eu vou falar. Essa revolução que o senhor está pensando em fazer, ele já está fazendo há muitos anos. Ele fez uma obra que vai ficar por muitos anos, e todos os senhores que vieram depois de nós, verão nas estátuas dele o horror do ar de

Vila Rica. O horror que está sendo viver nesta época de raiva e imposição estará estampado para quem quiser constatar, daqui a cem, duzentos, trezentos anos. Porque a nossa pedra sabão é quase eterna. Quando tudo se acabar, quando tudo passá, porque mais cedo ou mais tarde eles irão embora. Se o senhor não expulsar eles, outros virão, e sobre a sua pessoa, alguém terá dúvidas. Uns dirão que foi valente, outros dirão que foi covarde. Será uma história contada de boca em boca, e quem conta um ponto aumenta um ponto ou diminui um ponto. Mas a nossa pedra há de ficar para sempre. Berrando pros céus, o terror que foi viver subjugado nesta época em que vivemos. Quem garantirá que os modelos do Mestre Lisboa não eram deformados? Quem garantirá a fidelidade de suas obras? Que destruirá a pedra sabão? O senhor disse que todos tem que participar, não interessa como, mas todos tem que participar, nós estamos participando, nós estamos continuando a participar, porque começamos a nossa revolução na pedra. Aí está o nosso campo de luta.

LISBOA (*carinhosamente*): Negro sem vergonha.

JANUÁRIO: Sou muito negro e muito sem vergonha.

TIRADENTES: Lisboa, onde que você arranjou esta peça?

LISBOA: Fabriquei, não existe pra comprar em lugar nenhum, não é, negro ordinário?

JANUÁRIO: Hoje já falei demais, agora

eu vou calar a boca senão
começa a entrar mosquito.

(Ficam todos sem saber o que falar).

TIRADENTES (*depois de um tempinho*):
Lisboa, eu quero que você, desde
já, comece a pensar num grande
monumento, que será e erigido à
Independência do Brasil. Quero
que ponhas nele toda a sua
revolta e sua arte.

LISBOA: Está muito bem.

TIRADENTES: Você me parece muito
preocupado.

LISBOA: Você conhece um homem
chamado Silvério dos Reis?

TIRADENTES: Um amigo e irmão de
ideais.

LISBOA: Ele é amigo também de
Visconde de Barbacena.

TIRADENTES: Não sei.

LISBOA: Eu acho que é. Convém tomar
cuidado.

TIRADENTES: Você soube de alguma
coisa?

LISBOA: Não, mas cuidado. Bom, eu vou
chegando.

TIRADENTES: Lisboa...

LISBOA: Que é?

TIRADENTES: Nada, não.

LISBOA: Vou andando, que eu ainda
tenho que passar na casa de uns
amigos, antes de partir para o Rio
da Espera. Até a vista.

TIRADENTES: Até a vista.

LISBOA: Sua benção, senhor Cônego.

CÔNEGO: Deus te abençoe e te
conserva, Lisboa.

(*Música tema. Luz modula e já está
armando o cenário. Lisboa entrando
sozinho.*)

LISBOA: Boa noite respeitossíssimas
senhoras respeitosas, para a
alegria de vocês aqui estou eu.
Boa noite.

(*Elas correm para ele.*)

UMA: Lisboa!

LISBOA: Preparem-se que eu estou com
o bolso gordo de tanto dinheiro.
Vamos beber. Todo mundo, que
eu estou pagando.

GORDA: Está com o dinheiro?

LISBOA: Claro, Torresmo falante. Estou
cheio de dinheiro. Quando eu
estou com dinheiro, todo mundo
está.

GORDA: Então eu vou trazer uma
coisinha pra você.

(*Sai.*)

LISBOA: Já vai começar a exploração.

OUTRA: Vem cá, meu pequenininho
lindo.

LISBOA: Vamos nos divertir, sem exigir
que eu perca as estribeiras. Não
sou pequenininho e muito menos
lindo. Sou Antonio Francisco
Lisboa. Você é nova aqui e não
me conhece bem. Para os íntimos
sou Lisboa.

UMA: Não liga não, bem. Ela é nova
aqui.

LISBOA: Isto, a minha mente retardada
já havia percebido. E já expliquei
para ela quem sou eu. Portanto,
assunto encerrado e vamos nos
divertir.

(*Gorda volta com um papelzinho.*)

GORDA: Olha aqui, bem. Já que você
está com a burra cheia...

LISBOA: Nem tão cheia assim.

GORDA: Bom, de qualquer maneira,
tem aqui uma continha sua.
Bebidas que você bebeu e
deixou para pagar depois. Melhor
pagar a dívida antiga antes de
fazer outra.

LISBOA: Tá bem, tá bem. Quanto é que
é? Deixe eu ver a conta. (*Lê.*)
Tudo, isto? O negócio andou alto.

GORDA: Claro, se encharca de bebida
e depois não lembra o que

bebeu, e reclama na hora de pagar.

LISBOA: Não estou reclamando. Estou dizendo que bebi demais e na hora de pagar estou vendo que a conta andou alfíssima.

GORDA: Está alfíssima, porque você veio aqui umas cinco vezes, bebeu e não pagou.

LISBOA: Tá bom... Você também tem o direito de fazer a sua derrama.

GORDA: Sssiu. Não fale isto aqui.

OUTRA: É isso mesmo. Não queremos complicações.

LISBOA: Como? Esta ilustre senhora proprietária deste estabelecimento me apresenta uma conta alfíssima e eu não tenho ao menos o direito de reclamar? A senhora está se comportando como o Visconde de Barbacena. Quer receber o atrasado de qualquer jeito. E o povo vai pagar até o que não sabia que estava devendo. Você está fazendo a sua derraminha particular...

OUTRA: Sssiu.

LISBOA (*imitando*): Sssiu. Vamos falar baixinho, derrama.

UMA: O que é isto? Derrama?

LISBOA: Impostos escorchantes que devem ser pagos de uma só vez. (*Grita.*) Isto é derrama.

GORDA: Fala baixo, que você ainda vai trazer complicações pra gente.

LISBOA: Tá bem, tá bem. Eu prometo que não falo mais no (*Berra.*) Visconde de Barbacena. Vamos ver a conta. Um jantar? Eu não lembro de ter jantado aqui ultimamente!!

GORDA: Não lembra porque você estava bêbado como uma

cabra... Não lembra aquele dia que você estava com aquela moreninha de São Paulo?

LISBOA: Moreninha? Se ela é moreninha eu sou holandês...

GORDA: Tá bem, aquela pretinha e vocês jantaram? Me fez correr atrás daquele frango, porque você cismou que tinha que comer ele ensopado com batatas, e agora não quer pagar a conta?

LISBOA: Cada minuto que passa eu me convenço mais que você não é mais o torresmo que fala e sim uma versão, piorada, do Visconde de Barbacena. Cobra o atrasado que ninguém sabe como foi feito e ainda fica brava. Tá bom, eu vou pagar, mas vou avisar a todos os amigos e freqüentadores desta casa de luxo e esplendor que você está provocando uma (*Sussurra.*) derrama, que ninguém deve aparecer aqui, porque o Torresmo falante agora virou o Visconde de Barbacena de saias. Você de agora em diante vai ser o meu Torresmo Derramado.

GORDA: Desde que você me pague, pode me chamar do que quiser.

LISBOA: Perfeitamente, Viscondessa.

- Aqui está o seu atrasado. São cinco contas. (*Tom.*) Puxa vida!!! A semelhança entre você e o Visconde de Barbacena é impressionante, ele cobra o quinto, e você cobra a quinta. De hoje em diante vou nomeá-la a Viscondessa, do Torresmo Derramado.

(Gorda está triste num canto.)

LISBOA: Não fica triste, que você sabe que meu amor por você é imorredouro. Você sabe que entra

Visconde de Barbacena, sai Barbacena e eu sempre sou o mesmo com você. Mal recebe o meu dinheiro lá em baixo e venho correndo gastar na sua casa. Não liga não, meu torresmo. Eu gosto tanto de você, todo anjinho que eu faço é gordinho como você. Se eu não gostasse de você eu ia fazer aqueles anjinhos, magrinhos, mas não, anjinho pra ser anjinho tem que ser gordinho e redondo como você. Vamos, me dá um beijinho e diz que perdoa. (*Faz cócegas nela.*) Vamos, perdoa.

GORDA: Tá bem, perdão.

LISBOA: Perdoa?

GORDA: É, homem chato, já disse que perdão.

(*Um pequeno silêncio, Lisboa se acomoda em uma mesa, até que gorda se aproxima.*)

GORDA: Lisboa, me conta esta história que não entendi bem.

LISBOA: Que história?

GORDA: Esta história do Visconde de Barbacena.

LISBOA (berrando): Derrama?

GORDA: Fala baixo, seu idiota.

LISBOA: Bom, eu vou explicar. Derrama é o seguinte: Todo mundo que trabalha na mineração tem que pagar um imposto chamando quinto. Isto é, um quinto daquilo que ele retira na sua bateia. Acontece que está tudo atrasado. Então o Visconde de Barbacena, que é quem está mandando na gente, está querendo cobrar o atrasado, e quer que seja de uma vez. Então ficaremos todos como nossos irmãos índios, isto é, vestindo tanga, porque teremos que dar até a roupa do corpo, para pagarmos as dívidas. E esta

atitude do Barbacena chama-se: Derrama.

GORDA: Ah, é isto??? E como é que fica???

LISBOA: Ora essa, confisca tudo. Todo mundo tem que vender as propriedades, vender os bens e apurar dinheiro para pagar ao Barbacena.

GORDA: Mas vai ser uma confusão dos diabos. Porque se todo mundo está devendo, todo mundo vai ter que arranjar dinheiro, e como é que alguém pode socorrer alguém se tá todo mundo dependurado com o Visconde?

LISBOA: Aí é que está. Todo mundo vai ter que minerar de graça pra mandar mais ouro pra Coroa. Ninguém mais vai poder comer, nem se vestir, nem nada, porque temos que mandar ouro para os reis.

GORDA: E qual a solução que existe?

LISBOA: O povo se levantar, se negar a pagar e botar o Barbacena pra correr.

GORDA: E o que que estamos esperando?

UMA: Mas nós não temos nada com isto, tia. Nós não mineramos.

GORDA: O meu país minera. E nós comemos a comida que nasce no seu chão. Logo nos também vamos ficar com fome. E quando a fome bate, minha filha...

OUTRA: Lisboa. Nós temos que pagar impostos?

LISBOA: Não, não tem por quê. A profissão de vocês ainda não está oficializada, mas não fica falando muito que o Barbacena dá um jeito de regulamentar e vocês vão pagar imposto sobre a bateia.

UMA: Sobre a bateia?

LISBOA: É. Bateia. Aquele instrumento redondo que os garimpeiros usam para catar ouro no rio.

OUTRA: E se chegarem aqui, o que que eu falo pra eles?

LISBOA: Diga que você já paga impostos aqui pro Torresmo Derramado, mostra o comprovante que fica tudo em ordem.

GORDA: Você está brincando, Lisboa, mas o negócio é muito sério. Se vem, realmente, esta derrama nós estamos fritos.

LISBOA: Completamente.

GORDA: Isto é muito grave!!! Nós não podemos ficar aqui bebendo vinho, farreando, indiferentes a tudo que vai lá fora.

LISBOA: E o que que você acha que deve fazer? Sair gritando por aí, ser presa, enforcada?

GORDA: Não sei o que eu pretendo fazer, mas temos que fazer alguma coisa.

UMA: Ai, tia, vamos ficar quietinhas no nosso canto. Vamos ver tudo de longe. Não acham que a gente não existe? Quando passamos na rua todo mundo nos olha como se fossemos leprosas. Não somos gente. Não existimos. Logo não nos incomodarão.

GORDA: Não diga isso, sua burra. Não está vendo que o Brasil vai ser mais escravo do que já é? Não podemos ficar indiferentes. Eu já tinha ouvido falar no tal cara que vive por aí pregando um levante. O Tiradentes. Agora estou entendendo tudo. Você conhece ele, Lisboa?

LISBOA: Conheço.

GORDA: Pois diga a ele que estamos aqui pro que der e vier. É só ele

dar um grito e nós vamos sair do lado dele. Dê no que der.

OUTRA: E vamos, mesmo.

UMA: Ai, tia, isto é muito arriscado.

GORDA: Cala a boca sua burra, você é uma que ouviu o Tiradentes falar numa estalagem perto daqui e pensou que ele fosse um pregador protestante. Lisboa, fala pra ele que pode contar com a gente pro que der e vier.

LISBOA: Tá bem, eu falo.

GORDA: Fala pra ele vir aqui tomar um vinho e jantar aqui em casa, que eu quero conhecer ele pessoalmente.

OUTRA: Ele é um homem muito importante pra vir aqui.

LISBOA: Épa, por isso não, que eu também sou e venho.

GORDA: Ele é um homem do povo, e um homem do povo entra em qualquer lugar. Fala pra ele, Lisboa.

LISBOA: Falo.

GORDA: Eu tenho muita resistência. Um dia destes saiu uma briga de dois garimpeiros aqui, todo mundo ficou com medo de apartar, eu passei a mão num porrete, e dei tanta bordoada, que eles foram dormir de cabeça inchada. Trás, lá minha filha. Trás lá o meu porrete que qualquer coisa eu já estou armada.

(Uma sai e volta logo com um enorme porrete, um rolo de amassar macarrão e uma panela.)

UMA: Tá aqui, tia. *(Entrega o porrete fica com o rolo de macarrão e entrega a panela para a outra.)* Este rolo fica comigo e a panela com você.

GORDA: Pronto. Nós estamos prontas. Quero sentar este porrete na

cabeça do Barbacena, que ele vai voltar a nado para a terra dele. Tá pensando o quê? Aqui tem gente. Gente de fibra. Vai lá Lisboa. Vai lá e fala pro Tiradentes que aqui ele tem uma trincheira a mais, pra lutar pela causa dele.

(Música. E elas cantam.)

GORDA: Seu Tiradentes. Seu Tiradentes
Dê só um grito que daqui vamos ouvir,
Se o Barbacena, vem com a derrama
Pego o porrete e vou praí te garantir.

AS OUTRAS: Nós somos mariposas,
sofremos duras penas.
Mas quem é vagabundo é o Visconde
Barbacena.

LISBOA: O Barbacena, veio de longe
Com a incumbência de pelar o meu
Brasil,

Quer a derrama, cobrando o quinto.

GORDA: Ele que cobre lá na...

Não vai pelar o meu Brasil

AS DUAS: Tem muito, ouro escondido
Nas terras do meu Brasil
Ouro nosso é só nosso
Não é pra esse intrometido
Encher mais o seu barril.

GORDA: Ai se eu acerto com o meu
porrete

Esse Visconde, faço dele um pastelão
Depois eu pego diabrete
Cozinho e frito dentro deste panelão.

TODOS: Seu Tiradentes, seu Tiradentes
Dê só um grito que daqui vamos ouvir
Se o Barbacena, vem com a derrama
Pego o porrete e vou pra aí te garantir,
(Terminam de cantar e dançar, todos
riem.)

UMA: Ai, Lisboa. Como você é
desengonçado.

OUTRA (*imitando o seu jeito
desengonçado de dançar*): É
muito gozado o seu jeito de
dançar.

LISBOA: Qual é a graça que existe

nisso? Qual é a graça que existe
em eu dançar?

GORDA: Ih, vai começar? Elas estão
brincando com você. Não pode?

LISBOA: Não. Não pode. Pode brincar
comigo, mas achar gozado o
meu jeito de dançar, não pode.

OUTRA: Ai, caramba, eu só disse que
você é gozada pra dançar. Achei
gozado. Ora essa é muito boa.
Você queria que eu dissesse o
quê?

LISBOA: Tudo. Menos que eu sou
gozado. Vão dizer também que
eu sou feio?

UMA: Não!!!

LISBOA: Então que sou bonitinho???

OUTRA: Você é bonitinho.

LISBOA: Você acha?

OUTRA: Acho. Muito bonitinho.

LISBOA: Pois fiquem sabendo que eu
não gosto que debochem de
mim.

OUTRA: Ninguém está debochando.
Estamos falando sério.

LISBOA: Escuta aqui, sua vagabunda.
Eu não sou bonito nem bonitinho.

UMA: Estamos querendo que o senhor
se divirta conosco.

LISBOA: Também não sou senhor. Vão
para o raio que as parta.

GORDA: Ora Lisboa, não precisa ser
assim com as moças. Elas não
tiveram intenção de ofender
você.

LISBOA: Estão debochando de mim o
tempo todo. Uma diz que eu sou
desengonçado, outra que eu sou
bonitinho. Que brincadeira é
esta? Vocês tem que me respeitar.
Eu sou um escultor famoso. Vocês
tem que me respeitar. Eu fabrico
santos para vocês se ajoelharem
e serem perdoadas de seus
pecados.

GORDA: Vamos acabar com esse negócio. Vai embora, Lisboa. Vai embora e não aparece mais aqui. É um favor que você me faz. Você só vem aqui pra ficar devendo e fazer arruaça. As meninas estão querendo ser agradáveis com você, de repente você sai com elas desta maneira? Que que tá pensando.

LISBOA: Pois vá pro inferno você também. Vão pro inferno todas vocês. Vão para o inferno suas vagabundas.

(Lisboa sai furioso.)

GORDA: Não liguem não, minhas filhas. Se chamam ele de feio, ele acha ruim, se chamam de bonito, ele também acha ruim.

(Corre até a porta e grita)

GORDA: A-lei-ja-di-nho!!!

(Fecha a porta correndo e ouve-se Lisboa do lado de fora esmurrando e esbravejando. Luz modula. A cena já preparada, casa de Alvarenga, Peixoto e Bárbara Heliodora.

Alvarenga está andando nervoso de um lado para outro. Bárbara entra.)

BÁRBARA: Preciso falar com o senhor.

ALVARENGA: Sim.

BÁRBARA: Eu posso saber o porquê de sua preocupação? Você nunca esteve tão nervoso.

ALVARENGA: Não tem nada.

Preocupações e nada mais.

BÁRBARA: Eu te conheço muito bem e sei que não são preocupações somente. Você tem alguma coisa muito importante que está escondendo de mim. O que é?

ALVARENGA: Não é nada, não.

BÁRBARA: Inácio, nós sempre nos demos tão bem. Jamais houve qualquer segredo entre nós. Eu preciso saber o que está

acontecendo, para nossa própria segurança. É alguma coisa com relação a nós dois?

ALVARENGA: Não, meu amor, não há nada. Você continua sendo a mesma boa e dedicada mulher de sempre. Nossa vida vai indo muito bem. Não há com que se preocupar.

BÁRBARA: Meu amor. Você nunca vai poder me enganar. Você pode enganar a quem quiser, menos a mim, que te conheço como a palma da minha mão. Estamos juntos há tanto tempo, eu sei dos teus passos, sei de tua vida, sei tudo, e sei que você está preocupado com alguma coisa, que eu ainda não tomei conhecimento. Vamos, me diz. O que está acontecendo.

ALVARENGA: Os negócios vão mal.

BÁRBARA: Isso. Abre teu coração. Me conta tudo.

ALVARENGA: A mineração em Paraopeba está quase a zero. Não temos mais como alimentar os braços que mineram para nós. Se continuar assim e vier a derrama, estamos arruinados. Temos que sair como mendigos atrás dos nossos amigos.

BÁRBARA: Inácio. Você está mentindo pra mim.

ALVARENGA: Se vier a derrama, estamos todos liquidados.

BÁRBARA: Inácio, eu quero a verdade. Só a verdade.

ALVARENGA: A verdade é esta.

BÁRBARA: Como? Se vocês estão querendo a derrama para que o povo se levante, se tudo o que vocês esperam do Visconde de Barbacena é a derrama para começar o movimento de

libertação e independência? E agora vejo você escondido como um rato com medo de uma coisa que vocês tanto esperaram? Inácio, me diga a verdade, eu conheço você e não adianta querer me enganar.

ALVARENGA: Bárbara...

BÁRBARA *(depois de uma pausa):* Estou esperando. Eu, quem, sabe, para você eu não sou mais aquela mulher, em quem você sempre confiou e que sempre estive ao seu lado em todas os momentos.

ALVARENGA: Bárbara, alguma coisa terrível está para acontecer. Não vejo mais horizonte para o nosso movimento. Tudo está perdido.

BÁRBARA: Enquanto houver um de vocês, o movimento ainda está de pé. Qual é a dúvida que você tem? Você ainda está aqui, o movimento ainda está vivo em você. Ou aconteceu alguma coisa mais grave, que você não quer me dizer?

ALVARENGA: Prenderam o Tiradentes. Ele vai nos delatar a todos e aí as nossas cabeças rolarão.

BÁRBARA: O Alferes não vai delatar ninguém. Ele é um homem de bem.

ALVARENGA: Eu fiquei pensando em você. Em Maria Efigênia. Em nossos filhos. Que será deles se eu for preso. Que será que você, sem mim e de mim sem você. Eu tenho medo da solidão do cárcere. Eu estive pensando em uma saída e não vejo nenhuma. Não vejo outra maneira de me ver livre desta enrascada...

BÁRBARA: Que saída você encontrou?

ALVARENGA: Eu pensei...

BÁRBARA: Vamos, me diga, e eu te aconselharei como sempre o fiz.

ALVARENGA: É por você, Bárbara. Por você e pelos nossos filhos. No momento em que descobrirem a minha participação nesta conjuração, eu serei preso. Serei enforcado, serei... Nem sei o que será de mim...

BÁRBARA: É preciso que os homens respondam pelos seus atos de homens. Você não entrou nesta conspiração por sua livre vontade? Não achou que seria o libertador? Não achou que a redenção estava neste levante? Que eu também acho? Você está nesta enrascada, como você mesmo chama, com o meu apoio? Agora vamos até o fim. Aconteça o que acontecer. Eu saberei cuidar das crianças e do teu nome. Eu estarei do teu lado como sempre estive. Você para mim há de ser o mesmo de sempre. Aconteça o que acontecer. Haja o que houver. Levanta a cabeça homem. Enfrente a guarda quando ela vier. Você está se perdendo em suposições. Nem sabe se Tiradentes foi realmente preso. E na hipótese de ser preso, se ele vai denunciar os amigos e companheiros!!! Por que ficar neste pavor, neste medo?

ALVARENGA: E você? E Maria Efigênia?

BÁRBARA: Nós teremos orgulho de você, Inácio.

ALVARENGA: É muito fácil ter só orgulho das pessoas, quando não é nossa cabeça que está a prêmio.

BÁRBARA: Que que você quer dizer com isto?

ALVARENGA: Nada. Não estou

querendo dizer nada. Estou querendo fazer.

BÁRBARA O quê?

ALVARENGA A única coisa sensata que se pode fazer num momento como este.

(Alvarenga pega o capote e o chapéu etc.)

ALVARENGA: Vou avisar ao Visconde de Barbacena, denunciar a todos para salvar a minha pele e a sua.

BÁRBARA *(berra)*: Inácio!!! Você não vai fazer uma monstruosidade destas. Não vai jogar na lama o meu nome e o nome de sua família.

ALVARENGA: Que outra saída você vê pra tudo isto?

BÁRBARA: Enfrenta a situação. Enfrenta a força. Enfrenta a morte. Morra como homem. Suba as escadarias da força, mas não manche o seu nome com a pecha da delação. Então o sacrifício que eu fiz até agora, para me manter do teu lado, agüentando toda sorte de humilhação, toda sorte de vergonha, foi para que o meu marido no momento mais cruciante de um movimento que ele começou, vá como um cachorro fujão e entregue os seus amigos? Os amigos que comungaram com você o mesmo sonho? Os amigos que, como você, inventaram os ares de liberdade que esta terra tanto precisa? No momento que eles mais precisam de você, você corre e os delata? Que adiantou eu sofrer a humilhação, carregando na barriga um filho de mãe solteira, durante nove meses, vivendo com você sem nos casarmos, como uma concubina

qualquer... De cabeça erguida, enfrentando a tudo e a todos não permitindo que ninguém risse da minha barriga... Para te apoiar, eu não tive vergonha de parir mãe solteira; para que você pudesse erguer a cabeça e nossa filha pudesse ter orgulho de sua mãe e de seu pai!!! Inácio! A senha desta conspiração nasceu do batizado de sua filha!!! Foi no momento em que você combinou com o padre Carlo o dia do batizado de sua filha, de uma brincadeira entre você e Padre Carlo que nasceu esta senha: Tal dia será o batizado. Foi inspirada no batizado de sua filha que nasceu a senha da libertação do Brasil... E agora, você vem como um negro fujão, pedindo clemência a um homem que está levando você e o teu país para a ruína. Você??? Se vai denunciar, vai. Vai já. Vai. Mas prepare-se para enfrentar a vergonha de nunca mais encarar de frente a sua filha. Nunca mais encarar a sua gente. Porque, por mais que o tempo passe, você será um traidor a mais.

(Alvarenga está num canto, arrasado.)

ALVARENGA: Não estou conseguindo raciocinar direito, Bárbara. É medo. Medo, Bárbara.

BÁRBARA: Não existe medo, quando se luta pela liberdade. A morte deve ser a menor conseqüência para quem lutou para libertar seu país.

ALVARENGA: Bárbara.

(Alvarenga vai saindo pela porta a fora, Bárbara o impede e enche a cara de bolacha.)

BÁRBARA: Não rasteje, Inácio. Erga a cabeça. Enfrenta a morte com a

alegria dos valentes. Enfrenta a morte, mas não manche o nosso nome com a sombra da delação. Seja homem. Responda pelos seus atos, Coronel José Inácio de Alvarenga Peixoto. Morra. De pé. Sorrindo para a liberdade.

(Música tema. E já está Lisboa estudando um grande risco. Entra Maurício esbaforido.)

MAURÍCIO: Mestre Lisboa. Mestre Lisboa.

Tiradentes foi preso no Rio de Janeiro. Prenderam todos os cabeças da conspiração, estão todos presos aguardando julgamento. As últimas notícias é que não têm escapatória. Todos serão condenados à morte.

(Mudança de luz, e já temos um ambiente de prisão. Estão todos os inconfindentes presos. Uns rezam, outros choram, outros simplesmente esperam. Entra um meirinho e lê a sentença.)

MEIRINHO: Justiça que a Rainha, nossa Soberana, manda fazer a este infame réu, Joaquim José da Silva Xavier, pelo horroroso crime de rebelião e alta traição de que se constituiu chefe e cabeça, na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade contra a real Soberana, e Suprema da mesma Senhora que Deus guarde. Manda que com baraço e pregão seja levado pelas ruas públicas desta cidade ao lugar da forca, e nela morra morte natural para sempre e que separada a cabeça do corpo seja levada a Vila Rica, donde será conservada em poste alto junto ao lugar de sua habitação, até que o tempo a consuma; que seu corpo seja dividido em quartos, e pregados em iguais

postes pela estrada de Minas nos lugares mais públicos, principalmente no da Varginha, e Cebolas, que a casa da sua habitação seja arrasada, e salgada, e no meio de suas ruínas levantado um padrão em que se conserve para posteridade a memória de tão abominável réu, e delito, e que ficando infame para seus filhos, e netos, lhe sejam confiscados seus bens para a Coroa e Câmara Real. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1792. Eu, o desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha. Escrivão da comissão que o escrevi.

(A porta é aberta com violência e entra Oliveira Fagundes. Ninguém nota sua entrada ou não dá pela sua entrada.)

FAGUNDES *(abre um livro de autos e lê com voz alta e tranqüila):* Sei que estão todos nervosos e trago últimas notícias. Ontem redigi um último apelo, uma última apelação e consegui a comutação de pena a todos os senhores, menos a de Joaquim José da Silva Xavier. Senão vejamos: *(Lendo.)* Acórdão em relação os da Alçada... Em observância da Carta da Dita Soberana novamente junta, mandam que se execute inteiramente a pena da sentença ao infame réu Joaquim José da Silva Xavier por ser o único que na forma da dita Carta se fez indigno da Real piedade da mesma senhora. Quanto aos mais réus, a quem deve aproveitar a clemência Real não por comutada a pena de morte na de degredo perpétuo. Parabéns,

senhores, estão todos livres da
força.

(Todos se levantam e começam a gritar de alegria. Uns gritam: Viva nossa Augustíssima. Outros gritam: Viva nossa clementíssima Soberana. Outros gritam de alegria. Ficam naquela gritaria. Imediatamente os sinos de todas as igrejas repicam de alegria. Grande estardalhaço nas ruas. Ouve-se o vozerio do povo que vêm às ruas cantar de alegria. Num canto, tranqüilo, está Tiradentes ao lado de seu confessor. Todos se ajoelham e rezam. Salve Rainha mãe de misericórdia, vida doçura, esperança nossa, salve etc. Quando terminam de rezar, Tiradentes felicita um por um, e depois de cumprimentar o último fala para o seu confessor.)

TIRADENTES: Dez vidas daria se as tivesse, para salvar as deles. Eu sou a causa da perdição destes homens, mas felizmente não levarei ninguém comigo.

(Aqui Lisboa, embora esteja participando da cerimônia, participa da cena. Nos momentos em que o diretor achar melhor, ele deve interferir dizendo.)

LISBOA: Não podem matar o Tiradentes! Ele é um homem de bem. Está lutando para que o Brasil seja livre! Está lutando pela liberdade! Viva a liberdade! Tiradentes luta pela liberdade! Liberdade! Não podem matar a liberdade!

(Independente das falas de Lisboa no presídio, abre-se a porta e entra o negro Capitania, traz enrolada nos braços uma corda enorme e uma camisola branca. Entra apavorado com medo de encarar Tiradentes

CAPITANIA: Eu sou o negro Capitania.

Sou um dos bandidos mais temidos desta terra. Fui escolhido para matar o meu amigo. Mas quero que você saiba que este seria o único crime que eu praticaria em toda a minha vida, pois sei que entre outras coisas o meu amigo ia libertar o meu povo e minha raça.

TIRADENTES: Ó meu amigo! Deixe-me beijar-lhe os pés e as mãos.
(Tiradentes beija-lhe os pés e as mãos.)

CAPITANIA: É preciso que meu amigo tire as roupas e vista a alva dos condenados. *(Quase sussurrando.)* Mil vezes queria eu usá-la e não você.

TIRADENTES: Meu salvador morreu também assim, nu, por meus pecados.

(Grande penumbra, Tiradentes tira sua roupa e veste a alva. Quando termina de vestir a alva a luz volta devagarinho. As mãos de Tiradentes já estão atadas, o confessor lhe coloca nas mãos um crucifixo. O negro vacila em colocar-lhe a corda no pescoço e Tiradentes fala):

TIRADENTES: Vamos acabar logo com isto.

(Capitania coloca a corda no seu pescoço e quando caminham na direção da porta ouve-se a voz de um meirinho que "canta", solenemente, o pregão.)

MEIRINHO: Justiça que a Rainha Nossa Soberana manda fazer a este infame réu Joaquim José da Silva Xavier, pelo horroroso crime de rebelião e alta traição de que se constituiu chefe na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade contra a Real Soberania e Suprema Autoridade da Nossa Senhora

que Deus guarde.

(Tiradentes já está no pé da escadaria da forca. A voz do meirinho que deve ser sempre repetida, é fundida com esbravejamento de Lisboa e com uma voz que diz o sermão das bem aventuradas. Tiradentes contempla o céu tranqüilo. Quando ele chega ao topo da escadaria, um frade enorme de gordo, chamado frei José Jesus Maria do desterro, guardião do convento de Santo Antonio, toma a palavra de aos berros e diz.)

FRADE: "Amados irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo. Todos que aqui se encontram não devem presenciar este fato como um espetáculo que atrai apenas a atenção e a curiosidade. Aqui vai morrer um réu que não mereceu clemência da Soberana em virtude da enormidade de seu delito. Não é uma cena cruel nem assombrosa a que vão presenciar, mas um ato de justiça que poderia ser mais doloroso.

TIRADENTES: Vamos acabar logo com isto.

(Todos estão rezando o credo. A voz de Tiradentes se sobressai aos demais. Negro Capitania amarra bem a ponta da corda no pescoço da forca. Quando o negro Capitania vai empurrar Tiradentes, black out e é projetado o Maracanã surperlotado gritando gol. Tudo desaparece no black out, só fica no palco Lisboa e seus escravos. Lisboa está tendo uma verdadeira crise histórica e está esculpindo uma peça furiosamente e Maurício fala em cima do choro dele.)

MAURÍCIO: Foi terrível, Mestre. Teve de tudo. Inclusive frades que na hora do enforcamento colhiam esmolas que seriam convertidas

em missas para salvação da alma de Tiradentes. O negro Capitania, com pena de Tiradentes, quando deu o empurrão, pulou sobre o seu corpo que balançava no ar, e abraçado com ele dava solavancos para baixo, a fim de apressar o seu sofrimento.

LISBOA: Mataram o Alferes. Mataram Tiradentes! Mataram Tiradentes! Mataram meu amigo! Um amigo leal, que só queria a nossa liberdade. Liberdade para todos os brasileiros. Por que fizeram isto??? Por quê? Mas você será lembrado na minha obra. Você há de ser lembrado por todos quantos virem o que eu fiz e esculpi.

MAURÍCIO: Mestre.

LISBOA: Não me interrompa. Não me interrompa! Estou fazendo o monumento que Tiradentes tanto precisa. O monumento que ele não me encomendou, mas eu faço de todo coração. Não querais, Alferes, um monumento onde eu colocasse todo o meu gênio e minha arte? Aqui está Tiradentes. Aqui está a minha homenagem de artista que sou. Aqui está.

(Aqui projeta-se o slide da porta do sacrário da igreja de São Francisco, feita por Aleijadinho, onde se vê a efígie de Cristo esquartejado, esculpida na cidade de Rio da Espera, durante o processo e execução de Tiradentes.)

LISBOA: Tiradentes foi abandonado por todos, inclusive por mim. Traído por todos.

(Luz modula e faz uma passagem de tempo.)

LISBOA: O pior não foi para os inconfidentes. O pior foi para

Vicente Vieira da Motta, que ameaçou Tiradentes de morte se voltasse a falar em levante. Foi condenado por não ter delatado. Antonio Oliveira Lopes, carpinteiro e topógrafo, ouvindo Tiradentes falar, bebeu a saúde do sucesso do levante, foi condenado por não ter delatado. João da Costa Rodrigues, proprietário de uma estalagem em Varginha pai de dez filhos, foi condenado por não ter delatado. Coronel José Aires Gomes, nem simpatizante era. Foi condenado por não ter delatado. Domingos Vidal Barbosa, porque uma vez comentou com um primo seu episódio de José Joaquim da Maya e Tomas Jefferson, foi condenado por não ter delatado. Todos condenados por não terem delatado. Todos considerados pelo testemunho de Correa Pamplona, Bazílio de Brito, Malheiro do Lago e Joaquim Silvério dos Reis. Todos portugueses devedores do fisco. Mas Silvério, ainda vivo, pôde ver a independência do Brasil, o Mealheiro de Brito morreu de câncer na língua. Os outros inconfidentes foram para o desterro. Alvarenga morreu logo após e teve melhor sorte que Tomás Antonio Gonzaga, que ao chegar lá em Moçambique, ficou conhecendo uma senhora analfabeta chamada Juliana de Souza Mascarenhas, com quem ele se casou. Ela herdeira de um opulente negócio do tráfico de negros para o Brasil, morre seu sogro e ele assumiu os negócios. Tomás Antônio Gonzaga, esquece Marília, casa-se seis meses depois

de seu desterro e torna-se um opulente traficante de escravos. *(O palco já está armado com todos os profetas de Aleijadinho esculpido, mas revestidos de isopor como se fossem blocos de pedra. Repete-se um pequeno trecho de Tiradentes, e Lisboa grita arrancando a pedra e descobrindo a estátua de Isaías.)*

LISBOA: Isaías, Capítulo 6: Como os Serafins celebrassem o senhor, foi encostada por um deles uma brasa aos meus lábios com uma tenaz.

(Um trecho de Silvério denunciando a Barbacena. Lisboa arranca a pedra descobrindo a estátua de Jeremias.)

LISBOA: Jeremias capítulo 35: Eu choro a derrota da Judéia e a ruína de Jerusalém. E peço que queira voltar ao meu senhor.

(Trecho do frade fazendo sermão na hora do enforcamento. Lisboa descobre Baruch.)

LISBOA: Baruch capítulo 1º: Eu predigo a vinda do Cristo na carne e os últimos tempos do mundo e advirto os piedosos.

(Trecho da entrega das Ilhas ao Governador. Lisboa descobre Ezequiel.)

LISBOA: Ezequiel capítulo 1º: Eu descrevo os 4 animais no meio das chamas. E as horríveis sodas e o trono eterno.

(Trecho de Chico Rei. Lisboa descobre Daniel.)

LISBOA: Daniel capítulo seis: Ao mandado do rei, encerrado na espelunca dos leões, são e salvo escapou pelo auxílio de Deus.

(Trecho da Gorda. Lisboa descobre Oséas.)

LISBOA: Oséas capítulo 14: Aceita a adúltera, disse-me o senhor, eu o faço; ela, feita esposa, concebe prole e dá a luz.

(Trecho de D. Rodrigo. Lisboa descobre Jonas.)

LISBOA: Jonas capítulo 2, vr 1.: Engolido pelo monstro, fica escondido três noites e três dias no ventre do peixe, em seguida vou a Nínive.

(Trecho do Zumbi, Lisboa descobre Joel.)

LISBOA: Joel capítulo 1º, vr. 4: Eu explico à Judéia que mal trarão à terra a lagarta, o gafanhoto, o bruco e a alforra.

(Trecho do magnânimo que sopra ouro em pó. Lisboa descobre Amós.)

LISBOA: Amós foi feito primeiro pastor e em seguida profeta . Acometo as vacas gordas e também os próceres.

(Trecho da morte de Tiradentes. Lisboa descobre Naum.)

LISBOA: Naum capítulo 1: Exponho qual o castigo espera Nínive depois da recaída. Digo que a Assíria deve ser destruída toda.

(Trecho de Aleijadinho esculpindo a Esfinge do Tiradentes morto. Lisboa descobre Habacuc.)

LISBOA: Hababuc capítulo 1º: A ti Babilônia, te arguro, a ti, tirano Caldeu, mas a voz eu canto, Deus grande, em salmos.

(Os atores estão em cena com suas roupas de rua, como começaram o espetáculo, Lisboa fica sozinho no meio dos profetas, música gloriosa e fim da peça.)

FIM

Amador Adulto

O macaco da vizinha
J. Manuel Macedo

O MACACO DA VIZINHA

J. Manuel Macedo

Comédia em dois atos

PERSONAGENS

Sofia
Beatriz
Marcelo
Anselmo de Oliveira
Juvêncio Prestes, criado.

ATO I

A ação se passa na cidade do Rio de Janeiro. Época – A atual (1855). Sala na casa de Marcelo: Portas aos lados, a da esquerda dá entrada, a da direita a do gabinete de Marcelo, outra porta ao fundo de comunicação com o interior. Piano, mobília elegante, rico relógio sobre um dos dunques.

CENA I

BEATRIZ *(trabalhando em crochê à Sofia, que entra e vai logo abrir o relógio e mover os ponteiros, atrasando a hora)*: Que fazes, mana?

SOFIA: Atraso este relógio hora e meia, como já fiz ao da algibeira do teu irmão...

BEATRIZ: É singular!... queres então que teu marido ande atrasado?...

SOFIA: Quero contrariar a sua mania de criação de canários.

BEATRIZ: Ora, hoje é mania inocente: a criação não está mais em moda e os canários vendem-se à rasto de barato.

SOFIA: Que me importa o seu preço?... Como se não fossem bastantes trinta casais que já possuí, ainda esta manhã Marcelo despertou-me com grito de júbilo, e saltando do leito, deixou-me sem ao menos dizer "bom-dia"!

BEATRIZ *(rindo)*: Sem te dizer bom-dia?... Na verdade foi descortez.

SOFIA: E por quê? Lendo no jornal anúncio do grande leilão de canários, esqueceu-me de todo, jurando ir arrematar os melhores casais. Oh! Mas o leilão começa ao meio-dia, e eu já atrasei os relógios hora e meia.

BEATRIZ: Entendo: é vingança da falta de cortesia.

SOFIA: Que seja! Já foste casada e portanto já sabes como deve magoar, afligir a esposa ao ver-se menosprezada em rivalidades, ainda mesmo com passarinhos.

BEATRIZ: Enviuvando no fim de três meses de noivado, só conheci o casamento pela lua-de-mel. Meu pobre marido! Eu preferia vê-lo criar canários a ficar viúva. Bem sei o que havia de fazer...

SOFIA: Que farias no meu caso?...

BEATRIZ (*canta*): Dos canários ao viveiro.

Meu marido seguiria,
Quando os casais de beijasses,
Eu também o beijaria.
Carícias na gaiola,
Carícias em iguais,
O belo maridinho
Não me esquecia mais.

SOFIA: Pois sim... Confesso: já acompanhei duas vezes Marcelo ao viveiro e retirei-me bem triste...

BEATRIZ: Oh!

SOFIA: Quando o queria acariciar ele me dizia: "Não me atrapalhes!"

BEATRIZ: Então ou os canários de seu marido não sabem afinar o canto, ou é ele que está lamentavelmente desafinado.

CENA II

(*Beatriz, Sofia e Prestes a correr.*)

SOFIA: Que é isto?... Que há?...

PRESTES: O senhor mandou buscar a toda pressa a espada e a lança.

(*Entra no gabinete e logo sai com os dois objetos.*)

BEATRIZ: Que será?... Os ratoneiros são tantos!... Espada e lança...

(*Sai Prestes.*)

SOFIA: Para que isso, Prestes?...

PRESTES: É para o macaco da vizinha

que está no jardim.

(*Vai-se.*)

SOFIA: Vês?... Sempre questão de canários!... imagine o que sofro. De manhã Marcelo vai examinar os canários, toma nota das qualidades e defeitos, isola casais, faz e desfaz casamentos, entusiasma-se vendo os ovos dos canários, e no fim de duas horas sai a tratar dos seus negócios indicando cuidados e saudades somente do viveiro.

BEATRIZ: E às vezes sem ao menos te dizer "bom-dia"!

SOFIA: À noite, recolhidos todos, e ele no viveiro: asseia as gaiolas, renova a água e o alpiste... E eu a morrer de sono até que enfim volta satisfeito... Fatigado...

BEATRIZ: Pior!

SOFIA: E fala-me ainda dos seus canários ou não me fala, dorme logo.

BEATRIZ: Sem te dizer "boa-noite"! Meu irmão esta muito incivil.

SOFIA: Não zombes: isto é muito sério: teu irmão por causa dos seus canários me abandona; me expõe... Tu bem sabes...

BEATRIZ: Confia de olhos fechados em ti, e com razão.

SOFIA: Não é confiança, é desamor. Já por vezes tenho lhe manifestado suspeitas do péssimo caráter do seu amigo Juvêncio, e deixado perceber, tanto quanto me é lícito, as intenções indignas desse homem!

BEATRIZ: Oh, mana! Já? E meu irmão?

SOFIA: Cego, surdo, tonto e idiota, jura que sou injusta, e que Juvêncio é o melhor e o mais fiel dos seus amigos! Ora!... Pois se Juvêncio se apresenta como consumado

mestre e conselheiro da criação de canários, influi tanto sobre meu pobre marido que o leva a empenhar-se comigo pare que eu me torne afável e doce com o insolente!

BEATRIZ: Coitado de meu irmão! O caso não é original; mas fez sempre vontade de rir.

SOFIA: E o meu crédito?... A despeito do meu desprezo, Juvêncio teima em namorar-me nos teatros, nos bailes, aqui mesmo... e Marcelo não quer ver nem o vexame da minha posição, nem o ridículo da sua! Mana, isto me revolta!

CENA III

(Beatriz, Sofia e Prestes a correr)

SOFIA: Ainda?... Que mais temos?

PRESTES: O Senhor quer imediatamente o seu revólver e já pensa em mandar pedir socorro à polícia.

(Entra no gabinete.)

SOFIA: Que dizes agora da inocente mania de teu irmão?

BEATRIZ: Acho-lhe graça.

(Sai Prestes.)

PRESTES: O senhor pergunta também se há bananas em casa, e pedecinhas...

SOFIA: Bananas?

PRESTES: Sim, minha senhora; bananas para isca ou engodo: o senhor quer matar o macaco da vizinha...

SOFIA: Deixa-me! *(Vai-se Prestes.)* No tempo das metamorfoses o teu belo irmão acabaria transformado em canário belga.

BEATRIZ: E em seguida tu em linda canária a voar atrás dele.

SOFIA: Eu?... Mana, hoje atrasei os relógios; amanhã fecharei a porta

de minha casa a Juvêncio; depois de amanhã imporei aqui minha vontade, fazendo arrasar o viveiro de canários de meu marido.

BEATRIZ: Assim vai tudo raso; mas fora de propósito. Já brigaste com teu marido?...

SOFIA: Brigarei com ele pela primeira e última vez, sem reconciliação possível, se resistir à minha vontade.

BEATRIZ: Meu irmão esta realmente meio doido; mas eu começo a crer que a sua moléstia é contagiosa... Escuta e aproveita: *(Canta.)* Moça esperta que o marido

Ao seu mando quer sujeito
Faz-se escrava na aparência
P'ra rainha ser por jeito.

(Falando) Atende bem, é conselho e
receita para todas as moças
casadas.

(Canta.) Esposa que amante

Quer ser dominante
Fazendo o marido
Escravo rendido
Não ralha, não grita, nem fúrias excita
Nem vã ciumenta
O esposo atormenta
Em cenas de efeito
Procede com jeito
Com brando ciúme
Um momo, um queixume
"– Me deixe"! dizendo
Mas terna cedendo;
Com "ais" de tristeza...
Suspiro—fraqueza...
Magoado gemer
O pranto a correr...
E em lance escolhido
Desmaio fingido,
Caindo a preceito
Com jeito, com jeito,

O corpo mimoso
No seio do esposo.
Assim põe ela o marido
A freio e sela o sujeito
Mas o encanto está no amor
E todo o poder
No jeito.

SOFIA: Ah! Então...

BEATRIZ: Então, o encanto do amor já tem; agora o que te falta, mana, é o jeito... O jeito...

CENA IV

(Beatriz, Sofia e Marcelo, que entra com a lança em uma das mãos e o revólver na outra.)

MARCELO: Decididamente comprarei hoje uma espingarda Flouburg!

BEATRIZ: Para quê, Marcelo? . . .

MARCELO: Para matar sem estrondo o grande e feroz macaco da vizinha, que pela segunda vez investiu ameaçador contra o meu viveiro de canários!

BEATRIZ: Talvez seja também amador, e está no seu direito de macaco.

MARCELO: O perverso perturbou a minha doce tarefa, obrigando-me a persegui-lo; andei correndo atrás dele por todo o jardim; estafei-me deveras!...

SOFIA: Descansa, pois descansando ficarás alguns minutos junto de mim: custa-te isso?

MARCELO: Bem o desejava; mas não posso perder o leilão de canários *(Observa o relógio do dunquerque e depois o próprio.)* Oh! Creio que acordei hoje cedo demais!... Ainda tenho tempo de cobra...

SOFIA: Em tal caso... dá-me a tua companhia durante esse tempinho, que te sobra...

MARCELO: É impossível, minha querida Sofia; ainda não acabei a inspeção dos meus canários. *(Indo-se.)* O diabo do macaco...

SOFIA *(a Beatriz):* Vês?...

MARCELO *(voltando):* Sofia, peço-te que a primeira vez que falares à nossa vizinha lhe demonstres a inconveniência daquele macaco... *(Vai-se.)*

CENA V

(Beatriz e Sofia.)

SOFIA: Ainda achas graça em meu marido?

BEATRIZ: Eu estava pensando em ti e em mim; em meu irmão e no Dr. Anselmo de Oliveira.

SOFIA: Ah! No teu médico e pretendente a noivo que também cria canários?

BEATRIZ: E que já me fez presente daquele casal de belgas baios: é hoje que ele vem receber a minha decisão que desde quinze dias espera.

SOFIA: Mira-te no meu espelho, mana: não queiras semelhante noivo.

BEATRIZ: Fica certa de que ele me dará carta de fiança: assim pudesse eu contar contigo para curar a mania de meu pobre irmão.

SOFIA: Eu o deixarei com seus canários e seu amigo Juvêncio.

BEATRIZ: Não, mana; o caso é muito sério: quero guiar-te nele. Olha, eu parto do meu principio fundamental que é o jeito. Mostra-te branda, docemente queixosa etc... , isto é, jeitosa com teu marido. Quanto a Juvêncio, nos bailes e em público, não, de modo nenhum; aqui em casa

porém deixa-te namorar por ele...

SOFIA: Oh! Beatriz!...

BEATRIZ: Mais do que isso: enleios...
Confusões... Protestos; mas assim
a modo de quem vai se
rendendo: É claro que o sedutor
te pedirá logo doze horas para
explicações confidenciais: tu, jeito
na história, olhos baixos...
Temores... Sem dizer sim; sem dizer
não... E como obrigada, ouvindo-
o marcar as horas da
conferência aqui...

SOFIA: Mas isso é indigno!... Seria o meu
opróbio!

BEATRIZ: Tal e qual: agora o melhor da
festa e do jeito é que eu,
descobrimo o engenhoso
namoro, zelosa da honra da
família, denunciarei a projetada
conferência a meu irmão.

SOFIA: Ah, mana, tu és o diabo; toma
conta de mim.

BEATRIZ: Nesse caso precipita a ação
da comédia.

CENA VI

(Beatriz, Sofia e Marcelo.)

MARCELO: Sabem? Acabo de casar o
cônego Filipe com a Rainha de
Sabá: quero ver o que sai
daquele canário baio com topete
amarelo e daquela canária cor
de alecrim seco e carcudinha...
Acertei em chamá-lo cônego.

BEATRIZ: Marcelo vieste lembrar-me os
meus belgas. Vou vê-los. *(A Sofia.)*
Jeito!

(Vai-se.)

MARCELO: Vai que eles o merecem.
(Seguindo-a.) É um casal
primoroso! Já te disse que hás de
ceder-me um filhote.

(Volta.)

CENA VII

(Sofia e Marcelo.)

MARCELO *(com ardor crescente):* Sofia,
vê como minha irmã
compreende e goza o enlevo da
criação de canários. Tu, que és
tão sensível aos encantos da
natureza, por que não te
arrebatas contemplando um
viveiro? Ai tudo é amor...
delicadeza... ternura! Pensa só
nisto: asseguro-te que no fim de
poucos dias saudarei jubiloso o
primeiro ovo da Rainha de Sabá.

SOFIA: Feliz Rainha de Sabá que tanto
te adita.

MARCELO: Queres aditar-te como eu e
aditar-me, Sofia?

SOFIA: Oh, se o quero, Marcelo!

MARCELO: Cria canários, Sofia! Já te
posso dar lições e terás teu viveiro
à parte...

SOFIA: À parte!... Ah! Os nossos viveiros
devem ser à parte...

MARCELO: Dar-te-ei casais de escolha
e já bem educados.

Desgraçadamente isso hoje é
fácil... Tornara-se tão comum a
criação de canários, que a arte
sublime abateu-se profanada, e o
preço dos pássaros caiu com
escândalo público!... Miseráveis
criadores estúpidos causarão a
decadência da criação de
canários, degradando-a em
viveiros materiais sem decoro, sem
idéia da glorificação do belo e
sem o estremecido e puríssimo
culto, que exige a propagação
esmerada dessas mimosas
criaturas que são os tipos do amor,
da formosura, da harmonia, do
encanto, da doçura, da graça, da
maravilha.

SOFIA: Basta! Que paixão!... Metade dela me bastará para ser bem feliz!

MARCELO: Faze pois idéia das inocentes delícias da criação de canários. (*Canta.*) Faze idéia! Faze idéia

De um canário topetudo
Fino, um palmo de comprido,
Carcunda, peito felpudo.
Faze idéia!

E a canária, fazenda,
A Piar por ter senhor
E já com os olhos no ninho
Ouvindo canto de amor.
Faze idéia!

E com os bicos a beijar-se
E com as asas a tremer,
E o mais que tu adivinhas
É que eu não devo dizer.
Faze idéia!

Sofia cria canários
E terá disso ufânia;
Não há encanto mais doce;
Cria canários, Sofia.

SOFIA: Eu te confesso: não posso amar os canários; porque são meus rivais preferidos.

MARCELO: Que puerilidade! Creio que gracejas...

SOFIA: Não, e apelo para a tua consciência: apenas no fim de um ano de noivado já te mereço menos atenção e carinho do que as tuas canárias.

MARCELO: E esta ? As senhoras têm caprichos inconstantes! Fico quase todo o dia em casa perto de ti, cuidando dos meus canários, e tu ainda te queixas deles!

SOFIA: A franqueza é cruel! É só por amor dos canários, que ficas em casa perto de mim!... Isso me deve ser muito lisonjeiro!

MARCELO: Minha Sofia, não é só pelos

canários, é também por ti! Pareces enfadada... Preferirias que eu fosse jogador, e que te deixasse todas as noites para ir arriscar e perder a fortuna e a honra?

SOFIA: Para a vida que passo, fora quase o mesmo.

MARCELO: Era melhor que libertino imoral eu andasse por aí a escandalizar a sociedade e a ofender-te com traições conjugais?...

SOFIA: Para a vida que passo, fora quase o mesmo.

MARCELO: Sofia da minha alma! Pois essas poucas vergonhas seriam para ti o mesmo que ver-me santamente ocupado em criar os meus canarinhos?

SOFIA (*canta*): Ainda um ano de noivado

Já me fere o teu rigor;
Pela paixão dos canários
Nem te lembra o meu amor.
Se eu fosse amada, seria
Nosso amor viveiro teu,
E nele tu meu canário,
E a tua canária eu.

MARCELO: Mas é tal e qual, Sofia! Salvo não comermos alpiste, nem vivermos engaiolados.

SOFIA: Marcelo, por amor desses pássaros fazes-me perder noites de teatro...

MARCELO: Maçadas horríveis guardado o respeito devido ao conservatório dramático...

SOFIA: Nos bailes abandonas-me sozinha horas inteiras sem o mais leve zelo para vir a casa cuidar dos canários.

MARCELO: Anjo de virtudes não precisas de meu zelo para defender-te, e os canários,

coitadinhos, não podem dispensar minha solicitude.

SOFIA: Ah! Se e assim, não digo que andes errado; Mas... Todavia...

MARCELO: Mas... Todavia... Todavia o quê?

SOFIA: Nada... Sim: eu queria dizer que o marido é quem faz a mulher.

MARCELO: É; mas também às vezes é vice-versa: a minha canária Raimunda conseguiu dominar o caráter indomável do Garibaldi. Na criação dos canários aprende-se tudo, até filosofia moral.

SOFIA: Aprende-se tudo?... E quando, por exemplo, em um casal a canária é desprezada pelo canário que lhe deram por marido?

MARCELO: Vejo que vais tomando gosto!... Ainda bem: Esse caso é simples: muda-se o canário, e a canária justamente ressentida consola-se depressa com outro amor, que se lhe oferece.

SOFIA: Senhor!... É demais!...

MARCELO: Mas se é assim que se faz, e que a arte manda fazer, Sofia!...

SOFIA: Perdão! Sou tola. Tens razão. (*Sentimental.*) Eu me perdia em transportes de imaginação... E tu estavas embebido na filosofia moral dos canários... não nos entendemos . . .

MARCELO: Transportes de imaginação?... Que era isso?

SOFIA: Sonhos poéticos... Nada mais.

MARCELO (*depois de refletir*): Ora!... Não há poesia, como na criação de canários. (*Consulta o relógio.*) Ainda tenho três quartos de hora... Parece que hoje acordei muito mais cedo do que costume. Vou despedir-me do viveiro. (*Indo-se e volta.*) Sofia, há pouco te escapou

um mas... Todavia... Com reticências; e agora te perdias em transportes de imaginação e em sonhos poéticos... Acho mesmo no teu rosto um não sei que de novo... Como nos canários em certa situação psicológica.

SOFIA: Que impertinência: Vá ver os seus canários! (*Senta ao piano e canta.*) Foi um dia, triste noiva

Desamada, muito aflita
Encontrou gentil mancebo
Que ofereceu amor à dita.

MARCELO: Continuas a graça?... Que é que devo entender?...

SOFIA: Desamada a pobre noiva
Honestamente não quer ceder;
Mas na pedra bate a onda,
Ai, se a pedra amolecer!...

MARCELO: Pior vai a história! Que onda é essa que bate na pedra?

SOFIA: E o marido indiferente
Nem o rival sabe ver!

E a onda a bater na pedra
Ai se a pedra amolecer!...

MARCELO: Sofia! No teu canto a onda que bate é um insulto, e a hipótese de amolecimento da pedra é ameaça de... de... de... de... Eu exijo imediatas explicações!

SOFIA: Como estás importuno! Nem ao menos deixas que eu me distraia, cantando os meus romances?... Vai ver os teus canários, Marcelo.

MARCELO: Todavia com reticências... Transporte de imaginação com sonhos poéticos... E enfim agora esta onda batendo na pedra, e a pedra já em evidentes disposições de amolecimento... Sofia, quero saber se algum atrevido te namora!...

SOFIA: Senhor!... (*Curto silêncio.*) O esposo deve observar e zelar sua

esposa; mas não pode dirigir-lhe semelhante pergunta sem cair no extremo do ridículo. *(Outro tom.)* Marcelo, vai ver os teus canários.

MARCELO: E sempre a teimar com os meus canários!... Senhora... *(A rir, muda de tom.)* Como sou tolo!... Mas a coisa não era para menos!... Fizeste-me ver estrelas ao meio-dia! Ah, espertalhona, quase que caí no laço... Já estava entrando na fogueira do ciúme... Podes agora ficar em transportes de imaginação... Adeus, bela namorada... Deixa a onda bater na pedra... Eu vou ver os meus canários.

(Sai.)

CENA VIII

(Sofia e Beatriz que logo entrou.)

SOFIA: Estava aí? Lá vai ele muito lampeiro! Fala a verdade: meu marido não merecia que eu o fizesse meu bobo alegre?...

BEATRIZ: Melhor é a lição que darás. Juvêncio acaba de entrar no jardim, e eu recomendei que o fizessem entrar para a sala: não tarda aqui.

SOFIA: Ainda bem! Chega a tempo... Marcelo me aconselhou que deixasse a onda bater na pedra...

BEATRIZ: Pois deixa; mas com jeito. Vou anunciar a chegada de Juvêncio a teu marido.

(Vai-se pelo fundo.)

SOFIA: Meu marido! Diz-lhe que eu sei muito bem o prêmio que lhe devia dar.

CENA IX

(Sofia e Juvêncio)

JUVÊNCIO: Minha senhora! *(Cumprimentos.)*

SOFIA: Senhor Juvêncio! Tenha a bondade de sentar-se: Marcelo prevenido do favor de sue visita não pode demorar-se...

JUVÊNCIO: Contemplando-a minha Senhora, esqueço de todo o feliz marido de V. Exa. e que ele se demorasse um século, chegaria sempre demasiado cedo.

SOFIA: Tenho medo de exageros: muito antes do fim do século, meu marido o apanharia contemplando-me no outro mundo...

CENA X

(Sofia, Juvêncio, Beatriz e Marcelo que traz uma gaiola com canários.)

MARCELO: Juvêncio, alvíssaras! Ana Bolena já pôs! Trouxe a gaiola pare que visses e admirasses o ovo. Olha!

(Mostra.)

JUVÊNCIO: Arrebatador!

MARCELO: Não é? E o garbo e a ufanía do Capitão Buridan, enquanto Ana Bolena comovida e pudibunda parece confundir-se!... *(Assobia.)* Eles já me conhecem! Segui em tudo os teus conselhos e o capitão Buridan mostrou-se digno de promoção a tenente-coronel. Esta é a verdadeira poesia da natureza!

JUVÊNCIO: Mas por causa de Ana Bolena perdeste hoje estupendo leilão de canários.

MARCELO: Não perdi: vou a ele; ainda é tempo...

(Mostra o relógio.)

JUVÊNCIO: Como? *(Consulta o relógio.)* O teu relógio está atrasado hora

e meia.

MARCELO: Só se parou... Não; trabalha; e aquela pêndula... *(Olha)* Idem. Juvêncio, és tu que estás adiantado...

JUVÊNCIO: Ah, Marcelo, infelizmente não. *(Olhando para Sofia.)*

MARCELO: Quem foi então o demônio que atrasou os relógios? Mas... talvez eu ainda apanhe a última parte do leilão...

JUVÊNCIO: Talvez... E no fim os melhores casais...

MARCELO: Vou: levo a gaiola para o viveiro e saio pelo jardim. *(indo e volta.)* Juvêncio, espera-me aqui. *(Vai e volta.)* Beatriz, deixa Juvêncio com Sofia e põe-te de sentinela ao macaco da vizinha *(Vai e volta.)* Sofia! *(Baixo.)* Peça-te que entretinhas Juvêncio... Mostra-te afável... Meiga... Prende-o bem. *(Alto)* Até já.

(Vai-se.)

SOFIA *(a Beatriz):* Ele pede-me que entretinha, que prenda bem Juvêncio! Teu irmão não é marido a me empurrar?

BEATRIZ *(alto):* É impossível, mana! Não posso ficar. Tens a agradável companhia do Sr. Juvêncio, e Marcelo não me perdoaria, se eu abandonasse o seu viveiro aos assaltos do macaco da vizinha. Com licença. *(Sai.)*

CENA XI

(Sofia e Juvêncio)

JUVÊNCIO: Minha Senhora, permita-me inocente pergunta: por que se empenhava em reter conosco sua digna cunhada?

SOFIA: Nem sei... Talvez sentimento generoso; foi para que lhe

custasse menos a esperar por meu marido.

JUVÊNCIO: Ah, não foi! É que V. Exa. se empenha sempre em impedir ocasião em que eu possa expandir os puros e ternos afetos de minh'alma.

SOFIA: Mas evidentemente o Senhor nem assim respeita o dever desses impedimentos.

JUVÊNCIO: Queixe-se de si mesma: a culpa é da sua formosura. Por que a natureza havia de formá-la tão bela, tão irresistivelmente encantadora?

SOFIA: Creio que a natureza me fez, como sou, pare que meu marido gostasse de mim.

JUVÊNCIO: Marcelo é por todos os títulos, e principalmente por ser esposo de V. Exa., o mais precioso dos homens; não receio porém jurar que a natureza, quando criou V. Exa. lindíssima e graciosa, não teve idéia, nem se lembrou de Marcelo.

SOFIA: Sim; neste ponto estamos de perfeito acordo sem inconveniente algum.

JUVÊNCIO: Submeta-se, pois, ao império da lógica. A esplêndida beleza que deslumbrou Marcelo pode também endoidecer de amor a outro.

SOFIA: Não disputo a homem algum, o direito de me achar bonita e a fraqueza de endoidecer de amor por mim; ficando-me também o direito de conservar sempre o meu juízo.

JUVÊNCIO: Nem eu aspiro mais: Oh! D. Sofia. Conservando perfeito o juízo e inabalável a sua virtude, permite que eu a ame, autoriza-me a consagrar-lhe meu amor,

embora não correspondido?

SOFIA: E o Sr. Juvêncio não pensa que semelhante autorização seria claro sintoma de contágio da sua loucura?

JUVÊNCIO: Bela Sofia, o meu amor tem a pureza dos anjos!

SOFIA: Para que me persegue e procura extraviar-me? O seu amor de anjo arrasta muito as asas pela terra! É anjo que promete o céu; mas levaria a vítima para o purgatório.

JUVÊNCIO: Não! Não!... Amo-a perdidamente; mas quero-a sempre no céu!... *(Canta.)* Amo, a luz de amor não peço

Que o dever fatal condena;

Mas em tão aflita pena;

Seria feliz ainda assim,

Se quem amo sem amar-me

Se deixasse amar por mim.

SOFIA: Para semelhante amor que não reclama reciprocidade a senhora casada não pode dar, mas os homens não pedem licença.

JUVÊNCIO: Ainda bem! V. Exa. Permite...

SOFIA: Perdão! Se eu o permitisse, eu ficaria em dívida, e meu marido ainda não me autorizou a ter credores...

JUVÊNCIO: Ah! D. Sofia! Para que zomba de mim e enche de perturbação e de dúvidas o meu espírito?...

SOFIA: E eu? Acha que tem me confundido e atormentado pouco? Diz que ama-me... Eu não posso... Não hei de corresponder ao seu amor... Sou casada... Mas se ama-me, o que não me é dado impedir... Não me fale, não me atribule mais... Estou perturbada... Preciso serenar-me... Beatriz pode chegar...

JUVÊNCIO: Mas... Que chegasse...

SOFIA: Ah, senhor! Não compreende que ela poderia fazer mau juízo do desassossego em que me acho, apesar do quanto fiz para desanimar o abuso de suas loucas declarações de amor insensato?

JUVÊNCIO: Oh!... Linda Sofia, se eu perco este ensejo feliz...

SOFIA: Não continue!... Pensarei que intenta comprometer-me... Beatriz ou meu marido...

JUVÊNCIO: Marcelo está fora... Sua cunhada de sentinela...

SOFIA: Mas Beatriz vai sair a visitar uma amiga... Só lhe falta tomar o chapéu... Pode vir a cada momento...

JUVÊNCIO: Pois bem; sua cunhada sai; seu marido tem de ir à praça do comércio hoje; D. Sofia, eu lhe rogo! Consinta que eu volte aqui, quando uma e outro estiverem fora... Ouvir-me a confidência e... sem receios...

SOFIA: Não!... Digo-lhe que nego a concessão que pede... Nego-a!

JUVÊNCIO: E se eu for desobediente e vier?... Mandará despedir-me pelos seus criados?

SOFIA: Oh, que perseguição! O Senhor quer impor-se... Bem sabe que se eu o mandasse despedir, os criados procurariam adivinhar o motivo, e meu marido, quando soubesse... Senhor Juvêncio, eu... Não... O amo; jure que não há de vir, ou fingirei estar doente...

JUVÊNCIO: Ouça-me pois agora mesmo...

SOFIA: Não!... Eu chamarei minha cunhada...

JUVÊNCIO: Em tal caso hei de vir... É imprescindível... Hei de vir...

SOFIA: Tomo a sua própria consciência por testemunha de que não dou licença... E de que só apesar do meu... Contra a minha vontade, e por cruel abuso...

JUVÊNIO: Ainda assim... Ame-a!
Adoro-a... Hei de vir...

CENA XII

(Juvêncio, Sofia e Beatriz.)

BEATRIZ: Marcelo vem chegando a marche - marche.

SOFIA: Ah!

BEATRIZ: Como tenho de sair, vou olhar em despedida para o meu casal de canários e tomar o chapéu...
(A Sofia.) Mas... Tens alguma coisa, mana? Acho-te comovida... Ah! É a chegada do querido Marcelo...

(Vai-se.)

SOFIA: Vê?... O senhor confundiu-me de modo que Beatriz notou... Não sei como hei de encarar meu marido...

JUVÊNIO: Tranqüilize-se; eu tomo conta de Marcelo: verá que é fácil... *(Com intenção.)* É muito fácil...

SOFIA: Que ao menos eu saiba sobre que conversávamos... *(Confusa.)* Ah!... Diga... Invente... Sobre que era?... O senhor... Me desorientou...

JUVÊNIO: Ora!... Questão de canários. Sossegue... Quer ver como seu marido me aplaude?... D. Sofia, não se ria de mim; sujeito-me ao ridículo para serenar o seu ânimo... *(Põe-se a assobiar arremedando o trinado do canário.)*

CENA XIII

(Sofia, Juvêncio e Marcelo, que pára e

fica escutando jubiloso e admirado, e Beatriz de chapéu, como que pronta para sair.)

MARCELO: Bravo!... Sublime!... Tal e qual como o meu Lamartine, quando solicita Maria Stuart.

JUVÊNIO: Marcelo!...

MARCELO: Que demônio talentoso!... Que homem de gênio!... Que dizes, Sofia, deixei-te bem entretida, ou não?... Como estás toda agitada... E tens razão... O rapaz é um gosto! Agradece-me e aproveita esse tesouro!... Que perfeita ilusão... Juvêncio, canta outra vez, trina!... *(Juvêncio repete o trinado)* Bravo!... Bravíssimo!... É mesmo o meu Lamartine...

SOFIA: Mas sem Maria Stuart, Marcelo.

MARCELO: Sim; mas é pena: o trinado é de solicitação, eu o conheço... e se tu soubesses arremedar os piupius da canária...

SOFIA *(a Beatriz):* Que marido sandeu, Mana!

BEATRIZ *(a Sofia):* Das nossas amigas há uma que t'ó invejaria.

MARCELO: Voltei furioso por ter perdido o leilão: hei de descobrir quem me atrasou o relógio! O Dr. Anselmo de Oliveira arrematou os três casais de escolha; mas o trinado de Juvêncio restituiu-me o bom humor: ainda não lhe conhecia esta admirável habilidade! Ah, Sofia, que ditoso quarto de hora passaste... Juvêncio, nem fazes idéia do favor que te devo! Repete este doce entretenimento muitas vezes; educa Sofia no amor dos canários... Educa-a... Faze-me este obséquio... E tu, minha Sofia,

perde teu natural vexame...
Aproveita o mestre... Aprende
ao menos com ele arremedar o
trinar dos canários... Tome lições
com ele, Sofia!

SOFIA: Marcelo, isso não tem senso
comum!

MARCELO: Mas basta que seja do meu
gosto: Juvêncio, nomeio-te mestre
de canto de canário de minha
mulher... Ensina-lhe os trinados: ela
tem talento...

JUVÊNCIO: Grande honra para mim, se
D. Sofia o levar a bem.

SOFIA (a Beatriz): Teu irmão está me
empurrando ou não?... Meu
marido devia passar um ano no
hospício da Praia Vermelha.

MARCELO: Juvêncio, Sofia, a primeira
lição já: quero assistir à primeira
lição... vamos ensaiar...

SOFIA: Ensaiar! (*A Beatriz.*) Ouviste? Ele
quer que eu ensaie com
Juvêncio!...

BEATRIZ (alto): Marcelo te pede
entretenimento tão inocente!...

MARCELO: Assim, Beatriz! Ajuda-me a
fazê-la aproveitar o mestre.
Sofiazinha, deixa-te de vexames...

JUVÊNCIO: Minha senhora,
condescenda com meu marido...

SOFIA: O senhor pode trinar como
canário todo tempo que quiser...

MARCELO: É isso: ele trinará
solicitamente, mas a canária deve
acompanhar o trinado,
suspirando em notas soltas e
amorosas, assim: (*Arriando.*) Piu!
Piu! Piu!... Olha, Sofia; na doçura
do piado é que está o chiste.
Juvêncio, ensina-a a piar.

SOFIA: Marcelo, tu nem imaginas que
papel triste está fazendo!

BEATRIZ (à Sofia): Assim perdes o jeito!

MARCELO: Papel triste!... Que

puerilidade!... Pois bem: agora é
capricho: Pia um bocadinho só,
meu anjo!...

JUVÊNCIO: Ceda, minha senhora...

BEATRIZ (a Sofia): Pia, ainda que
desafines!

SOFIA: Não sou canária: não pio!...

MARCELO: Mas sou eu quem o pede!...
Toma Juvêncio por mestre, e verás
como pias bonito!... É um rapaz
de gênio.

SOFIA: Não quero!...

MARCELO: Sofia!...

SOFIA: Não quero!...

MARCELO: Nunca te vi tão
impertinente... tão...

CENA XIV

(*Sofia, Juvêncio, Marcelo, Beatriz e
Prestes.*)

PRESTES: O macaco da vizinha acaba
de voltar para dentro do jardim.

MARCELO: Oh! Juvêncio, vem em meu
auxílio... a defender o viveiro...
Temos lá espada, lança e revólver
para matar o macaco... Vem!...

JUVÊNCIO: Já... (*À Sofia.*) Minha
Senhora, creia que eu não sofria
menos do que V. Exa.

(*Vai-se pelo fundo.*)

SOFIA: Obrigada!... Beatriz, teu irmão é
um... um... bôbo!...

BEATRIZ: E tu não sabes ter jeito. (*À
frente da cena.*) Senhoras e
senhoritas, o macaco da vizinha
salvou a difícil situação. Tenho a
honra de informar a V. Exas. que o
macaco da vizinha não entrou
nem entrará em cena; mas é, e
será até o fim, o protagonista
desta comédia.

FIM DO 1º ATO

ATO II

Sala interior na casa de Marcelo; as portas laterais de entrada e de quartos. Ao fundo e à direita, porta de corredor; ainda no fundo, porta envidraçada e grandes janelas de vidraças, abrindo para a varanda e jardim. Móvel apropriada e de luxo.

CENA I

(Marcelo, Sofia e Beatriz.)

MARCELO: É indispensável que eu vá à praça do Comércio: tomara acabar com todos os meus negócios. *(À Sofia.)* Ainda amuada?... És muito criança! Que mal havia em ser Juvêncio teu mestre de canto de canário?

SOFIA: Marcelo, vive com os teus canários, e deixa-me em paz. Não quero saber do teu amigo Juvêncio: previno-te muito seriamente de que o tenho em má conta, e de que desconfio de seu caráter.

MARCELO: Sim; porque ele é meu melhor amigo, e porque, como verdadeiro mestre de criação de canários, me aconselha e me anima. Tu me contrarias, e nem fazes idéia do desgosto que me causas.

SOFIA: Não te amofines por tão pouco: farei sempre o que for da tua vontade: o meu dever de esposa é obedecer-te.

MARCELO: Mas há meia hora que teimosamente te negaste a arremediar o piu-piu dos canários, e quando eu dava para ensinar-te um mestre como não há dois...

SOFIA: Está bem; mais tarde

condescenderei nesse ponto contigo; eu estava muito vergonhosa...

MARCELO: Não havia de quê. Minha Sofia, deselo que te instruas no canto dos canários, tomando lições com Juvêncio: tu o ouviste trinando: é um gênio aquele rapaz! Há de te convencer do seu alto merecimento: aquilo é trigo sem joio. Minha boa Sofia, sê amável com Juvêncio... Trata-o benignamente...

SOFIA: Mana, seja testemunha; eu não estimo Juvêncio; mas meu marido quer... Exige...

MARCELO: Beatriz, aconselha a esta linda caprichosa, apaga em seu ânimo as prevenções injustas...

BEATRIZ: Ah! Queres que também eu me empenhe para que tua mulher te faça a vontade?...

SOFIA: Não é preciso. Marcelo, conta comigo. Tu mereces tudo: eu te obedecerei tanto quanto me for lícito. Se em tua ausência Juvêncio por acaso viesse...

MARCELO: Agrado a amabilidade... E se ele te propusesse ensaiar lição de canto de canários, aproveita o mestre, Sofia!...

SOFIA: Podes sair e demorar-te na praça do Comércio com sossêgo, e com a certeza da minha obediência. Tu o queres, seja assim.

MARCELO: Ah! Se de volta eu te apanhasse com Juvêncio em lição de trinado de canário e de piu-piu de canária, extasiado bateria palmas!

SOFIA: Questão renhida: quem pode mandar, mandou: a mulher cumpre as ordens do marido.

MARCELO: E que marido ditoso me

fazes!... Obrigado, minha Sofia;
muito obrigado! Tiras-me um peso
de sobre o coração. Juvêncio não
terá razão de queixa! Estou tão
contente, que o diabo leve os
negócios que tenho na praça!
Não saio!... Hoje é dia de festa!
Vou passar uma doce hora no
viveiro... Deixei lá a rabilonga
Niniche no ninho... Depois outra
hora inteira junto da minha Sofia...
(*Vai e volta.*) Fico certo de que se
Juvêncio vier, serás amável com
ele... Obrigado, minha querida,
muito obrigado!... (*Canta.*)

Agrada. Sofia, agrada,

Agrada ao guapo rapaz!

Mostra-te meiga, suave.

E o que é Juvêncio verás!

Aquilo é tesouro, é gênio

Que outro igual nunca acharás;

Agrada. Sofia, agrada,

Agrada ao guapo rapaz!

(*Vai-se.*)

CENA II

SOFIA: Oh! Há maridos! (*A Beatriz.*) Tu
no meu lugar?

BEATRIZ: Faria o que hás de fazer.

SOFIA: Sim; mas teu irmão... Este meu
marido pateta...

BEATRIZ: É pobre maníaco de quem
deves ser irmã de caridade; mas,
bem entendido, sem fazer-lhe a
caridade dos maliciosos.

PRESTES: O Sr. Dr. Anselmo de Oliveira
está na sala.

SOFIA: Conduza-o para aqui.
(*Vai-se Prestes.*)

BEATRIZ: Agora a história é comigo.
Volto em dois minutos.

SOFIA: Como é isto? Fugis do noivo?...
Pobre de minha cunhada!... O Dr.
Anselmo também cria canários.

CENA III

(*Sofia e Anselmo de Oliveira, que traz e
deixa sobre uma cadeira uma
gaiolinha com um casal de
canários, e logo Beatriz, que traz e
põe sobre o aparador ou cadeira
outra gaiola com um casal de
canários, e fica ouvindo.*)

ANSELMO: D. Sofia!

SOFIA: Doutor!

(*Apertam as mãos.*)

ANSELMO: Felicito-a pela saúde que
goza, e que radia no seu rosto. E
D. Beatriz?

SOFIA: Esperando ansiosa que o doutor
cure-a radicalmente dos
sofrimentos do coração...

ANSELMO: Agradeço a sua resposta
ainda mesmo com a malícia de
radicalmente...

SOFIA: Que malícia! Creio que o
doutor continua sempre a
assegurar o terno e suave triunfo
da ciência...

ANSELMO: Sempre, se a formosa doente
tiver confiança no médico.

BEATRIZ (*avançando*): Tenho-a.
(*Apertam as mãos.*)

ANSELMO: Oh!... D. Beatriz!... Adivinho
que passou perfeitamente bem.

BEATRIZ: Ao contrário: esta manhã senti
por alguns instantes como
interrompidos os batimentos do
coração, e estive a ponto de
desmaiar: pensei morrer...

ANSELMO: Sempre fenômeno nervoso
sem gravidade; mas em todo o
caso, se o permite, ouvir-lhe-ei de
novo o coração...

BEATRIZ: Desde que o julga
conveniente... (*A Sofia.*) Mana, ele
vai ouvir-me de novo o coração,
que já lhe tem dito tudo..

SOFIA (*a Beatriz*): Sim... O fenômeno

nervoso é peta...

BEATRIZ (*a Sofia*): Peta?... Daqui a pouco hei de sentir outro (*A Anselmo*.) Quer que me sente, doutor?

ANSELMO: Não é necessário. Dê licença ao médico.

(*Começa a ouvir*.)

SOFIA (*recuando*): Doutor, atenda ao nervoso de minha cunhada.

CENA IV

(*Sofia, Anselmo, Beatriz e Marcelo que logo se retira*.)

MARCELO (*entrando com ímpeto*): O macaco da vizinha...

SOFIA (*contendo-o*): Silêncio!... O doutor está examinando o coração de sua irmã.

MARCELO: Vejo-o; mas o caso do macaco é muito mais sério e urgente.

SOFIA: Marcelo... isto é fora de propósito...

MARCELO: Com efeito! O doutor nem se comoveu, ouvindo o meu brado argentino!... O exercício da medicina ainda está muito mal educado!... Não tenho o que fazer aqui... Vou ver se mato o animal perverso... (*Vai-se*.)

(*Anselmo e Beatriz cantam*.)

ANSELMO (*ouvindo*): Respire... Respire mais...

BEATRIZ: Sinto aí... doce fervor...

ANSELMO: Deus abençõe essa flama...

BEATRIZ: Sim... ferve e não sinto dor.

ANSELMO (*acaba o exame*): Bate, bate o coração;

Mas que bata sempre assim
Docemente, ternamente
Palpitando só por mim.

BEATRIZ: Como bate o coração
Sinto bem dentro de mim;

Mas se quer que assim palpите,
Palpitará sempre assim.

ANSELMO: E que bata só por mim.

BEATRIZ: Sempre... Sempre... sempre assim.

SOFIA: Diga-me, doutor, costuma examinar deste modo todas as suas doentes do coração?

BEATRIZ: Mana!

SOFIA (*a frente*): A doente respondeu pelo médico; ela quer que eu vá por algum tempo fingir que olho para os canários de meu marido.

(*Vai-se*.)

CENA V

(*Beatriz e Anselmo*.)

ANSELMO: D. Beatriz, o médico já não vê doente; mas o apaixonado amante se apresenta rendido a seus pés...

BEATRIZ: Confesso que esperando sem impaciência o médico, achei que o apaixonado amante se demorava um pouco; mas enfim... tem razão: a clínica antes do amor.

ANSELMO: Castigue-me! Sou réu confesso e arrependido, e nem tenho a desculpa da clínica. Foi um maldito leilão de canários que me reteve: arrematei três casais lindíssimos; este porém é admirável. (*Apresenta a gaiolinha*.) Veja!... Trouxe-os para fazer inveja a seu irmão. (*Descansa a gaiolinha*.) Perdoame, Dona Beatriz? Aqui me tem mil vezes mais cativo.

BEATRIZ: Mil vezes mais me parece muito: é de consciência o que diz?

ANSELMO: Não seja vingativa; o seu amor é minha vida. Lembre-se, D.

Beatriz, a quinzena cruel acabou ontem e hoje é o dia em que deve decidir do meu destino...

BEATRIZ: Hoje! Não sei ainda: há tristeza em casa: Sofia e Marcelo estão em lamentável desinteligência por causa dos canários que minha cunhada detesta...

ANSELMO: Esposos tão felizes!... Faz pena esse capricho infantil de D. Sofia: a criação de canários é entretenimento inocente e deleitoso.

BEATRIZ: Ah!... É também apaixonado assim?

ANSELMO: Muito! Às vezes no meu viveiro esqueço de dia que as horas passam, e de noite que o leite e o descanso me esperam...

BEATRIZ: De dia... e de noite... É tal e qual como Marcelo!

ANSELMO: Felizmente D. Beatriz não detesta os canários como sua cunhada.

BEATRIZ: Ora!... Eu os adoro. Olhe, é também por causa deles, que estou triste. O meu casal de baios vai mal... Veja!

(Traz a gaiola e mostra.)

ANSELMO *(examina):* Não se aflija: é o que eu lhe disse anteontem: coitadinhos!... É preciso aparar-lhes as unhas demasiado crescidas: tenha a bondade de dar-me uma tesourinha...

BEATRIZ: Já, mas quero apanhá-los primeiro. *(Apanha os canários. Anselmo os toma um em cada mão.)* Não os magoe! Vou buscar a tesourinha... *(Vai e Volta.)* Doutor, cuidado!... Não solte os meus canários.

(Indo-se.)

ANSELMO: Nem que houvesse um terremoto.

BEATRIZ *(estacando):* Ah!... Ah!... Ah!...

ANSELMO: Que é? D. Beatriz...

BEATRIZ: Como de manhã... Sufocação, Olhos sem luz... Ah! Ah!
(Estendendo os braços.) Acuda-me!...

ANSELMO *(Solta os canários e toma as mãos de Beatriz):* Ah!... Mas... Calor natural... Pulso normal...

BEATRIZ: É que o nervoso já passou. Doutor, e os meus canários?

ANSELMO: Ah, D. Beatriz! Que insidiosa travessura! Um casal de primorosos baios perdido!

BEATRIZ: Não mandei soltá-los, quero que m'os pague.

ANSELMO: Anjo traquinas, eis a paga. *(Dá-lhe a gaiolinha.)* Este casal é especialidade raríssima... Seu mano não possui igual... Isto é maravilha que a arte arrancou da natureza.

BEATRIZ: Mas... Sacrifício tão grande... Não quero.

ANSELMO: Não é; mas que fosse sacrifício, hoje eu festejaria com mil sacrifícios a realização das esperanças do meu amor...

BEATRIZ: É pois como festa de amor?... Aceito... Anselmo! Amo-te!... Aceito!

(Recebe a gaiola.)

ANSELMO *(de joelhos):* Beatriz!...

(Beijando-lhe as mãos.)

BEATRIZ: Anselmo!... Amas-me?... Amas-me muito?

ANSELMO: Oh!Oh!

(A beijar-lhe a mão.)

BEATRIZ: Que felicidade!... Que felicidade!... Ah!, meus canários!... Meus doces testemunhos de amor!... De amor!... *(Mudando de tom.)* Toma-os... Não os quero... Não...

ANSELMO *(em pé):* Beatriz!... Tão no

céu que estava...

BEATRIZ: Toma-os! (*Obriga-o a tomar a gaiola.*) Não os quero! Pobres inocentinhos, na opressão contrastam com a minha felicidade!... Ah, Anselmo! Nós nos amamos; mas eles também se amam! Nós temos o doce encanto das livres expansões do amor, e eles só podem amar-se em cativeiro cruel!... Sem liberdade... Sem espaço... Penam... Ah, eles não cantam, gemem!... (*Anselmo comove-se.*) Isto me faz mal, dói-me muito... Na minha felicidade... Eu os quisera felizes como eu... Soltos... Voando jubilosos... E entoando os seus trinados sobre as árvores, e no meio das flores o hino do nosso amor!

ANSELMO: Oh! Beatriz!... Alma poética e santa!...

(*Solta os canários.*)

BEATRIZ: Doutor, meu amado Anselmo!... Acaba de dar-me carta de fiança; sou sua noiva.

ANSELMO: Ah, bela e alucinadora feiticeira!...

CENA VI

(*Beatriz, Anselmo e Sofia.*)

SOFIA: Doutor, como vai Beatriz do seu nervoso?

BEATRIZ: Mana, devo supor-me perfeitamente restabelecida; pois que o Sr. Dr. Anselmo de Oliveira acaba de honrar-me com a mais doce proposição, a que correspondi com encantamento.

SOFIA: Parabéns... Mas, doutor, é amor acompanhado de mania? É noivo com acompanhamento de canários?

ANSELMO: D. Sofia, sua formosa mana provou-me em poucos minutos que casado com ela não terei tempo, nem vontade de criar canários.

BEATRIZ: Eu não exigi coisa alguma... Não sou caprichosa, como Sofia.

SOFIA: Entendo... milagres do jeito...

BEATRIZ: E nem egoísta. Mana, o teu namorado não pode tardar. (*Movimento de Anselmo.*) O doutor vai ser teu irmão, já que é meu noivo: confio-lhe o nosso segredo. Eu devo ir já pôr em fogo do inferno a cabeça e o coração de Marcelo.

SOFIA: Creio que já não são materiais inflamáveis... Vamos ver.

BEATRIZ: Respondo pelo incêndio. Teu marido se precipitará para esta sala, e tu, lá dentro, espera que eu te previna da chegada do feliz sedutor. Temos agora por nós uma ótima testemunha! O doutor deve ficar oculto neste gabinete.

(*Aponta.*)

ANSELMO: Confesso que me acho tonto...

BEATRIZ: E tem razão: Verá como sou ardilosa, pense pois duas ou três vezes antes de casar comigo. Passo a tontear muito mais meu irmão.

(*Vai-se.*)

CENA VII

(*Anselmo e Sofia.*)

ANSELMO: Explica-me o enigma?...

SOFIA: É que... Meu marido menospreza-me sem talvez o pensar, todo o exclusivamente ocupado com seus canários...

ANSELMO: Ah!... Por isso D. Beatriz fez-me soltar os baíos e os

corcundinhas!

SOFIA: E acontece que... Namorada, perseguida por um insolente... E meu marido cego e surdo...

ANSELMO: Entendo... Cego e surdo é caso de ficar-lhe muito obrigado...

SOFIA: Mas... Não tarda o sedutor comigo... Em conferência... Em entrevista confidencial... E amorosa...

ANSELMO: Oh! Minha Senhora!...

SOFIA: E Beatriz foi denunciá-la a meu marido...

ANSELMO: Denunciá-la! Mas então...

SOFIA: Sinto passos... Meta-se no gabinete...

ANSELMO: Mas eu fico às escuras...

SOFIA: Espere lá pela luz... Entre!
(*Anselmo entra.*) E eu saio...

(*Vai-se.*)

CENA VIII

Marcelo e Beatriz

BEATRIZ: Marcelo, prudência!

MARCELO: Sofia estava aqui! Fugiu-nos... Sem dúvida para prevenir o infame a adiar a criminoso entrevista!... Oh!... Mas não se crê!... É impossível que um homem que tem o dom de trinar como o melhor canário, seja capaz de traição semelhante!... Oh!... Não pode haver nem confiança na poesia do gênio!... Se tu não mentes, Beatriz, esse malvado Juvêncio é até pior do que o macaco da vizinha! Beatriz, vê bem: é positivo?

BEATRIZ: Apanhando-os a conversar sonhos, desconfiei e pus-me a ouvir escondida: Juvêncio propunha e pedia a conferência, dizendo mil finezas.

MARCELO: Infame!... E Sofia?...

BEATRIZ: Respondia que não; mas em tom que era como se dissesse sim... E a prova te-la-ás em breve!...

MARCELO: Oh!... Sim!... Foi a pedra que amoleceu com o bater da onda!... Mas... Beatriz, tu não desconfiaste de repente: desde quando começaste a suspeitar que... Que sou tolo... Desgraçado?...

BEATRIZ: Há dias que percebi o namoro de Juvêncio; mas somente hoje me convenci da fraqueza de minha cunhada.

MARCELO: E por que não me previniste? Que opróbio!... Deixaste-me pedir a Sofia que fosse amável com Juvêncio e que o tomasse por mestre de piu-piu das canárias!... Que papel de bobo fiz à vista dos dois traidores...

BEATRIZ: Eu não desejava perturbar a harmonia conjugal...

MARCELO: Muito obrigado!... Harmonia conjugal com os trinados e piados pedidos por mim, que vergonha!... E a pérfida a fingir vexames! Quem sabe como ela piava em minha ausência!... Oh! Miseráveis...

BEATRIZ: Serena o teu espírito...

MARCELO: É boa! Com semelhante peso de traição na cabeça, o senhor Marcelo que serene o seu espírito!...

BEATRIZ: Deves averiguar a verdade; talvez que Sofia não tenha ainda mentido ao seu recato, e talvez os grandes culpados sejam o vil sedutor e o marido desleixado que pela mania da criação de canários...

MARCELO: Mais esta!... Eu e os meus canários carregando com a culpa da perversidade de minha

mulher!

BEATRIZ: Não tens provas de que ela te seja infiel.

MARCELO: Tenho-a: voltando do leilão achei-a toda derretida com Juvêncio; ele trinava, como canário a solicitar, e eu, marido basbaque, eu bati palmas!... Mandei repetir... Talvez que gritasse bis!... *(Puxando os cabelos.)* Bis, pateta!... Bis, ridículo mistificado! Bis, estúpido!...

BEATRIZ: Repara que desatinas: o que te cumpre é esperar, ver e ouvir. A conferência é aqui; oculta-te naquela varanda e...

MARCELO: Sofia não receberá Juvêncio, estando eu em casa: a traição será adiada; mas eu...

BEATRIZ: Engana-te: eles contam com o teu interminável êxtase no viveiro de canários.

MARCELO: Sempre alusões malignas aos meus pássaros!... Pois bem: ficarei ali... Quero vê-los... Oh, Beatriz, não terá vergonha de teu irmão... hei de vingar-me!

BEATRIZ: Ficarei contigo para impedir escândalos...

MARCELO: Não.

CENA IX

(Marcelo, Beatriz e Prestes.)

PRESTES: O Senhor Juvêncio.

MARCELO: Ah! Juvêncio!...

BEATRIZ: Que entre. *(Vai-se Prestes.)* Vou anunciar a Sofia e dizer a esta que saio a fazer visitas; mas atravessando o jardim, voltarei para teu lado... Anda!

MARCELO *(indo):* Não!... Eu quero ficar só e livre... Quero-o!

BEATRIZ: Juras que terás juízo? Que esperarás ao menos até o fim da

conferência?

MARCELO: Juro, sim *(Entra para a varanda.)* Beatriz! *(Beatriz, que ia sair, volta.)* Tem pena de mim! Enquanto a honra me prende aqui, fica ao pé do meu viveiro a tomar cuidado no macaco da vizinha.

(Esconde-se.)

BEATRIZ *(impaciente):* Que homem! *(Vai-se.)*

CENA X

(Marcelo na varanda. Anselmo no quarto e às vezes olhando da porta. Beatriz que aparece às vezes na porta do corredor; Juvêncio e logo Sofia – Em todo o correr da cena Marcelo ora aparece, ora se oculta indicando na fisionomia e nos gestos os afetos que o agitam.)

JUVÊNIO *(entrando):* Ninguém!...

SOFIA *(entrando):* Teimou em vir, aqui estou.

JUVÊNIO: D. Sofia, que prazer e que felicidade!... Seu marido saiu?

SOFIA: Não está como sempre no viveiro de canários. Convém-lhe isso?

JUVÊNIO: Muito, e que viva sem cessar engaiolado com os seus canários.

SOFIA: Por que o deseja assim?

JUVÊNIO: Por que é assim o melhor patrono do meu amor: ele no viveiro e eu aos pés da formosura: ele a dar alpinismo aos seus canários e eu rendendo cultos à bela Sofia; esposo que assim desdenha esposa tão linda, tenha por castigo o ênlevo do nosso amor.

SOFIA: Nosso amor? Como é isso?

JUVÊNIO: Ah! O nosso quer dizer o

meu; mas perdão... O meu não é tão suave como o nosso... E nesta conferência...

(Marcelo em cólera.)

SOFIA: Que o Senhor me impôs! Aqui estou; que queres?

JUVÊNIO: Só de joelhos devo falar ao anjo que adoro...

SOFIA: Oh, se meu marido chegasse e o visse nessa posição...

JUVÊNIO: Não lembre seu marido quando lhe juro amor! Ora, Marcelo! Se ele chegasse, eu mesmo de joelhos a seus pés trinaría como canário, e seu ótímo marido, batendo palmas, me pediría que trínasse mais.

(Furor de Marcelo.)

SOFIA: Que idéia então faz o senhor de meu marido?

JUVÊNIO: O melhor e o mais cômodo... Santo homem, que a esquecê-la facilita todas as expansões da minha ternura! Oh! Adorada Sofia!...

(Marcelo vai precipitar-se e depara Beatriz.)

BEATRIZ (dentro do corredor): O macaco da vizinha entrou no jardim!

(Luta e desespero de Marcelo.)

JUVÊNIO (em pé): Sua cunhada chegou...

SOFIA: Mas não sai do jardim; é seu costume; o pior é que Marcelo...

JUVÊNIO: Esse agora não deixa o macaco. Em todo caso, D. Sofia, ensaiamos o dueto de canários: eu trino solicitamente, e a senhora pia comovida. Seu marido, se chegasse, ficaria encantado!

SOFIA: Oh!, senhor! Que perseguição!
(Marcelo em fúria.)

JUVÊNIO: Sua beleza me transporta!... Amo-a... E a glória que almejo é

vir cada dia viver momentos celestiais a seus pés!

SOFIA: E eu a ouvir sempre este canto de sereia, e meu marido a abandonar-me indefesa, sacrificada aos seus canários... É horrível!

JUVÊNIO: O ingrato Marcelo não merece o seu amor! Menospreza-a!... A senhora está no seu direito recebendo os cultos de quem a idolatra, e saberá torná-la feliz...

(Marcelo em vivo furor.)

SOFIA: Oh, que homem a seduzir, e que marido a desleixar-me! *(Canta.)* E assim se perca tanto!

A esposa desprezada
Um dia escuta errada
Do sedutor o canto
Cresce o perigo ingente
E então se em falso passo
A gente cai no laço,
Depois falam da gente.

BEATRIZ (dentro): O macaco da vizinha arrombou o viveiro, e já furtou o ovo de Ana Bolena!

(Marcelo abre a porta, avança um passo e recua na maior luta entre o ciúme e o amor dos canários.)

JUVÊNIO: Outra vez o macaco! Ah, o tempo urge! Formosa, adorada Sofia! Atenda ao seu escravo! Diga se aceita o meu amor?

SOFIA: Mas meu marido... meu marido!...

JUVÊNIO: Seu marido... Seu marido... É como o macaco da vizinha: lá anda pelo jardim... Não é esposo sério que se tema, é auxílio que se aproveita!

(Marcelo fora da porta em raiva.)

SOFIA: Exige pois a minha resposta?

JUVÊNIO: Oh! Sim!

(Marcelo em ânsia.)

SOFIA: Escute pois: meu marido é

insensível, ingrato ao meu amor...

JUVÊNIO: Mil vezes pior! Judia com a mais bela criatura!

SOFIA: Mas o senhor, além de falso amigo, é parvo insolente, a quem mandarei enxotar pelos meus criados, se ainda ousar apresentar-se aqui!

JUVÊNIO: Oh!...

BEATRIZ (*dentro*): O macaco da vizinha está quebrando as gaiolas e soltando todos os canários!...

MARCELO: O diabo leve os canários!... (*Lançando-se sobre Juvêncio.*) O grande macaco é o infame! (*Agarra Juvêncio e vai dar-lhe uma bofetada.*) Miserável!...

(*Anselmo sustem-lhe o braço; Beatriz chega, Sofia recua dois passos.*)

ANSELMO: Não manche sua mão; é cara de abjeto animal que não vale bofetada de homem de bem!

MARCELO: Doutor!...

ANSELMO: Sou noivo de sua irmã, e já assisti, prevenido, a esta dúplice lição.

MARCELO: Ah! Sai pois daqui, bicho imundo!... (*Larga Juvêncio, que atrapalhado e às tontas toma o chapéu e vai-se.*) Oh, minha Sofia,

perdão. De hoje em diante sou todo teu... E teu só!...

ANSELMO: Console-se comigo. Sua irmã já me curou a mania, fazendo-me, ardilosa, soltar dois casais de canários maravilhosos! Foi ela quem arranjou esta meada.

BEATRIZ: Eu? Ah, eu apenas, tola que sou, mostrei algum jeito: e a propósito, doutor, quer criar canários de sociedade comigo?

SOFIA: Marcelo, vamos criar canários em um viveiro só?...

ANSELMO: Feitiçeira!...

MARCELO: Oh, Sofia!...

SOFIA (*a Marcelo*): O macaco da vizinha

No viveiro não entrou...

BEATRIZ (*a Anselmo*): Já estão presos os baios

E os corcundas que soltou.

MARCELO (*a Sofia*): Sem ti não quero viveiro:

Ou contigo, ou lá não vou.

ANSELMO (*a Beatriz*): Mais que os baios e os corcundas

No teu laço preso estou.

(*Os quatro*) E ao macaco da vizinha

Glória ao favor que prestou.

FIM

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907**



IMPrensa OFICIAL
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE